

Do Ártico Estático ao Ártico Dinâmico

Maria de Fátima Goarmon Pedroso Lewis

Dissertação de Mestrado em Relações Internacionais

Setembro 2018

Agradecimentos

O processo desta tese, tem sido para mim estimulante e muito enriquecedor que começou quando me apercebi que esta matéria ainda está pouco explorada no meio académico. Por isso, entendi que devia iniciar este desafio na exploração desta terra mágica, cheia de incertezas, navegando muitas vezes em águas turbulentas, tal como os primeiros exploradores o fizeram.

Um especial agradecimento à Professora Doutora Teresa Rodrigues pela sua orientação, apoio e disponibilidade de transmitir as suas opiniões e críticas a todos os problemas que tenho tido.

Agradeço, com particular sinal de gratidão ao Senhor Professor Doutor Major General José Manuel Freire Nogueira que desde o primeiro momento se disponibilizou para me orientar neste trabalho, tão árduo para mim, e com o seu conhecimento e ajuda fez com que o trabalho ganhasse rumo e chegasse assim a este “lugar longínquo”.

Abstract

FROM THE STATIC ARCTIC TO THE DYNAMIC ARCTIC

The Arctic, during the Cold War period, was a military stage between the two superpowers, the United States and the USSR where they sought to assert their military power. With the turn of the millennium, and with the end of the Cold War period, the Arctic moved into a climate of stability and security, paving the way for cooperation among actors in the region.

Looking ahead, the Upper North region seems determined to be the stage for investment and trade, based in part on the new, increasingly busy routes linking Europe and Asia, and its perception of opening numerous seaports.

This region in transformation has become a relevant strategic geography with significant geopolitical, socioeconomic and environmental changes due to climate change, existing strategic natural resources and the opening of new shipping routes.

The framework of a new Arctic in the 21st century, in the light of International Relations, requires that institutions seek to maintain peace and stability in the region and look at the Arctic not only in the post-Cold War but also in the new environment of insecurity as a "globalized space".

Key Words: geography, politics, economy, power, resources.

Resumo

DO ÁRTICO ESTÁTICO AO ÁRTICO DINÂMICO

O Ártico, no período da Guerra Fria, foi palco militar entre as duas superpotências, EUA e a URSS onde procuravam afirmar o seu poderio bélico. Com o virar do milénio, e com fim do período da Guerra Fria, o Ártico passou para um clima de estabilidade e segurança, abrindo caminho para a cooperação entre os atores da região.

Olhando para o futuro, a região do Alto Norte parece determinada a ser palco de investimento e comércio, baseado em parte nas novas rotas que são cada vez mais movimentadas ligando a Europa e a Ásia, e a sua percepção de abertura de numerosos portos marítimos.

Esta região em transformação, tornou-se uma relevante geografia estratégica com significativas mudanças geopolíticas, socioeconómicas e ambientais, devido às alterações climáticas, aos recursos naturais estratégicos existentes e, à abertura de novas rotas de transporte marítimo.

O quadro de um novo Ártico em pleno século XXI, à luz das Relações Internacionais, requer que as instituições procurem manter a paz e a estabilidade na região, e olhar o Ártico não só no pós-Guerra Fria, mas também no novo ambiente de insegurança internacional, como “espaço globalizado”.

Palavras-chave: geografia, política, economia, poder, recursos.

Lista de Acrónimos

AAC - Conselho Atabasco do Ártico

ACAP - Arctic Contaminants Action Program

AEPS - The Arctic Environmental Protection Strategy

AHDR - Arctic Human Development Report

AIA - Associação Internacional Aleuta

AMAP - Arctic Monitoring and Assessment Programme

CAFF - Conservation of Arctic Flora and Fauna

CO₂ - Carbon Dioxide

D.N. - Diário de Notícias

ENVISAT - successor to ERS

EPPR - Emergency Prevention, Preparedness and Response

ESA - European Space Agency

EUA - Estados Unidos da América

GIC - Conselho Internacional Gwich

IBRU - Centre for Borders Research - Durham University

ICC - Conselho Inuit Circumpolar

IMT - The Institute for Maritime Technology

IPS - Secretariado de Grupos Indígenas

MMC - Marine Mammal Commission

MV - Mundo Vestibular

NATO - North Atlantic Treaty Organization

NEP - The Northeast Passage

NOAA - Administração Nacional de Atmosfera e Oceano dos Estados Unidos

NSIDC - National Snow and Ice Data Center

NSR - The Northern Sea Route

NWP - Northwest Passage

ONU - Organização das Nações Unidas

OTAM - Organização do Tratado do Atlântico Norte

PAME - Protection of the Arctic Marine Environment

PC - Plataforma Continental

PP - Participantes Permanentes

PTU - Países e Territórios Ultramarinos

RAIPON - Associação Russa dos Povos Indígen Norte

RAIPON - Associação Russa dos Povos Indígenas do Norte

RPC - República Popular da China

SC - Conselho Saami

SDWG - Sustainable Development Working Group

SLOC - As linhas marítimas de comunicação

SOUSUS - Sound Surveillance System

SWIPA - Snow-Water-Ice-and-Permafrost-in-the-Arctic

TTR - Tran-Polar Route

TTP - Trans-Pacific Partnership

UAL - Universidade Autónoma de Lisboa

UK - United Kingdom

UNCLOS - United Nations Convention on the Law of the Sea

UNFCCC - Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre a Mudança do Clima

US - United States

ZEE – Zona Económica Exclusiva

Índice	
Agradecimentos	2
Abstract.....	3
Resumo	4
Lista de Acrónimos.....	5
Figuras	10
Tabelas.....	11
Introdução	13
O problema	13
A metodologia	15
A estrutura do trabalho	16
Parte I: O Alto Norte	19
1. O Estado da Arte	19
O Ar é poder: Douhet, Renner, Seversky.....	24
Douhet	24
Renner	26
Seversky	26
2. O que é, afinal, a geopolítica hoje?	30
2.1. A Nova Geopolítica.....	31
2.2. A Geopolítica do Ártico numa perspectiva histórica	32
2.3. Significado Geopolítico dos Estados do Ártico	34
2.4. Transformações e Transições na Era das mudanças climáticas globais.....	36
2.5. O Ártico Europeu	37
2. 6. A América do Norte	38
2.7. A compra do Alasca	39
2.8. E sobre os confrontos militares no Ártico do século XVIII e do século XIX? ...	39
2.9. O Ártico em conflitos internacionais no século XX	40
2.10. O desaparecimento do gelo no Ártico: potencial para o transporte comercial..	40
2.11. Rotas Marítimas: possibilidades e desafios.....	41
3. Geografia Ártica	47
3.1. A Fronteira Ártica	48
4. A presença humana no Ártico: Povos Indígenas	49

5. A Identidade Regional.....	50
5.1. Os Estados do Conselho Ártico.....	51
Parte II : A História do Ártico: passado, presente e futuro	52
1. Entre As Terras.....	52
1.1. Mediterraneo como local de oportunidade comercial	54
1.2. Mediterrâneo Polar.....	54
1.3. O “outro” lado do Mediterrâneo Polar	56
2. O Topo do mundo.....	57
2.1. O Ártico durante a Guerra Fria	58
2.2. O Ártico no fim da Guerra Fria.....	59
3. Novo século: ápice, apogeu, auge	59
3.1. Os desafios em Ártico	61
Parte III - O Clima Ártico.....	63
1. Alterações Climáticas e o Aquecimento global.....	63
2. “O que acontece no Ártico, não fica no Ártico?”	65
3. Consequências globais.....	66
3.1. O efeito borboleta.....	67
Parte IV – Compreender a Geopolítica Clássica: Geografia, Estratégia e História	69
Parte V- Estratégias no Norte ou Alto Norte.....	76
1. Estratégia	76
1.1. Estratégia Norueguesa.....	76
Fonte: Imagens de Dispute Norwegian, Russian , UNEPi.....	78
1.2. Estratégias da Dinamarca / Gronelândia / Faroes	82
1.3. Estratégias da Federação Russa.....	83
1.3.1. Aspirações da Rússia.....	86
1.3.2. Recursos na Rússia Ártica.....	87
1.3.3. Para que a Rússia constrói bases militares no Ártico?	88
1.4. Estratégias dos Estados Unidos para o Pólo Norte	92
1.5. Estratégias do Canadá	94
1.6. Estratégias da Islândia.....	96
1.7. Estratégias da Finlândia	97
1.8. Estratégias da Suécia.....	98
1.9. Estratégias da União Europeia	99

1.10. Corrida para o norte: Estratégia Ártica da China	100
Conclusão	104
Bibliografia.....	115
Índice de Tabelas	128
Anexos.....	129

Figuras

Figura 1 - A primeira e segunda Teoria de Mackinder, 1904 e 1919.....	20
Figura 2 - A Terceira Teoria de Mackinder, 1943.....	23
Figura 3 - As Pan-Regiões de Karl Haushofer	23
Figura 4 – Aterações do gelo no mar.....	42
Figura 5 – Rotas Marítimas do Ártico: NSR, NEP, Tran-Polar Route.....	45
Figura 6 – Demografia: Povos baseado nos grupos linguísticos	52
Figura 7 – O Hemisfério Norte numa perspectiva do Pólo Norte – as distâncias	56
Figura 8 –A Península de Kola.....	62
Figura 9 – As passagens do Ártico	71
Figura 10 – Três disciplinas da Estrutura da Geopolítica.....	75
Figura 11 – Disputa: Noruega-Rússia	81
Figura 12 – O Hemisfério Norte numa perspectiva do Pólo Norte - As distâncias	93

Tabelas

Tabela1: Distância (Kms) Entre os Portos usando várias rotas do Sul e do Norte128

Anexos

Anexo A: A Região Ártica: os Países nela contidos	129
Anexo B : Delimitação na Região do Ártico: a Linha da Árvore.....	130
Anexo C: Membros do Conselho do Ártico	131
Anexo D: Reservas de óleo e gás, localização de minas e infraestruturas no Ártico.....	136
Anexo E: Arquipélago de Spitsbergen	137
Anexo F: A Visão da China em relação ao Mar do Ártico.....	132
Anexo G: Análise da Estratégia da China na Rota Do Ártico: Forças, Fragilidades, Oportunidades e Ameaças	134

Introdução

Geopolitics is a foil to idealism, ideology and human will.

(Tuathail Geróid O' and John Agnew:130).

A nossa investigação, aborda uma temática ainda pouco explorada, mas parece-nos oportuno para as Ciências Políticas e Relações Internacionais que este tema esteja cada vez mais presente no meio académico.

Para analisar esta região, enquanto foco das relações internacionais e estudo geopolítico do Ártico, procuraremos analisar diferentes explicações científicas para melhor entender este espaço, cuja sua posição geográfica e territorial surge como um desafio do século XXI. A geopolítica diz respeito à relação entre *espaço geográfico e relações internacionais*, e entre espaço físico e interesses nacionais.

É, todavia, evidente que a detenção de recursos naturais, e o rápido degelo da região, atrai cada vez mais o interesse político de estados, europeus e asiáticos, grandes e pequenos, polares ou tropicais, porque oferece num contexto multilateral grandes possibilidades económicas e assume um novo papel na geopolítica do mundo.

O problema

O problema é que, tanto a nível científico como político, há poucas explicações e perspectivas para futuro. As consequências das alterações climáticas que ocorrem no Alto Norte e um aumento de atividades por parte dos estados polares têm despertado um significativo interesse nesta área pela comunidade internacional, face às expectativas do acesso mais fácil aos depósitos de hidrocarbonetos e de abertura de novas rotas comerciais nesta região, servindo de objeto para análises conjuntas e cooperação científica. Por outras palavras, todas estas probabilidades requerem uma estreita cooperação entre cientistas no campo das Ciências Sociais.

Os 5 países árticos (Estados Unidos da América (EUA), Rússia, Noruega, Canadá e Dinamarca (Groelândia), aceleram os seus esforços para afirmar os seus direitos sobre as plataformas continentais porque se calcula aí a existência de depósitos dessas mesmas

riquezas. Também a Islândia, Suécia, Finlândia (estados do Círculo Polar Ártico), e outros estados não árticos (China, Japão e Coreia do Sul) têm todo o interesse de exercer influência sobre o desenvolvimento e gestão na região (**Anexo A**).

É nosso argumento assim, que as pesquisas ainda não nos fornecem quadros analíticos e explicativos de toda a complexidade que se vive na região. De facto, a realidade parece que pretende interpretar que esta área gelada poderá ser sem dúvida uma âncora para a economia global; o Ártico entrou numa nova Era em que as dinâmicas locais são cruciais para os atores da região influenciando o sistema regional e global. Esse dinamismo passa por uma mudança sistémica dos múltiplos aspetos económicos, sociais, políticos e implicações de segurança.

Cremos abordar esta problemática constatando que o Ártico esteve séculos à margem da política global para mais tarde se tornar numa região rapidamente impulsionada como se verificou nos períodos da 2ª Guerra Mundial e da Guerra Fria.

Também, a partir nos meados dos anos 2000 a região do Alto Norte está outra vez no centro das atenções devido às rápidas alterações climáticas que se fazem sentir na região. O derreter da calota polar, a abertura de novas rotas de transporte marítimo e a previsão de que o Ártico contém vastas quantidades de petróleo e gás natural faz da região um importante centro regional, assumindo um papel geopolítico no Mundo com impactos nas relações de Poder entre os atores da região e com outros que lhe são exteriores.

Entendemos agora que estamos prontos para equacionar e formular hipóteses, a fim de orientar o caminho percorrido ao longo do estudo (Costa, et.al:19, citado por Minayo, 2010). Consideramos que o local mais adequado para a colocação da pergunta que atua como um vetor, é o objetivo de estudo (idem), e a partir daí, formulou-se a seguinte pergunta de partida:

O Ártico vai voltar a ser uma região Dinâmica?

Elaborar as hipóteses, não são mais do que alternativas de reflexão e de experimentação, que depois de analisados os dados, podem ser confirmadas, rejeitadas ou refutadas.

1ª Hipótese: A continuação do degelo pode trazer tensões entre os Estados Árticos e ser um desafio geopolítico e normativo para a Comunidade Internacional?

2ª Hipótese: Os interesses geopolíticos dos Estados Árticos significam uma valorização estratégica no Fator Militar, de Defesa e Tecnologia?

3ª Hipótese: O aquecimento global traduz consequências nos Fatores Físicos, Recursos e de Circulação?

4ª Hipótese: O Conselho do Ártico, como instituição será capaz de manter a ordem na região com o crescente aumento de diferentes atores?

As hipóteses levantadas, serão cruzadas e inter-relacionadas, para numa posterior análise de avaliação, nos dar a oportunidade de uma visão mais profunda dos acontecimentos que ocorreram na região para perspectivar se é possível o Ártico permanecer estático ou, é entendido como um Ártico dinâmico.

Deste modo, será necessário questionar acerca do legado passado, na medida em que este proporcione e estabeleça as bases para a sustentabilidade das nossas hipóteses que determinadas pela visão dos teorizadores, são afetadas pelas perspectivas da geopolítica e nas políticas adoptadas.

O método utilizado será o método hipotético-dedutivo, que constrói conceitos sistémicos, hipóteses deduzidas e um método teórico no verdadeiro termo para responder à pergunta de partida.

O objetivo material encontra-se bem determinado, em que os vetores da geopolítica, ambiente e estratégia traduzem o mesmo pragmatismo de Poder e interesses comuns a todos os Estados circundantes.

A metodologia

A metodologia assenta em dois ritmos de elaboração: descritiva e explicativa. O primeiro serve de suporte aos acontecimentos e circunstâncias; o segundo explica diferentes atos relacionando-os com diferentes pensamentos que orientam este estudo.

Todo o trabalho é fruto da investigação bibliográfica e de análise empírica de dados relevantes que têm como objectivo chegar a novas conclusões a partir da maturidade experimental do(s) outro(s) criando oportunidades e desafios ao investigador no sentido de abrir visões até então pouco exploradas nas Ciências Políticas e nas Relações Internacionais.

A nossa investigação teve pois por objetivo estudar, a região ártica, no período antes e, durante a II Guerra Mundial (Leal:107), e depois a Guerra Fria, por ser uma área de confronto estratégico, mas que com a desintegração da União Soviética e a emergência de outros Estados levou a que o Ártico passasse para segundo plano em matéria de defesa, sobretudo por parte dos Estados Unidos (Leal:107).

Anteriormente, os submarinos nucleares norte-americanos e soviéticos desenvolveram um contínuo «jogo do gato e do rato», tentando desvendar as plataformas móveis e submersíveis capazes de lançar mísseis intercontinentais através de finas películas de gelo (Leal:idem). Em suma, a geografia ártica serviu de palco estratégico durante a Guerra Fria; a partir daí, o confronto geoestratégico foi substituído por uma agenda não militarizada que coincidiu com as alterações climáticas e com os avanços tecnológicos na extração de recursos.

O Ártico, portanto, recuperou um lugar predominante no mapa político em que estas decisões desafiadoras, incertas e, de competição regional e internacional justificam-se por serem um laboratório científico de estudo do ambiente global (Nuttal:8).

A estrutura do trabalho

Este estudo desenvolve-se em cinco partes:

Na I Parte, debatem-se explicações sobre o Alto Norte com modelos que têm tido uma repercussão relevante na filosofia da ciência, ou seja, na área do conhecimento onde se discutem diferentes visões; centralizamo-nos também na nova Era ártica numa dimensão geo-política-estratégica a nível regional e global, e com a United Nations Convention of the Law of the Sea (UNCLOS) como base legal aplicável, capaz de incluir todos os atores com interesses na região (Baptista:2015); por outro lado, não podemos deixar mencionar o Conselho do Ártico, organismo de cooperação internacional criado em 1996 - por meio da Declaração de Otava, em que os chamados países do Ártico concordaram em cooperar para melhor tratar dos interesses da região congelada do Polo Norte.

Na II Parte, desenvolve-se a História do Ártico, no passado, presente e futuro. A História aponta para cenários que por serem predominantes – são considerados como paradigmas na Cena Internacional. Na verdade, tudo o que se pode representar, quer seja numa análise espacial, de recursos, de fronteiras, de povos de línguas e tradições diferentes cria relações de forças que se desenrolaram em períodos longínquos.

À medida que a região do Ártico se torna mais acessível, estas forças geopolíticas desafiantes tornam o Ártico numa região global. O Ártico, está prestes a emergir como o “Mediterrâneo do século XXI” na medida em que a região se torna cada vez mais atraente para investimento e comércio, baseado em parte na abertura de novas rotas marítimas (idem, citado em Holmes 2012).

Por último, o futuro desta região mais setentrional do globo é imprevisível, embora se considere que o Norte-Norte possa continuar a desempenhar um papel importantíssimo no mundo global.

A III Parte, diz respeito às alterações climáticas, seus impactos e consequências a nível regional e global, onde o Ártico assume um lugar no centro da geopolítica e no mundo da globalização. Complementando essa mudança, haverá novos desafios, ameaças e oportunidades, nomeadamente económicas. Por outro lado, traz consequências em termos de segurança, conflitualidade e também na qualidade de vida das populações. Para que a detecção quantitativa da mudança seja mais específica no futuro, é essencial olhar atentamente e tomar medidas para preencher as lacunas em todo o Ártico, incluindo os oceanos, terra, gelo e atmosfera.

Na IV Parte, abordamos a geopolítica clássica, que estruturou e condicionou a política mundial, desde seu início no século XVI, embora o termo tenha sido cunhado no final do século XIX. Basicamente, a geopolítica era uma concepção de equilíbrio de poder euro-cêntrico, entre as potências mundiais dominantes, disputando espaço e poder. Embora, a concepção do poder de equilíbrio tenha mudado ao longo dos séculos, a geopolítica ainda permanece predominante e mantém sua relevância na política mundial. A geopolítica tornou-se, no final do século XX, e no início do século XXI uma política mundial envolvendo diferentes tipos de fluxos, interações e movimentos.

A V Parte desenvolve diferentes estratégias do Norte ou do Alto Norte, para responder de forma eficaz aos desafios e oportunidades emergentes, criando linhas prioritárias e posicionando os seus Estados de modo a defender os seus interesses na região ártica; chamamos também a atenção para a política externa expansiva da Rússia que concentra atividades militares na região a que chama operações de rotina, provavelmente para aumentar o seu poder na região. Acresce salientar que, geograficamente a Rússia tem a maior costa ártica, e o recuo do gelo marinho tem um significado muito maior para a Rússia do que para qualquer outro estado, uma vez que os recursos de gás e petróleo se encontram na Zona Económica Exclusiva Russa e a capacidade de os explorar é uma oportunidade económica para este País. Neste contexto, Moscovo vê com preocupação os seus rivais de poder, que olham as mudanças climáticas como uma realidade na política, na economia e no aspecto social.

Consequentemente a Rússia começou a modernizar as suas forças armadas e seu arsenal nuclear, para promover a sua soberania, e afirmar o seu *status internacional* como de grande potência.

Também países não-árticos, como a China, Índia, Japão, Singapura e Coreia do Sul, pretendem envolver-se cada vez mais nas decisões sobre o futuro da região, e para isso usam estratégias e políticas de participação científica e comercial para ter um papel internacional no Ártico.

Por outro lado, a China é agora vista como um actor chave no Ártico embora não esteja presente geograficamente na região, desenvolve relações com os países vizinhos do Oceano Ártico e participa em debates internacionais sobre o futuro do Ártico.

Enquanto muitas variáveis permanecem desconhecidas na equação China-Ártico, a China parece ter alcançado seu primeiro objetivo na questão internacional: contribuir significativamente em políticas importantes a desempenhar ao lado dos decisores políticos para benefícios económicos, sociais e ambientais de uma boa governança no Ártico.

A fim de produzir um puzzle ártico, os países projetam estratégias para orientar e coordenar com as comunidades nacionais e internacionais, e fazer uma avaliação das vantagens e desvantagens que possa imprimir num futuro as economias globais.

Parte I: O Alto Norte

1. O Estado da Arte

O pensamento de diferentes cientistas contribuiu para explicação e evolução nos campos da teoria geopolítica, e geoestratégica em vetores de natureza geográfica, possibilitando deste modo maiores discussões e formulações acerca da percepção do Mundo em diferentes situações políticas ou momentos históricos abrindo horizontes nos acontecimentos da Cena Internacional.

“Adapting a historical geopolitical maxim to space, one might observe that those who control low orbit control near earth space, those who control near earth space dominate Earth, and those who control Earth determine the destiny of humankind” (Dias:2).

As teorias geopolíticas clássicas pensavam o Estado como um organismo territorial, sendo que essa comparação do Estado com um organismo foi proposta por Friedrich Ratzel (1904) no seu livro *Geografia Política, criando o termo Lebensraum* "espaço vital", ligado a um sentimento, nunca suficientemente explicado, designado pelo geógrafo como Sentido de Espaço, em que alguns povos possuiriam um grau mais elevado do que outros (Nogueira:13). O Estado agia como organismo territorial porque mobilizava a sociedade para um objetivo comum, que era a defesa territorial, e implementava uma série de políticas visando garantir a coesão da sociedade e do território, unindo o povo ao solo. Nesse sentido, a geografia política e a geopolítica utilizam os conhecimentos da Geografia Física e da Geografia Humana, inter-relacionadas com a Ecologia, para orientar a ação política do Estado (Grygiel: 234).

Kjellén (1864 - 1922), cientista político e político sueco cunhou o termo geopolítica em 1899 por entender e considerar o Estado como um organismo geográfico, ou seja, para ele, a geopolítica relaciona a geografia e o poder do Estado (Spykman:1938), desdobrando deste modo o pensamento de Friederich Ratzel (1844-1904) que dá grande importância ao território enquanto elemento do Estado, dando-lhe um papel determinante na sua estrutura e funcionamento (M.V:1).

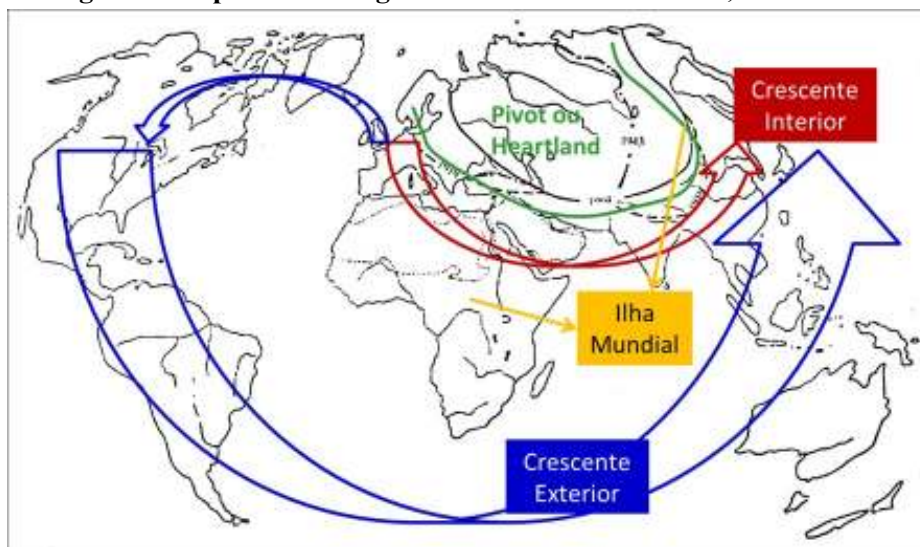
Outros pensadores, da Escola anglo-saxónica dirigiram o seu pensamento para uma escala mais vasta, tentando identificar as alavancas do Poder ao nível planetário. Dentro dos fatores geográficos privilegiaram o fator Posição como fator de Poder,

baseando-se numa alegada luta histórica entre talassacracias e as epirocracias (Atenas contra Esparta, Roma contra Cartago, Inglaterra contra França), teorizaram sobre a superioridade do poder marítimo sobre o poder continental, dando origem à escola de pensamento que hoje classificamos como “Perspectivas Globais”, e dentro destas, aquelas que se baseiam no Poder no paradigma de oposição “mar-terra”. O americano Alfred Mahan e o britânico Mackinder são, ainda hoje nomes de relevância teórica (Ibd:13-14).

Teoria de Mackinder (1861-1947)

Mackinder, geógrafo e geopolítico inglês defendia que, a geografia física era o dado da realidade que dificilmente seria modificado mesmo com as inovações tecnológicas. Para Mackinder, a geografia continua a ser um fator mais constante da história. Este pensamento traduz que os agrupamentos humanos, a história e os Estados consequências da geografia ou seja, explicam as realidades geográficas e o equilíbrio global de poder (**Figura 1**).

Figura 1 - A primeira e segunda Teoria de Mackinder, 1904 e 1919



Fonte: adaptado de Dias 2005 e Bonfim, 2005 e citado por Sequeira, Dias, Coronel Carlos Manuel Mendes (2011), *A Geopolítica Clássica e o Espaço Exterior*, Enquadramento, in: Revista Militar N.º 2512 (Consultado em Dezembro 2017), [Online]:<https://www.revistamilitar.pt/artigopdf/657>.

Na interpretação de Mackinder, a área Pivot, o *Heartland*, ocupa grande parte do interior do maior continente do mundo em termos geofísicos, a grande massa continental da Eurásia; região de difícil controle ao longo da história, tendo sido ocupada por povos semi-nómades e, teria sido controlada por uma única unidade política, um Estado multinacional, apenas no período do domínio russo (séc. XVIII-XIX) e soviético (séc. XX até 1991); para o teórico, as disputas pelo controle do *Heartland* estariam no centro da Geopolítica global, porque o Estado que controlasse todo o *Heartland* poderia tentar obter saídas para mares abertos e tornar-se uma potência anfíbia, ou seja poderia dominar a Ilha Mundo (*World Island*), território que compreendia a Eurásia e a África ligados segundo a teoria de MacKinder pelos Montes Urais e pelo istmo de Suez. Dominando a Ilha Mundo este Estado decidiria os rumos da política mundial.

Assim, as recomendações de Mackinder para a Inglaterra nas vésperas da I Guerra Mundial, eram no sentido de impedir a aproximação entre a potência que dominava o *Heartland* (Rússia) e a maior potência industrial da Europa, que procurava controlar os recursos do *Heartland*, a Alemanha¹.

As obras geopolíticas de Mackinder explicam as realidades geográficas e o equilíbrio global de poder. Numa maneira simples, podemos afirmar que as suas teorias baseiam-se num centro (pivot geográfico ou *heartland*), localizado na «Eurásia» (**Figura1**) em torno do qual se articulam todas as «dinâmicas geopolíticas» do planeta (Sequeira:2).

No crescente interior, encontravam-se todos os países marítimos da Eurásia (mais tarde, o *rimland*, de Spykman), como por exemplo, Alemanha, Holanda, França, Espanha, Portugal, Turquia, Índia e China. Integravam o crescente exterior as ilhas, arquipélagos e continentes, susceptíveis de serem dominados pelas potências marítimas, como a Austrália, o Japão, os EUA, o Canadá e a Grã-Bretanha.

¹(Consultado a 24 de Setembro 2018), [online]: <https://www.britannica.com/topic/The-Geographical-Pivot-of-History>.

Surge então a máxima de Mackinder

“Quem domina a Europa Oriental, domina o heartland

Quem domina o heartland, domina a Ilha mundial Quem domina a Ilha Mundial, domina o Mundo²”

Fonte: adoptado em Mackinder (1919, p.186)

Em 1943, Mackinder publica o artigo intitulado «*The round world and the winning of the peace*», na revista *Foreign Affairs*, onde introduziu o conceito de *midland ocean* (Atlântico Norte e zonas ribeirinhas) assente no pressuposto de que o continente americano possuiria potencialidades suficientes para poder equilibrar o domínio do *heartland*, desde que mantivesse a capacidade de intervenção na Europa. Porque, considerava que a Alemanha só poderá ser contida, se cercada, numa acção conjugada entre os poderes terrestre (*heartland*), a Leste, e o marítimo (com capacidade anfíbia), a Oeste (bacia do *midland ocean*), sendo necessária *uma efectiva e permanente co-operação entre a América, a Grã-Bretanha e a França* (ibid: IAEM, 1982, p. 58 e Bonfim, 2005).

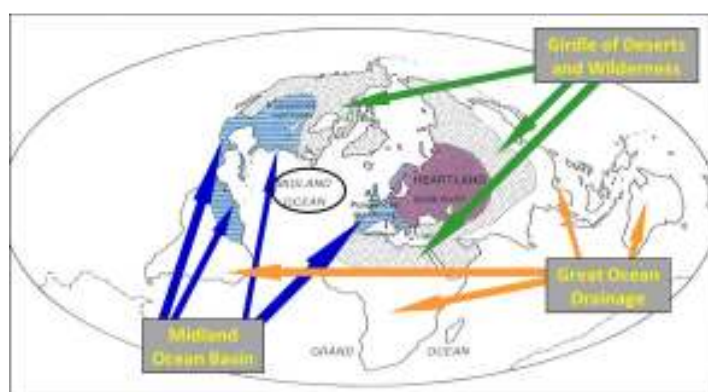
Relevam-se ainda no modelo o cinturão de desertos e selva (*girdle of deserts and wilderness*) e as regiões de drenagem do grande oceano (*great ocean drainage*), (**Figura 2**).

A co-operação efectiva e permanente entre a América, a Grã-Bretanha e a França (**Figura 2**) permitiria uma testa-de-ponte em França, um aeródromo protegido por fossos na Grã-Bretanha e uma reserva de forças bem treinadas e recursos agrícolas e industriais nos Estados Unidos da América (EUA) e no Canadá (defesa em profundidade). A sua tese antecedeu a organização formal da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) ao evidenciar os motivos geopolíticos que a impunham, e alertou para a necessidade de uma indispensável cooperação entre os seus membros, condição «*sine qua non*» do seu sucesso. (Dias, 2005)

² A posição de Mackinder evoluiria conforme a evolução da realidade que o rodeava. Desta evolução resultam as posições doutrinárias enunciadas no seu artigo de 1943, “The Round World and the Winning of the Peace” (Vários, Geopolítica tropical, Tradução do Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina, 1968).

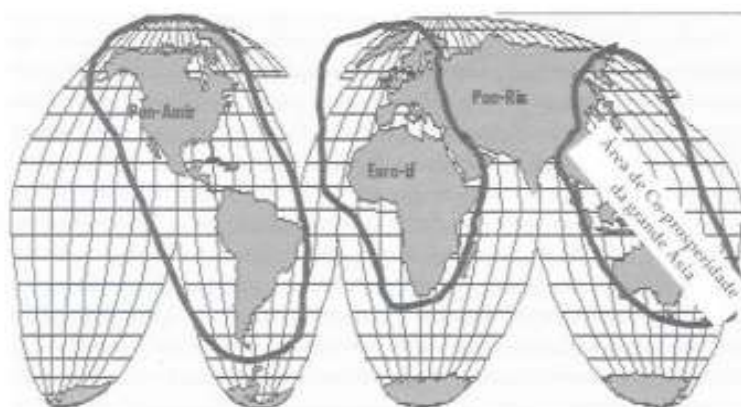
Por outro lado, de acordo com Mackinder, seria necessário que as potências ocidentais vencedoras e a Rússia também cooperassem, a partir do momento que houvesse sinais indicadores de ameaça à Paz (*cooperação que de facto não foi materializada – pouco tempo depois teríamos a Guerra Fria*).

Figura 2: A Terceira Teoria de Mackinder, 1943



Fonte: Ibid: adaptado de: Almeida, 1994, p. 36

Figura 3: As Pan-Regiões de Karl Haushofer



Fonte: ibid: adaptado de: Fernandes, 2003

Influenciado por Ratzel, e atendendo ao pensador britânico, o geopolítico alemão Karl Haushofer (1869-1956), na sua obra «Geopolítica das Ideias Continentalistas», de 1931, valorizou, também, o poder terrestre. A sua teoria compreendia quatro pan-

regiões (“*divisões do Mundo em grandes áreas, com uma orientação no sentido dos meridianos*”), eram elas: a Pan-América, a Pan-Euro-África, a Pan-Rússia e a Pan-Ásia, as quais obedeciam a três condições essenciais, disporem de recursos e população suficientes e acesso ao mar (**Figura 3**). Sequeira: citado em Dias, 2005, p. 132 e 133.

O Ar é poder: Douhet, Renner, Seversky

O avião veio dar maior profundidade ao teatro de Operações

Desde o início do século XX, que o advento das aeronaves veio alterar o conceito de guerra que até então, se desenrolava no mar ou em terra. Os homens do ar passaram a atuar as aeronaves sobrejacentes à superfície e interagir com os Exércitos e as Marinhas. Assim, o poder aéreo era eminentemente ofensivo. A verdadeira superioridade da força aérea constituía uma arma contra possíveis objectivos militares, civis, industriais ou infraestruturas, pela profundidade que em breve atingiu.

Esta nova visão de superioridade, veio impulsionar diversos pensadores teóricos como Douhet, Renner, Seversky que viram a vantagem do poder aéreo.

Douhet

“só há uma maneira prática de impedir o inimigo de atacar-nos com suas forças: destruir suas forças aéreas” (Silva:2010 citado em Douhet: 1869-1930).

A Primeira Guerra Mundial foi o primeiro grande conflito onde participaram em grande escala de aviões para uso militar. O poder aéreo face ao desenvolvimento de novas tecnologias torna-se essencial com a capacidade de organizar e controlar o poder aéreo de uma nação, ou região, tal como aconteceu no período da Guerra Fria em que os EUA e a URSS, enviaram para o Ártico submarinos e aviões nucleares, transformando esta região num “palco da corrida militar”.

De facto, este novo meio veio alterar por completo a condução das guerras, já que o Teatro de Operações se estendeu muito para além do alcance da artilharia onde o teatro operacional consegue ultrapassar os alcançados pela artilharia.

Vários pensamentos debruçam-se sobre esta nova dimensão estratégica entre essas reflexões mencionamos o teorizador Giulio Douhet (Alvarez:2014), pioneiro do Poder Aéreo que entendia e sustentava a existência de um Comando Único das Forças Armadas, com capacidade de operar em terra, no mar e no ar e era de opinião que o poder aéreo devia ter primazia quanto aos recursos a serem gastos. Para o General italiano era no ar é que teria lugar a decisão de um conflito futuro (Ibid). Giulio Douhet advogava que a potência que conseguisse dominar o ar, dominaria o mundo, destacando-se com a sua grande obra “O Domínio do Ar”.

Deste modo a ferramenta aérea, o avião, veio pôr fim ao mundo em duas dimensões, as estratégias terrestre e naval e integrar numa estratégia unificada e completa que até então coexistiam, mas não se conjugavam. Surge assim uma nova teoria centrada no poder aéreo.

Para Douhet, a aviação viera revolucionar a guerra, introduzindo a necessidade de um comando único com a capacidade de operar em terra, no mar e no ar, coordenando os esforços para vencer o adversário, explorar as capacidades - ofensivas por natureza – da aviação. Douhet não se limitou ao aspeto estratégico do uso do ar, tendo, também feito algumas reflexões de carácter geopolítico. Nomeadamente:

- A arma aérea altera noções de espaço e de tempo, permitindo ultrapassar tradicionais obstáculos geográficos;
- O poder aéreo altera os postulatos tradicionais sobre Poder, Estratégia e Geografia;
- A prioridade é o domínio do ar (no espírito de Douhet tal domínio permitiria o controlo da terra e do mar). (Nogueira: 450).

O mesmo autor, na sua obra cita que depois de 1944, quando já era evidente a derrota do Eixo, o geógrafo Renner vem afirmar que os Estados pequenos (tais como Alemanha, Japão, Itália) tinham conseguido alcançar um poder desproporcionado à sua dimensão através de um vasto conhecimento geográfico, adoptando a visão de que o uso do ar viera modificar definitivamente o mapa Mundo.

Renner

Renner crê que o poder dos EUA e da URSS estarão equilibrados e já não gozam de inviolabilidade espacial. Para ele, o relacionamento através das rotas aéreas (mais curtas) entre a América do Norte, a Europa e o Norte da Ásia, além de colocar os EUA e a URSS “face a face” dá origem a uma nova entidade geopolítica, um novo *Heartland*, centrado no Ártico, inexpugnável aos restantes poderes – aquilo que se chama de *Mediterrâneo Mundial*.

Utilizando um mapa de projecção polar, Renner consegue transmitir ao grande público a ilusão de que a distância entre os continentes do hemisfério Sul é bem maior do que aquela que na realidade é, como se todo o Mundo viesse convergir em torno do Pólo Norte (idem:451).

Seversky

Alexander Seversky, nasceu em Tbilisi, então parte do Império Russo (agora Georgia). Após a revolução comunista, refugia-se nos Estados Unidos, e em 1927 naturaliza-se norte-americano.

Na onda da euforia do desenvolvimento da aeronáutica militar, recusando uma geopolítica baseada na dicotomia poder marítimo/poder terrestre, introduziu a dimensão aérea e seria o primeiro a construir uma teoria com contornos geopolíticos de um poder aéreo, segundo a qual o controlo do espaço aéreo seria o instrumento decisivo para domínio mundial: “Dominando o ar, os EUA podem dominar ou partilhar o domínio do mundo”, (Correia:233). O principal objetivo seria bloquear e destruir as retaguardas do inimigo e não os exércitos inimigos; era necessário “secar a fonte”.

Segundo Seversky, a inoperacionalidade das retaguardas abria caminho para uma eventual situação de paz. O bloqueio e a destruição das retaguardas seria assegurado de forma mais eficaz, a partir do ar; assim o bloqueio de uma Nação convertia-se numa função do poder aéreo.

Seversky advogava o bombardeio de precisão e considerava a principal finalidade da utilização da arma aérea (retaguardas). Dizia que os alvos devem ser selecionados.

Este teórico, era apologista de um poder aéreo norte-americano que se pudesse confrontar com a URSS através de um espaço mais curto entre os centros vitais das duas superpotências, o Ártico, em torno do qual definia a área de decisão. Pelas suas características, uma quase ilha-continente, advogava que os EUA dispunham de capacidade para projetar poder aéreo a partir do próprio território e, assim, dominar o mundo ou, pelo menos, partilhar o domínio do mundo.

É autor em 1942 de *“Victory through Air Power”* e de *“Air Power: Key to Survival”*, publicada no ano de 1950 (idem).

Se, a Guerra Fria foi um período histórico de disputas estratégicas e conflitos indiretos entre os Estados Unidos e a União Soviética, (e suas zonas de influência pela dominação global), então como definir a competição atual entre Moscovo e o Ocidente?

Numa breve resposta à pergunta, começo por abordar com alguma relevância que a China e a Rússia têm realizado, no sul da China, exercícios conjuntos tanto em terra como no mar numa ofensiva diplomática contra as políticas de segurança dos EUA. Embora, estas atividades não sejam indicativos de uma aliança de segurança sino-russa remanescente do bloco sino-soviético da década de 1950, seria prudente que os políticos americanos reflectissem, uma vez que geograficamente, a Rússia e a China ocupam respectivamente, (o que os geopolíticos chamam) *“Heartland”*, e uma significativa área da Ásia Este *“Rimland”* da Euroásia.

No início dos anos 1950, o francês Raymond Aron, menciona na obra, *The Century of Total War* que “a Rússia de facto alcançou a 'ilha do mundo' que segundo [Halford] Mackinder considerou condição necessária e quase suficiente para o império universal (Sempa:2016).

Da mesma forma, James Burnham em *Containment or Liberation?* advertiu que a consolidação política do bloco sino-soviético resultaria numa "completa vitória mundial".

Também, um documento secreto de segurança nacional dos EUA serviu de base doutrinal para a política de contenção da Guerra Fria - NSC-68 – estabelecendo o pluralismo político eurasiático como a meta global da política externa americana.

Kissinger, explicou por sua vez no primeiro volume das suas memórias que a “*Triangular diplomacy, to be effective*”, deve confiar nos incentivos e propensões naturais dos atores. O mesmo autor, explica também que a abertura à China e a *détente*³ com a União Soviética foram políticas paralelas destinadas a permitir aos Estados Unidos “manter relações mais estreitas com cada lado do que com os outros.”

Years of Upheaval, foi uma outra bibliografia de Kissinger, onde sublinha que sempre foi melhor para os Estados Unidos “estar mais perto de Moscovo ou de Pequim do que o outro.

Também no livro *Diplomacy*, o mesmo, autor realça a posição dos EUA, que "seria mais forte quando a América estivesse mais próxima dos dois gigantes comunistas do que com os outros."

No seu mais recente livro *World Order*, realça novamente que o desenho triangular da diplomacia era equilibrar "a China contra a União Soviética de uma posição em que os EUA estivessem mais próximos de cada gigante comunista do que eles um com o outro" (Idem).

Assim, os EUA numa visão geoestratégica integrada, abrangente e de longo termo para toda a Euroásia surge da integração de duas realidades fundamentais: a América é agora a única superpotência do global, e a Euroásia é a arena central do globo. Portanto, o que acontece com a distribuição de poder no continente euroasiático será de importância para a primazia global dos Estados Unidos (idem).

³ O termo é mais frequentemente utilizado em referência à redução geral de tensão entre a União Soviética e os Estados Unidos da América durante a Guerra Fria, ocorrido no final da década de 1960 (após a Crise dos mísseis de Cuba) até o início dos anos 1980. A *détente* avançou paulatinamente até os Encontros de Cúpula de Reykjavík, em 1986, e de Washington (*Intermediate-Range Nuclear Forces Treaty*), em (1987), quando Ronald Reagan e Gorbachev assinaram o fim da Guerra Fria. Há, todavia, quem defenda que a Guerra Fria continuou de fato até o colapso e consequente dissolução da URSS em 1991.

Os estudiosos, Robert Gilpin (1930), e Stephen Krasner (1942), argumentam que os Estados e a Geopolítica continuam a ser os principais agentes e forças que moldam a política mundial de hoje (Baylis:16).

Thomas Friedman (1953) e, outros sugerem que a globalização e a revolução da informação tem a faculdade de compreender melhor a política global, sendo assim mais importante que a geografia (Sempa b:2014).

Os observadores, analisam o Ártico como um possível palco de nova tensão militar, devido ao agravamento das relações entre a Rússia e Washington após a reunificação da Crimeia ao seu território em 2014 e ao facto de últimos anos se verificar um aumento significativo do potencial militar e das operações russas no Ártico.

Todos estes argumentos fornecem um conjunto de ferramentas de modo a estimular debates entre os académicos.

É no início do século XXI que a Globalização no Ártico, é vista como um problema para a região, como a poluição e as alterações climáticas. Mas, a presença da globalização dentro da região é ambivalente ou, mesmo contraditória, discutindo-se se representa uma ameaça ou, um benefício.

A pluralidade de conceitos e de visões acerca da região é de saudar, uma vez que o espaço geográfico não se considera como [Estático] e acabado, estando sempre numa permanente [Dinâmica]. O acesso ao Ártico era relativamente limitado e, portanto, não havia presença significativa na região além das populações que viviam acima do Círculo Polar Ártico nos vários estados do Ártico. Como as temperaturas no Norte/Norte começaram a subir e o gelo a derreter, não só houve uma maior capacidade de os estados aumentarem sua presença na região, mas havia a perspectiva de abundantes recursos naturais que podem realmente ser viáveis para a extração levando por isso ao interesse de estados, cooperações, ONGs e instituições multilaterais que anteriormente não existiam ou, eram interpretados como interesses periféricos. Embora, ainda haja enormes desafios de acesso à região as aspirações dos estados do Ártico, estados concorrentes e cooperações multinacionais são cada vez maiores.

Os oito estados árticos fizeram reivindicações territoriais que, em muitos casos, se sobrepõem ou contradizem às reivindicações de outros; houve também um aumento da presença de Estados não-árticos, mostrando grande interesse em assuntos do Ártico, como China, Índia, Japão, Reino Unido e Coreia do Sul. Além dos interesses de cada Estado, há uma série de acordos multilaterais que de cooperação para a região, incluindo as Nações Unidas e o Conselho do Ártico.

O desafio passa pelo potencial de recursos do Ártico que são as dinâmicas políticas e que certamente moldarão a cooperação entre os estados. Explicar e compreender à luz das relações internacionais o comportamento de estados e atores no Ártico, e a dinâmica numa área tão incerta.

Hoje, a questão da região é mais complexa, pela dificuldade de delimitar fronteiras, uma vez que nos encontramos num mundo globalizado e no qual as limitações territoriais são cada vez mais simbólicas do que reais.

2. O que é, afinal, a geopolítica hoje?

Em 1993, Taylor escreveu que o renascimento da geopolítica havia se formado de três maneiras:

“... A geopolítica tornou-se um termo popular para descrever as rivalidades globais na política mundial.”

“... A segunda forma... é acadêmica, uma nova geopolítica mais crítica. Estudos historiográficos críticos da geopolítica do passado têm sido um componente necessário dessa "geopolítica do geógrafo".

“... A terceira forma... está associada ao lobby neoconservador e pró-militar que acrescentou argumentos geopolíticos à sua 'retórica da Guerra Fria'. Tais estudos falam de "imperativos geopolíticos" e tratam a geografia como "o fator permanente" que todo pensamento estratégico deve girar em torno ”.

Desde o final do século XIX, muitos estudiosos responderiam a esta questão que tradicionalmente a geopolítica diz respeito ao estudo do estado, suas fronteiras e relações com outros estados (Dood:121). O significado de Estados-Nação são muito importantes, e tem-se assistido a muitos conflitos sobre as delimitações dos territórios, propriedade do

território e, acesso aos recursos tais como a água. Nos últimos cem anos, a História tem assistido aos conflitos de Israel-Palestina como disputam territórios, tal como a Índia e Pakistan sobre o território de Kasmira.

Podemos então definir que o termo “Geopolítica” (M.V.(2), dá ênfase, explora e explica o papel dos fatores geográficos, como uma localização territorial e/ou acesso aos recursos na políticas nacionais e internacionais. No que diz respeito aos lugares e populações envolve e desafia à construção de "visões geopolíticas". Embora essas visões de um lugar equitativo possam variar conforme espaço cultural e geográfico, que envolve consistentemente implicações distintas para as relações internacionais ou, para a representação das identidades naturais (Ibid).

2.1. A Nova Geopolítica

A “Nova Geopolítica” é defendida e divulgada na obra do General Pezarat Correia (2002):Volume I-Título IV; e 2008) com base em três pressupostos essenciais, assumidamente, por oposição ao que denomina “geopolítica clássica”. Primeiro, separa a geopolítica da geoestratégia: “a abordagem da geopolítica numa perspectiva da nova geopolítica, separando-a da geoestratégia e retrando-a da análise dos fatores espaciais para servir o poder pressupondo a gestão da conflitualidade que a disputa pelo espaço contempla, permite inserir a problemática da paz no campo da geopolítica”(Tomé: 2010, citado por Correia, 2002:291), acrescentando mesmo mais tarde não aceitar “ que a promiscuidade absoluta entre a geopolítica e a geoestratégia conquiste estatuto académico” (ibid:41-42). Em segundo lugar propõe “ a inversão no relacionamento sujeito-objecto dos dois elementos fundamentais da geopolítica, espaço e poder, já não como objectivo em si, mas como um instrumento da gestão do espaço, para viabilizar uma vida melhor no planeta Terra, corrigindo as distorções que estão na base de muita conflitualidade” (ibid:291).

Consequentemente, e em terceiro lugar, Pezard Correia avança uma nova agenda para a geopolítica em três dimensões: a “ecopolítica”, ligada ao problema ambiente/ecológico tratando-se “de uma análise do poder ao serviço da geografia predominante física” (ibid:28); e a geoeconomia, tendo como principal objecto a economia e que “ deve de ser entendida como a política orientada para servir na resolução de problemas espaciais associados à economia, gestão de recursos, de fluxos, de respsta

equilibrada às necessidades humanas” (ibid:281). Assim sendo, como assume o próprio autor “esta nova forma de encarar a geopolítica tem correspondência com as preocupações em torno de segurança e que se preocupa com o aspecto mais geral dos riscos e já não apenas com ameaças. A segurança já não é apenas a segurança estatal, mas a segurança do meio, humano e ambiental” (ibid:249).

A geopolítica, tanto na perspectiva geoestratégica como geoeconómica contemplam os dois níveis – actores e região - e os dois movimentos interactuantes, horizontal e vertical (ibid:57).

2.2. A Geopolítica do Ártico numa perspectiva histórica

Historicamente, acredita-se que o primeiro explorador a atingir um ponto tão setentrional como o Círculo Ártico foi o grego Pítias, no século IV a.C. Além do grego alguns monges irlandeses, no século VI, e os navegantes nórdicos do século XIX também alcançaram essa região instalando-se nas ilhas do Atlântico Norte e do Oceano Ártico.

Porém, a exploração intensiva das regiões árticas começou a partir do século XVI na procura de novas rotas comerciais entre o Oriente e a Europa com expectativas otimistas de sucesso, mas o Ártico tornou-se um dos grandes teatros de desilusão e de tragédia, do esforço heróico despendido sem fim.

Nesse mesmo século, as viagens de Vasco da Gama e de Colombo contribuíram para que a situação geopolítica alterasse os poderes eurásianos de maneira dramática e duradoura. A primeira grande mudança deu-se quando o comércio do mundo passou a ser feito a partir dos oceanos (Grygiel: 40). Hoje, em pleno século XXI, observamos que o Oceano Ártico e mares subjacentes, são meios de circulação fontes de recursos, onde o transporte marítimo e as relações geopolíticas entre o Ártico e o resto do Mundo espelham a mesma ideia da Era dos Descobrimentos. Por outras palavras, a *Era dos Vasco da Gama* e, a *Era Ártica* são responsáveis por importantes avanços na ciência e na tecnologia, desenvolvendo navios capazes de navegar em mar aberto. Estes dois períodos históricos na Ciência das Relações Internacionais trouxeram as maiores mudanças geopolíticas, de diferentes formas e com diferentes atores continuando a caracterizar a Eurásia, como sede de poder, movida pelos oceanos que a circundam.

Assim, o espaço geográfico ártico assume um papel geopolítico no Mundo onde as forças de Poder e de Espaço são fundamentais na geopolítica.

Mahan, como pensador geopolítico que revela o domínio do mar enquanto fonte estrutural de Poder, valoriza a sobremaneira as vias de comunicação, Fator de Circulação, e os vários recursos naturais proporcionados pelo mar, Fator de Recursos Naturais (Leal:40).

O ponto de Mahan não pode ser levado ao extremo, no entanto, porque, apesar da importância das rotas marítimas, continuam a existir linhas vitais para a comunicação em terra. A Rota da Seda, que durante a Idade Média ligou a Europa ao Leste Asiático através da Ásia Central, é um exemplo histórico da importância de uma rota continental. Mais recentemente, oleodutos, ferrovias e rodovias representam importantes rotas continentais e devem ser consideradas numa perspectiva geopolítica. A importância dos recursos de um estado tem sido evidenciado por inúmeros teóricos. Os recursos são a melhor representação de poder de um estado. Os recursos naturais e económicos aumentam capacidade industrial e militar do Estado e, conseqüentemente, são bens estratégicos que controlam a influência e o poder.

A abertura de novas rotas marítimas, a tecnologia de transporte e localização dos recursos, são três variáveis analiticamente distintas, mas ao mesmo tempo interligadas porque, as novas tecnologias de transporte tornam possível a descoberta de novas rotas, que por sua vez podem alterar a distribuição de poder.

Estas dinâmicas geopolíticas tornam o Norte uma “área alvo” para o crescimento económico, político e de interesse militar tanto nos estados árticos como nos atores internacionais. Todos estes fatores e dinâmicas ocorridos na *região a mais a norte* de todas as regiões do globo traduzem um clima, geo-económico pelas mudanças geopolíticas que ocorrem nesta geografia.

A ligação da Europa Atlântica com a Ásia e com a América marca o nascimento do comércio de longa distância (Grygiel 41-43).

Em pleno século XXI os esforços económicos despendidos no Ártico muitas vezes parecem duvidosos ou incertos – mas, continuam a fazer o Norte uma costa continental apetecível.

Com o aumento de temperatura, podemos afirmar que o Ártico está no início de uma nova etapa na história de exploração. O Ártico de hoje, identificado por nações, de identidades nacionais, cria grandes expectativas de visões e percepções que ainda está aberto à exploração.

Através da história, o espaço e os recursos naturais do Ártico justificam o papel geopolítico, primeiro, porque o homem insiste em descobrir e explorar para assegurar benefícios comerciais e soberania nacional sobre *terra nullius*, até aos atuais estados costeiros do ártico para ganhar soberania sobre as plataformas continentais; segundo, pelo desenvolvimento tecnológico, pela construção de navios e armas militares até aos avanços de comunicação e vigilância; terceiro, o impacto das rivalidades e conflitos armados, como o conflito do século XX em que o Ártico foi palco militar durante a Guerra Fria; quarto, os anos 90 foram marcados por um maior interesse pela comunidade internacional devido às alterações climáticas provocando recuo das águas e o degelo, tornando assim mais acessível a exploração dos recursos aí existentes, e a possibilidade de abertura de novas rotas comerciais.

Todos estes fatores geopolíticos que predominam em Ártico são fatores de cooperação ou de conflito, são dinâmicas setentrionais relativas a fronteiras e recursos, desde a exploração precoce de recursos a disputas territoriais contemporâneas, e ao impacto de grandes desenvolvimentos fora do próprio Ártico (Tamnes et al:12-14).

2.3. Significado Geopolítico dos Estados do Ártico

O Oceano Ártico atrai o interesse político de muitos estados, europeus e asiáticos, grandes e pequenos, tanto polares quanto tropicais. Esse interesse está relacionado, segundo os vários graus de poder e tem seis características geopolíticas do Ártico:

1. A localização geográfica entre três continentes - América, Europa e Ásia, oferecendo distâncias comerciais curtas - destino e trânsito;
2. A probabilidade de abundância de recursos industriais e depósitos minerais estrategicamente importantes, em particular petróleo e gás, oferece uma maior segurança económica e energética para as partes que participam das extrações de recursos regionais;

3. As rotas marítimas - dentro e fora da região;
4. O recuo do gelo do mar devido ao aquecimento global e às mudanças climáticas, oferecendo acesso mais fácil aos recursos e melhores condições de exploração na região;
5. A sua fragilidade ambiental, vulnerabilidade e interligações ecossistêmicas com os ecossistemas nas latitudes meridionais;
6. A regulamentação através de convenções oceânicas globais existentes, particularmente com a terceira *Convenção da Lei do Mar de 1982* (UNCLOS III);

Estas seis características relacionam-se com os interesses nacionais das grandes potências da região, visando o desenho de uma imagem em quatro categorias de estados:

1. Os grandes membros do Ártico: *EUA e Rússia* (Said: 1993);
2. Pequenos países do Ártico: *Noruega, Dinamarca, Finlândia, Suécia, Islândia e Canadá*;
3. Países de fora do Ártico: *UE* ;
4. Os estados não-árticos: *Japão, China, Coreia do Sul e Índia* (Sæther:2000).

Estes estados estão posicionados diferentemente na tomada de decisões do Ártico, mas todos possuem directa ou indirectamente, capacidade de influenciar de forma “informal” algumas decisões. Embora, o centro de poder esteja concentrado nos grandes poderes aí posicionados, não significa que os os pequenos estados façam alianças, mas as decisões finais são definidas pelas grandes potências.

Estas seis características desencadearam um novo interesse na exploração dos recursos do Ártico para fins industriais e sociais, mas com “advertências”, de possíveis consequências negativas devido ao aumento da exploração.

Nenhuma das principais áreas industriais da Rússia, América do Norte, Europa ou Japão está localizada a mais de 3.860 nm (nautical mile)⁴ do Pólo Norte. Isso quer dizer que, cerca de 80% da produção industrial mundial ocorre ao norte a 30 graus de latitude Norte, e cerca de 70% de todas as metrópoles situam-se ao norte do Trópico de

⁴ 1 nautical mile (nm) = 1.85200 kilometers (km)

Câncer (Tabela 1). O Oceano Ártico é, portanto, um "**Mar Mediterrâneo**" industrial situado entre as regiões mais avançadas e produtivas do mundo como aliás defendia o já citado Renner.

Historicamente, esse fato chamou a atenção e em 1935, o general Billy Mitchell no Congresso dos EUA afirmou o seguinte: “O Alasca é o lugar mais central do mundo para aeronaves. Aquele que detém o Alasca detém o mundo” (Wergeland:1992). Poucas década depois, em 1944, o general da Força Aérea dos Estados Unidos, Henry A. Arnold, repetiu o mesmo, afirmando que o Pólo Norte se tornaria o ponto central estratégico se uma terceira guerra mundial surgisse. Cerca de 200 anos antes destes pensadores já o famoso cientista russo Mikhail Lomonosov declarou: “O poder da Rússia será aumentado pela Sibéria e pelo Oceano Ártico” (Yakovlev, et al.:1994).

A geografia do Ártico tornou-se numa região entre a geografia e a tecnologia, por um lado, e poder militar e político, por outro (Østerud:1996). Estas palavras clarificam que houve grandes avanços e desenvolvimentos em tecnologia militar durante a Segunda Guerra Mundial por parte das superpotências; nos anos 50 e 60 foram testadas novas gerações de mísseis balísticos intercontinentais, e no decorrer dos anos 80 a Frota Soviética do Norte, centrada na península de Kola, deslocou seus submarinos estratégicos para junto do Oceano Ártico (Ha: 2006).

Face às mudanças geográficas e, conseqüentemente, geopolíticas que se têm verificado no Ártico, os países circundantes enfretam grandes desafios no novo quadro geopolítico na região, sem esquecer os processos complicados pelas disputas de soberania nas Zonas Económicas Exclusivas (ZEE), pelas Plataformas Costeiras Continentais, e pelo estatuto jurídico das Passagens do Nordeste e do Noroeste. Os governos árticos sentem a necessidade que estes e outros assuntos relevantes sejam discutidos nos fóruns da NATO, UE e ONU e nos EUA (Czarny: 113-114).

2.4. Transformações e Transições na Era das mudanças climáticas globais

O Ártico caracterizado por ser uma "terra de ninguém", sem qualquer regime político ou autoridade leva a uma feroz e violenta competição entre os interesses

comerciais na Era do mercantilismo, principalmente sobre os direitos de caça e pesca - à baleia, morsas e focas.

Hoje, os atores profundamente envolvidos nos assuntos da Ártico, não são apenas as populações e estados indígenas, mas sim as indústrias pesqueiras, petrolíferas e navais, a comunidade científica internacional, as organizações ambientais e os mídias (Breum, (2012).

À medida que século XXI se desenrola, marcado pela múltiplas transformações e transições na Era das mudanças climáticas globais (Breum: citado por Møller:2010), a região polar ártica depara-se com um conjunto de questões relacionadas com a ascensão da Ásia na economia internacional. Deste modo, o futuro da governação do Ártico em geral, e do Conselho do Ártico, em particular num mundo globalizado, será afectado por factores abrangentes e por forças Transnacionais que no decorrer da investigação tentaremos responder, na medida de possível à 4ª Hipótese onde o *novo grande jogo* se torna o centro do Conselho do Ártico⁵, que promove cooperação, coordenação e interação entre os Estados árticos, e as populações indígenas do Ártico (Idem).

2.5. O Ártico Europeu

O Ártico sofreu diversas tensões uma vez que a Rússia dominava enormes extensões geopolítica árticas do norte do continente euro-asiático, por isso eram controladas e exploradas pela Rússia ou, com o seu consentimento. Mas, no início do século XVII, iniciou-se a primeira nova Era ártica após a descoberta de Svalbard, ilhas localizadas no Oceano Ártico ao norte da Noruega continental. O rei dinamarquês-norueguês de imediato reivindicou essa descoberta, enviando uma expedição naval para assegurar a sua soberania. Os nativos dessas ilhas, embora vissem o seu território invadido, não ofereceram grande resistência e os atritos foram gradualmente resolvidos através de negociações. Após a morte do rei dinamarquês Christian IV, em 1648, Svalbard adquiriu efetivamente o *status* de "terra de ninguém", até ao Tratado de Svalbard de 1920, que

⁵ Os primeiros passos para a criação do conselho ocorreram em 1991, quando os oito Estados árticos firmaram a Estratégia de Proteção Ambiental do Ártico. A Declaração de Ottawa, de 1996, estabeleceu o Conselho Ártico como um foro para promover a cooperação, coordenação e interação entre os Estados árticos, com a participação das comunidades indígenas do Ártico e outros habitantes da região, em temas como desenvolvimento sustentável e proteção ambiental.

reconheceu plena soberania do arquipélago à Noruega, sem qualquer confronto por parte da Rússia (idem).

2. 6. A América do Norte

A maioria dos territórios estava sob o domínio Britânico, assumindo a exploração e colonização de áreas do Ártico. Em 1670, a Companhia da Baía de Houdon adquiriu o monopólio real sobre o comércio na região até à reivindicação dos territórios por parte dos Estados. Em 1867, o Canadá foi-se expandindo lentamente para oeste e para o imenso deserto do norte, adquirindo apenas a sua independência em 1931⁶. Vitus Bering, expedicionário ao serviço da Marinha Russa, avistou as margens do território do Alasca, embora tenha sido Aleksei Chirikov, o primeiro europeu, a pisar os fiordes cerca de 1741. Esta descoberta levou à colonização do Alasca por parte da Rússia, criando várias bases de apoio ao longo de suas costas.

No entanto, os russos não foram os únicos exploradores do Pacífico Norte⁷. Os espanhóis reivindicaram seus direitos na costa oeste da América do Norte, segundo a Bula de 1493, assinada pelo Papa Alexandre VI, que definiu um meridiano a oeste do qual todas as terras pertenceriam aos reis de Castela e Leão, e não apenas aqueles descobertos por marinheiros espanhóis.

Em 1799, foi criada uma companhia russo-americana após Paulo I da Rússia conceder a Nikolai Rezánov o direito de exploração de peles no território. O contrato com os povos nativos (principalmente Inuit, Tlingit, Haida e Tsimshian) não foi difícil e, a

⁶As terras ocupadas pelo Canadá são habitadas há milénios por diferentes grupos de povos aborígenes. A França cedeu quase todas as suas colónias na América do Norte em 1763 depois da Guerra dos Sete Anos. Em 1867, com a união de três colónias britânicas da América do Norte numa confederação, o Canadá foi formado como um domínio federal de quatro províncias. Isto começou com um acréscimo de províncias e territórios e, com um processo de aumento de autonomia do Reino Unido. Esta ampliação de autonomia foi salientada pelo Estatuto de Westminster de 1931 e culminou no *Canada Act* de 1982, que eliminou os vestígios de dependência jurídica do Parlamento Britânico, (consultado Janeiro de 2019), Cuggy, Emily(2011) "Canada's Declaration of Independence, [online]: (<https://www.canadashistory.ca/explore/politics-law/canada-s-declaration-of-independence>).

⁷ Começando no fim do século XV, expedições britânicas, portuguesas e francesas exploraram e, mais tarde, estabeleceram-se ao longo da costa Atlântica do país. Mas, as aspirações da coroa espanhola não se concretizaram, e o único vislumbre da ocupação hispânica no Alasca pode ser encontrado graças às expedições de Bruno de Heceta e Alejandro Malaspina, que deram nomes a alguns lugares como o Glaciar Malaspina.

pouco e pouco os russos iam ocupando o território com fraca resistência por parte dos nativos.

2.7. A compra do Alasca

O ponto de viragem deu-se em 1867, quando William H. Seward, então secretário de Estado dos EUA, comprou o território do Alasca à Rússia por 7,2 milhões de dólares⁸. Assim, em 18 de Outubro de 1867, a compra do Alasca tornou-o domínio americano⁹. No entanto, essa aquisição foi duramente criticada pela imprensa, e passou a ser chamada de “Seward’s folly” or “The Seward’s fridge”, dada a enorme quantidade de dinheiro gasto naquele momento para adquirir o que muitos viram como um terra árida e gelada.

2.8. E sobre os confrontos militares no Ártico do século XVIII e do século XIX?

Alguns conflitos ocorreram, mas foram episódios de pouca importância tais como:

- Uma pequena força naval sueca que atacou uma fortaleza russa (em construção ao lado de Arkhangelsk, no Mar Branco), sem qualquer sucesso;
- A marinha dinamarquesa-norueguesa reivindicou áreas para atividades de caça e comércio;
- Num quadro de hostilidade e, durante as guerras napoleónicas, a barreira continental francesa e o bloqueio britânico levaram a guerra às águas árticas, mas a sua presença naval na área não teve grande significado em comparação com os principais teatros de operação.

Portanto, o Ártico ganhou proeminência num cenário geopolítico nos séculos XVIII e XIX onde os conflitos de poder embora de pouca importância, ocorreram e tiveram algum impacto no Ártico (Tamnes et al: 15-16).

⁸ A falta de dinheiro e o medo de perder as colónias americanas durante o conflito com os britânicos, (que na época controlavam o Canadá) levaram o Czar Alexandre II da Rússia a tomar essa controversa decisão.

2.9. O Ártico em conflitos internacionais no século XX

Durante o século XX o Ártico, esteve envolvido em conflitos armados e rivalidades geopolíticas, como aconteceu nos períodos de tensão e hostilidade durante as duas Guerras Mundiais, e a prolongada Guerra Fria. Estes três conflitos internacionais usaram o estratégico espaço do Ártico para fins militares, não para o controle da área; também, foram desencadeados conflitos regionais como aconteceu na disputa das fronteiras marítimas e a questão de Svalbard, em que os estados árticos e os estados do litoral se envolveram com grande dinamismo para proteger os seus interesses, tendo então sido criadas instituições viáveis capazes de dar uma maior estabilidade regional, e ajudar a evitar divergências.

A história do Ártico está a entrar numa Era de profundas mudanças, e o norte não pode ser visto isoladamente por causa das ligações entre a segurança regional e global, mas o futuro do Norte continuará a refletir desenvolvimentos geopolíticos no Mundo em geral.

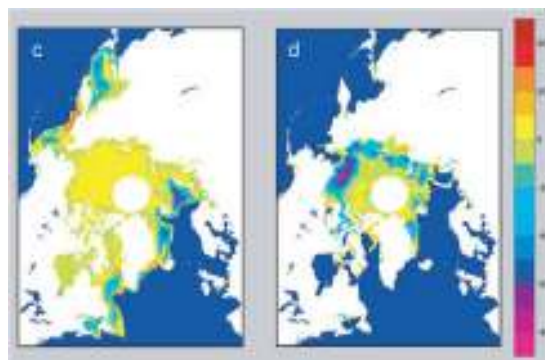
2.10. O desaparecimento do gelo no Ártico: potencial para o transporte comercial *A nova era de transporte comercial no Ártico?*

Quando o homem do gelo chegar, eles entrarão com força. Quem tem a força? Os russos. Ninguém mais tem uma presença tão forte na região ou está bem preparado para enfrentar as condições de clima tão severo. Todas as nações estão a ficar para trás e, no caso dos Estados Unidos, não parecem estar sequer a tentar recuperar o atraso: a América é uma região ártica sem qualquer estratégia ártica, numa região que está a aquecer cada vez mais (Marshall:256).

Os efeitos do aquecimento global estão-se sentindo mais do que nunca no Ártico:

- o derretimento do gelo, permite um acesso mais fácil à região, que coincide com a descoberta de depósitos de energia e com o desenvolvimento de tecnologia para chegar até eles - todos as nações circundantes estão alertas aos potenciais investimentos a serem feitos que, tanto podem ser de ganhos como de perdas no *ambiente mais difícil do mundo* (Idem).

Figura 4: Alterações do gelo no mar



Fonte: Change in sea ice concentration between 1978 and 2003 for winter (c) and summer (d) (O.M. Johannessen et al. 2004) – (Consultado a 15 de Setembro 2018), [online]: <https://mastereia.wordpress.com/category/transportation/page/2/>

2.11. Rotas Marítimas: possibilidades e desafios

O maior desafio que se coloca em Ártico são os recursos e o papel da sua circulação. É da conjugação de ambos os aspectos que resulta um potencial geopolítico, já que os recursos de pouco valem se a eles não houver acesso ou se não puderem ser transportados. A circulação, por sua vez, possuem valor intrínseco já que tem, por si só, um valor geopolítico.

Foram as vias romanas que, galgando e minimizando obstáculos geográficos, constituíram a ossadura sobre a qual assentou grande parte da organização e poder do império (Nogueira:447).

Seguindo o pensamento de Nogueira, podemos inserir o Ártico no mesmo patamar porque cada vez é mais visível o degelo, resultado das alterações climáticas, o que permite um acesso mais fácil à região, e à abertura de vias de comunicação, coincidindo com a

descoberta de depósitos de energia, e com o desenvolvimento de tecnologia para os poder alcançar - tudo isto, chama a atenção às nações do Ártico sobre os potenciais ganhos e perdas a serem feitos no ambiente mais difícil do mundo (Marshall:2016).

O mesmo autor, refere que a busca dos recursos se baseia fundamentalmente no poder marítimo, o controlo das rotas marítimas é essencial. Os Estados sempre tentaram abrir novas rotas marítimas para obter vantagens económicas e modificar as relações de poder em seu favor.

Assim, no contexto geográfico ártico, as passagens marítimas permitem:

- a expansão mais rápida da exploração e produção de petróleo e gás;
- encurtar significativamente a faixa de comércio marítimo leste-oeste entre os portos europeus e asiáticos de maior latitude;
- alteram dramaticamente o valor estratégico e a utilização do Oceano Ártico pelas grandes potências estabelecidas e emergentes do mundo.

A rota da Passagem do Noroeste é 7000 km mais curta que a rota atual através do Canal do Panamá, e a rota da Passagem do Nordeste é um terço da distância da rota tradicional através do Canal de Suez: Isto traduz distâncias mais curtas que significam menos tempo de viagem, menor consumo de combustível e custos.

• A integração da região do Ártico no xadrez económico mundial definirá o equilíbrio de poder no Ártico e como as nações envolvidas interagem com o resto do mundo. Em segundo lugar, ele fornecerá um relato preliminar e equilibrado das maneiras pelas quais os acontecimentos no Ártico mudarão o mundo, e deixará de ser visto como um mundo inóspito, distante e estático para dar lugar a novos acontecimentos¹⁰ (Encyclopaedia Britannica).

¹⁰ Østreng, Willy; Eger, Karl Magnus; Fløistad, Brir; Jørgensen-Dahl, Arnfinn; Lothe, Lars; Mejlænder-Larsen, Mortn; Wergeland, Tor (2013), Shipping in Arctic Waters: A Comparison of the Northeast and Trans Polar Passages Springer. [doi:10.1007/978-3-642-16790-4](https://doi.org/10.1007/978-3-642-16790-4). ISBN 978-36421677898. Online: <https://www.britannica.com/place/Northwest-Passage-trade-route>.

Navegar ao longo da Passagem Nordeste e da Rota do Mar do Norte significa atravessar as águas entre a costa norte da Noruega continental e Svalbard¹¹, mas predominantemente significa navegar ao longo da costa da Federação Russa. As zonas costeiras e a legislação nacional destes dois países do Ártico constituem, assim, a estrutura para a navegação ao longo desta rota marítima, assim como as controvérsias sobre a jurisdição nacional nessas águas.

As passagens Nordeste e Noroeste são frequentemente vistas como rotas marítimas costeiras, enquanto a Passagem Trans Polar é considerada uma rota no meio do oceano através do Pólo Norte para e de portos no Pacífico e Atlântico. Essa percepção está longe de ser exata. Devido à presença de gelo marinho, nenhuma dessas passagens de transporte pode oferecer aos navios um único canal a ser seguido. Na prática, os navios são forçados a seguir o canal que oferece as melhores condições de gelo e de navegação, em qualquer momento e lugar. Assim, cada um desses canais são como amplos corredores de transporte que se estendem na direção norte-sul, com bifurcações que servem de canais de navegação alternativos.

Os três corredores ocupam todo o Oceano Ártico, cobre uma área de 14,75 milhões de quilómetros quadrados e transporta um volume de 18 milhões de quilómetros cúbicos de água. (Østreng: 2010).

Temos e devemos considerar que, há uma vantagem de distância óbvia e considerável de tempo envolvida na utilização das três rotas de transporte do Ártico entre os portos do Pacífico e os do Atlântico, em comparação com os canais de Suez e Panamá. A distância entre Yokohama no Japão e Hamburgo na Alemanha, por exemplo, é de apenas 6.600 nm através do NSR, contra 11.400 nm através do Canal de Suez. Isso implica em uma redução de 42% na distância. Outro exemplo é entre a cidade de Tromsø no norte da Noruega e Vancouver na costa oeste canadense, 3.350 nm usando o NSR em vez do Canal

¹¹ O arquipélago Svalbard, Esvalbarda ou Esvalbarde é um território ártico norueguês, banhado pelo oceano Glacial Ártico a norte, pelo mar de Barents a leste e pelo mar da Noruega e mar da Gronelândia a oeste. Situada a 560 km a nor-nordeste da costa norueguesa, o território mais próximo é o arquipélago russo da Terra de Francisco José, a leste, seguido da Gronelândia, a oeste. É o ponto da Terra permanentemente habitado mais próximo do Polo Norte. Apesar de estar sob soberania norueguesa, o arquipélago está sujeito a um regime específico de acesso aos seus recursos naturais pela comunidade internacional, nos termos do Tratado de Svalbard assinado em Paris a 9 de fevereiro de 1920, (consultado em Janeiro 2019), [online]: <https://www.jus.uio.no/english/services/library/treaties/01/1-11/svalbard-treaty.xml>).

do Panamá, havendo uma redução de distância de cerca de 37%. Se alguém usar o TPP através do Polo Norte, a distância será reduzida com mais 700 milhas (**Tabela1**).

A distância de Londres a todos os portos ao norte de Hong Kong é menor através do NSR do que através de Suez. É tão longe de Londres para San Francisco através do Canal do Panamá como pelo NSR. A maior parte da costa oeste da América do Norte, a costa leste da Rússia, Japão, China, Coreia e Taiwan estão mais próximas da União Europeia / Área Económica Europeia em distância através do Ártico do que através do Atlântico e do Mediterrâneo. Assim visto, o Oceano Ártico é de fato um "Mediterrâneo industrial" no verdadeiro sentido geográfico da palavra (idem).

Diversos exemplos das décadas de 1960 e 1970, antes do degelo iniciado pelo aquecimento global, podem ilustrar o potencial do NEP / NSR / TPP como corredores alternativos de transporte para as rotas comerciais existentes nas águas do sul. Viagens realizadas anteriormente por cargueiros russos confirmam o benefício de economia de tempo usando o NSR. Em Setembro de 1989, um navio soviético transportou carga de Hamburgo para Osaka em 22 dias pelo NSR. Anteriormente, essas viagens levavam menos de 20 dias no verão. Pelo Canal do Suez, as viagens da Europa Continental para o mesmo destino normalmente levariam de 30 a 33 dias (Østreng :1977).

O tempo de trânsito entre a costa noroeste dos EUA e Hamburgo através do Canal de Suez tem uma média de 28 dias. Através da Grande Rota do Círculo Ártico, passando ao norte das grandes massas de terra na ilha no Oceano Ártico, os cálculos indicam uma viagem de 18 dias Østreng, W. (1982).

É importante notar que há uma disputa internacional em curso sobre o status legal da Rota do Mar do Norte. Enquanto a Rússia considera uma passagem interna, a maioria da comunidade internacional considera uma passagem internacional. Os Estados Unidos e muitos outros países afirmam que a Passagem do Mar do Norte é um estreito internacional, concedendo aos navios estrangeiros o direito de passagem sem precisarem de ter autorização do Estado costeiro.

"numa artéria internacional de transporte, concorrente a outras vias, a nível de preço, segurança e qualidade". O desenvolvimento da rota para o transporte comercial poderia ajudar a Rússia a um melhor acesso aos mercados globais de energia, e melhorar a exportação dos seus recursos naturais e minerais, e ao mesmo tempo encorajar maiores investimentos ocidentais e transferência de tecnologia para desenvolver mais rapidamente as suas indústrias de petróleo, gás e construção naval. Actualmente, os produtos petrolíferos, minério de ferro, carvão constituem a maior parte da carga transportada através da Rota do Mar do Norte. De acordo com autoridades de Murmansk¹², o transporte de carga pode aumentar para 19 milhões de toneladas até 2020 (idem:34). Na Península de Yamal, o porto de Sabettam deverá ter uma capacidade de movimentação de aproximadamente 30 milhões de toneladas de gás por ano (idem:34).

Antecipando o aumento da atividade de navegação, a Rússia alterou recentemente a legislação na regulamentação do transporte comercial ao longo da Passagem do Mar do Norte. A nova lei, aprovada a 12 de Julho, introduz uma nova definição da rota (que exclui Murmansk e o Mar de Barents) e impôs regulamentação para navios que usem a rota, inclui também seguro obrigatório e impostos nas mercadorias. Estabelece um orçamento de 660.000 euros para a nova administração da Northern Sea Route (que passa a gerir os serviços de quebra-gelo, fornecer comunicação via rádio, informação hidrográfica e operações de busca e salvamento (idem:35).

2.11.2. Passagem do Noroeste

“ O primeiro navio comercial navega através da Northwest Passage”

(Idem:36).

A Passagem do Noroeste, é uma rota de navegação circumpolar, onde cada vez mais há um aumento de *ice-free*, embora não tanto como na Rota do Mar do Norte. Esta rota tem um tráfego de navegação menor do que a do Norte, devido não apenas à extensão do gelo que impede uma maior ação navegável, mas também devido ao uso do transporte ferroviário que é mais económico.

¹² Murmansk, cidade portuária e centro administrativo, na longínqua parte noroeste da Rússia.

Em 2008, foi a primeira vez que uma embarcação comercial usou esta hidrovia ao longo do litoral norte-americano. O navio de carga levava stoks para as comunidades de Montreal, a oeste de Nunavut. (Idem: 36).

A actividade comercial¹³ tem aumentado de forma significativa ao longo da passagem significa isto, uma maior afluência de navios de carga. Em 2009, houve um aumento de sete navios para dezoito em 2010 e vinte e dois em 2011. O Porto de Churchill, é o único porto ártico canadense de águas profundas, por isso a Passagem do Noroeste poderia produzir uma rota alternativa de fornecimento e serviço da América do Norte e Europa para a Ásia¹⁴.

Semelhante à perspectiva russa sobre a posição da Passagem do Mar do Norte, o Canadá também vê a Passagem Noroeste como uma via navegável interna, chegando mesmo a chamá-la "Passagem do Noroeste Canadense".

Ao contrário dos soviéticos em 1965, os navios dos EUA usaram duas vezes a Passagem de Noroeste sem solicitar autorização ao Canadá (em 1960 e 1985) sem enfrentar a qualquer oposição por parte de Otava. A comunidade internacional por sua vez vê a passagem como uma passagem internacional, e não de pertença exclusiva do Canadá .

Em suma, os efeitos das alterações climáticas provocados pelo aquecimento global, enquanto ameaça global, constitui um desafio de grande relevo para o presente século, traduzindo a possibilidade da exploração de grandes reservas de petróleo, gás natural, minérios e, a abertura das rotas: Rota do Nordeste e a Passagem Noroeste.

3. Geografia Ártica

O novo panorama ambiental na geografia ártica, traça desafios multidimensionais aos países da região traçando um novo cenário, no qual pretendemos abordar diferentes conceitos de diferentes pensadores para os enquadrar neste espaço e com as suas leituras podermos adquirir uma maior visibilidade no campo da nossa investigação.

¹³ A tonelagem de carga enviada através do Porto de Churchill aumentou de 400.000 toneladas métricas em 2008 para 700.000 toneladas métricas em 2010.

¹⁴ Uma viagem de Londres a Tóquio seria 4.350 milhas e 3.050 milhas mais curta do que usando os canais Panama ou Suez, respectivamente.

O Ártico até então **estável**, tem hoje uma **dinâmica** complexa que, determina as condutas políticas desta região pela riqueza de recursos naturais que possui. Este conjunto de forças de poder tornam-se cada vez mais salientes. Deste modo, os atores do Norte ganham margem para influenciar o sistema regional e global. Todas estas motivações são as noções centrais deste estudo geopolítico de um Ártico [E]stável para um Ártico [D]inâmico.

Face a este contexto, entendemos desenvolver o espaço geopolítico do Ártico e para isso o patamar político da geografia do Ártico que estabelece conceitos que iremos desenvolver ao longo deste trabalho da Ciência Política e das Relações Internacionais.

3.1. A Fronteira Ártica

Alguns cientistas, discutem os critérios para definir a localização precisa do Ártico. Inicialmente, as regiões polares do Norte foram descritas como terras e mares acima do Círculo Ártico (66° 30'N de latitude); são parte dela as regiões setentrionais extremas da Europa, da Ásia e da América do Norte, onde estão presentes cinco países – Rússia, Canadá, EUA, Noruega e Dinamarca e a Islândia, constituindo assim, uma parte importante do Mundo (Anexo A).

A América do Norte, ao omitir vastas áreas de tundra, sem árvores, localizadas bem ao sul do Círculo Ártico, demarca a fronteira ártica entre as espaços tradicionais dos Inuit e as ocupadas pelos índios do norte; os geógrafos, tendem a favorecer os limites estabelecidos pela presença de *permafrost contínuo*, em oposição ao *permafrost descontínuo* encontrado no Subártico; uma outra definição aponta o Ártico como sendo a zona circunscrita pelo Círculo Polar Ártico, fazendo parte o Oceano Ártico e o Pólo Norte (Czarny:14).

A definição talvez mais adequada passam pelas terras e águas que ficam a norte da *treeline*, perto do círculo ártico, ao norte do Alasca (**Anexo B**).

4. A presença humana no Ártico: Povos Indígenas

The Inuit are “time-travelers,” and “. . . are probably the only people in history ever to have made the transition from the Stone Age to the Atomic Age in one generation...

(Robin Gedalof, citado por Soukup:2006).

Há milhares de anos que os povos indígenas habitam o Ártico, é nessas mesmas regiões onde podemos encontrar diferentes grupos indígenas que se diferenciam uns dos outros, grandes conhecedores do ambiente ártico.

O século XXI veio alterar a vida desses habitantes devido ao aumento da temperatura do ar, do oceano Ártico e da perda de gelo provocando profundas mudanças de vida para os habitantes e desafios estratégicos para os países circundantes.

Essas mudanças geopolíticas-ambientais, a diminuição do gelo marinho e a expectativa de acesso a recursos minerais, tornam a região o centro das atenções na comunidade internacional. E, é neste contexto de mudança que os povos da região pretendem ter voz como atores políticos.

Deste modo, qual é o papel dos indígenas?

Os estados do Ártico são os principais atores, fonte crucial de estabilidade política e social da região através de uma cooperação intergovernamental e, dos interesses estratégicos. Este ponto de vista é centrado no estado, no entanto todo o cenário da realidade é que as fronteiras nacionais dividem as comunidades indígenas com um grande peso geopolítico. No entanto esses mesmos povos indígenas não são considerados atores internacionais, ou seja, não foram convidados a se tornarem membros fundadores do Conselho do Ártico [como estados do Ártico], eles foram sim, designados Participantes Permanentes (PP), dando-lhes o direito de participar ativamente no Conselho do Ártico. Por outras palavras, os povos indígenas, participam ativamente até certo ponto; são cidadãos dos estados árticos, mas *não têm status* igual aos governos desses mesmos estados. Existem, no entanto seis organizações indígenas no Conselho do Ártico: o Conselho Saami, o Conselho Circumpolar Inuit, a Associação Russa dos Povos Indígenas do Norte, a Associação Internacional Aleute, o Conselho Internacional dos Gwich'in e o Conselho Ártico que avalia o papel e a contribuição dos Povos Indígenas no Conselho, o trabalho do fórum sobre as mudanças climáticas, gestão e governança (Guedes: 2013-16).

Apesar das terras e das águas indígenas no Norte serem divididas por fronteiras, eles, definem-se como nações, e o Ártico como sua Terra Natal (Staus,et.al).

A questão permanece: esses povos indígenas definirão a sua geopolítica de forma explícita?

As áreas do Ártico são habitadas aproximadamente por quatro milhões de pessoas (**Figura 6**), e a área de assentamento está dividida por oito países do Ártico: Canadá, Estados Unidos, Rússia, Finlândia, Suécia, Noruega, Islândia e Dinamarca.

Figura 6: Demografia: Povos baseado nos grupos linguísticos



Fonte: GRID Arendal e Hugo Ahlenius, Nordpil, [consultado a 6 de Março de 2018], disponível em: <https://www.arcticcentre.org/EN/communications/arcticregion/Arctic-Indigenous-Peoples/Demography>

5. A Identidade Regional

Com o fim da Guerra Fria, os Estados do Ártico emergem num clima pacífico, e de cooperação, para tirar proveito das oportunidades que se configuram, embora no geral as decisões políticas sejam tomadas por cada Estado.

A Rússia, é sem dúvida o actor que se evidencia em relação aos outros Estados por possuir uma enorme costa polar estratégica, e pela sua presença militar na região que traduzem uma abordagem intimidadora e de grande influênciana região.

Numa modura internacional os estados árticos cooperam no Conselho do Ártico e no UNCLOS¹⁵, instituições essenciais para a geopolítica do mundo ávido de hidrocarbonetos.

O futuro desta área polar, "o que ocorre no Ártico não fica no Ártico", mas repercute-se negativamente em todo o mundo (D.N.:2017).

5.1. Os Estados do Conselho Ártico

O Conselho do Ártico, é um fórum intergovernamental que nasceu focado em questões de proteção do meio ambiente naquela região e ancorado em temas ligados à proteção de formas sustentáveis de desenvolvimento. Inclui oito “Estados membros” que dele foram fundadores, e que em 1991 assinaram a Estratégia Ártica de Proteção do Meio: Canadá, Dinamarca, Finlândia, Islândia, Noruega, Rússia, Suécia e EUA (Anexo C). Juntam-se-lhes seis “grupos indígenas” da região ártica, com estatuto de “participantes permanentes”, organizados num Secretariado de Grupos Indígenas (IPS): a Associação Internacional Aleuta (AIA), o Conselho Atabasco do Ártico (AAC), o Conselho Internacional Gwich’in (GIC), o Conselho Inuit Circumpolar (ICC), a Associação Russa dos Povos Indígenas do Norte (RAIPON), e o Conselho Saami (SC),

¹⁵ A Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar (CNUDM), frequentemente referida pelo acrónimo em inglês UNCLOS (de United Nations Convention on the Law of the Sea), é um tratado multilateral celebrado sob os auspícios da ONU em Montego Bay, Jamaica, a 10 de Dezembro de 1982, que define e codifica conceitos herdados do direito internacional costumeiro referentes a assuntos marítimos, como mar territorial, zona económica exclusiva, plataforma continental e outros, e estabelece os princípios gerais da exploração dos recursos naturais do mar, como os recursos vivos, os do solo e os do subsolo.

A Convenção também criou o Tribunal Internacional do Direito do Mar, competente para julgar as controvérsias relativas à interpretação e à aplicação daquele tratado.

O texto do tratado foi aprovado durante a Terceira Conferência das Nações Unidas sobre o Direito do Mar, que se reuniu pela primeira vez em Nova York em dezembro de 1973, convocada pela Resolução no. 3067 (XXVIII) da Assembleia-Geral da ONU, de 16 de novembro do mesmo ano. Participaram da conferência mais de 160 Estados (Wiki: Convenção da ONU sobre o Direito do Mar). O texto do tratado foi aprovado durante a Terceira Conferência das Nações Unidas sobre o Direito do Mar, que se reuniu pela primeira vez em Nova York em dezembro de 1973, convocada pela Resolução no. 3067 (XXVIII) da Assembleia-Geral da ONU, de 16 de novembro do mesmo ano. Participaram da conferência mais de 160 Estados. Convenção da ONU sobre o Direito do Mar. (Consultado em Outubro 2018), [online:soamarportugal.org/2015/12/10/33o-aniversario-da-convencao-da-onu-sobre-o-direito-do-mar-convencao-da-jamaica/

Somam-se a estas entidades um número crescente de outros Estados e organizações na qualidade de “observadores acreditados” (**Anexo C**).

O Conselho do Ártico reúne-se, a nível ministerial, de dois em dois anos, para coordenar e supervisionar os seus seis grupos de trabalho (Ibid).

Parte II : A História do Ártico: passado, presente e futuro

1. Entre As Terras¹⁶

O Ártico tem uma história longa e complexa. O Ártico era considerado um lugar inacessível, mas segundo a mitologia grega era uma região mais a norte do que o local onde nascia o Vento Norte (Boreas), e esse lugar era considerado um país rico com solos ricos, de céus azuis, brisas suaves (zéfiro), animais fecundos e árvores que davam frutos mesmo no inverno. Os habitantes de Hiperbórea, (como eram chamados), eram consideradas as raças humanas mais antigas (Report of the Standing Committee on National Defense de 2010, citado por Lopez 2001, pp. 16-17; ver também McGhee 2007).

O termo **Mediterrâneo Ártico**, remonta aos escritos do antropólogo canadense-americano Vilhjalmur Stefansson¹⁷, que na sua obra “Friendly Arctic” (Stefansson 1921), descreve que os habitantes em Ártico viviam consoante as condições climáticas, e segundo ele não eram tão miseráveis como muitas vezes eram retratados. Por outras palavras, o seu pensamento converge com a mitologia grega, e rejeita os céticos que consideravam esse lugar hostil e pobre. Para o Stefansson¹⁸ o Ártico, era fértil e com um forte potencial no

¹⁶ O termo Mediterrâneo deriva da palavra latina *Mediterraneus*, que significa *entre as terras*.

¹⁷ Stefansson foi um proeminente explorador e promotor da colonização ártica - chefiou a Expedição ao Ártico canadense de 1913-1916 - cujos escritos e vida foram extensivamente analisados (Diubaldo, 1978; Hunt, 1986; Gisli Pálsson, 2003; Sawchuck, 2008; Stuhl, 2013).

¹⁸ He wrote in National Geographic Magazine: The map of the Northern Hemisphere shows that the Arctic Ocean is a huge Mediterranean. It lies between the continents somewhat as the Mediterranean lies between Europe and Africa. In the past it has been an impassable Mediterranean. In the near future, it will not only become passable, but will become a favorite air route between the continents, at least at certain seasons – safer, more comfortable, and consisting of shorter “hops” than any other air route that lies across the oceans that separate the present-day centers of population. (Idem, cited by Stefansson 1922a, p. 205)

1.1. Mediterrâneo como local de oportunidade comercial

Embora referências explícitas e implícitas ao Ártico como uma zona de oportunidade mediterrânea, onde as relações comerciais podem levar a intercâmbios culturais e desenvolvimento económico, remonta à Grécia Clássica onde a localização da cidade portuária era numa encruzilhada de mares, e por isso era em primeiro lugar considerada um centro comercial, e mais tarde torna-se um centro de civilização cultural, social e político.

O embaixador islandês Gunnar Pálsson no discurso de 2006 intitulado “O Mediterrâneo Polar, Mudança e Oportunidades para os Países de Ártico» afirma que no limiar de uma nova época, onde as mudanças nos padrões de clima, o consumo de energia, comércio e transporte começarão a convergir de uma maneira que possa transformar o mundo em que vivemos. Com efeito, estamos a caminhar para o centro do mundo em direção a um mundo com o pólo no meio: o Mediterrâneo Polar (idem, citado por Gunnar Pálsson 2006) .

Por sua vez, as autoridades da Islândia, entendem que o Ártico tem potencial para se tornar uma “Cingapura Ártica”.

Também, Mikhail Gorbachev, no seu *discurso de 1987 em Murmansk*, anunciou: “O Ártico não é apenas o Oceano Ártico, mas também... o lugar onde as regiões da Eurásia, América do Norte e Ásia-Pacífico se encontram, onde fronteiras próximas umas das outras e os interesses dos Estados... cruzam (idem, citado em Keskitalo 2004, p. 43) ”.

1.2. Mediterrâneo Polar

A designação do Ártico como um “Mediterrâneo Polar” é usada para promover uma visão da Europa (e da América do Norte) alargando pacificamente as suas fronteiras mas, também é usada como uma arena de conflito. Assim, durante o auge da Guerra Fria, o sociólogo americano Joseph Roucek recorreu diretamente aos escritos de Stefánsson sobre a tecnologia aeroespacial no Ártico para afirmar uma nova era de integração: “O Ártico Mediterrâneo” é um exemplo perfeito de uma área em que os avanços tecnológicos,

especialmente na aviação, causaram grandes mudanças na região, e exigem uma nova avaliação dos fatores locais na região.

The key “locational factor” for Roucek was that the Soviet Union was now much closer to the United States than most Americans realized, and that strategic resources should therefore be deployed northward (idem, citado em Roucek 1983, p. 463).

Também, em 2010, o Comité Permanente de Defesa Nacional na Câmara dos Comuns do Canadá publica um relatório sobre “Soberania Ártica do Canadá” (Government of Canada 2010), onde os autores do relatório associam a ascensão do Mediterrâneo Polar não ao emergente setor de transporte aéreo identificado por Stefansson, nem aos mísseis identificados por Roucek, mas às mudanças climáticas e ao fim da Guerra Fria. Deste modo, o Canadá entende que essa mudança exige uma resposta firme e, a adoção de políticas de defesa nacional porque o Mediterrâneo Polar pode ser um local de oportunidade e de insegurança.

O Ministério dos Negócios Estrangeiros da Noruega, em 2011 desenvolve semelhantes estratégias no Ártico da Noruega.

Na última década, vários académicos e jornalistas geopolíticos tentaram usar o Mediterrâneo para entender as questões de segurança no Ártico.

Por sua vez, o ex-oficial da Guarda Costeira dos EUA Scott Borgerson argumenta que o Mar Mediterrâneo é um pouco semelhante ao Oceano Ártico, de instabilidade e a semelhança dos dois mediterraneos é a clareza das reivindicações históricas (Idem).

Barry Zellen, jornalista em assuntos militares, entende que o clima impediu que a região emergisse como uma região mediterrânea. Agora, em pleno século XXI devido ao degelo e às alterações climáticas que se fazem sentir na região, o Ártico tem todo o potencial de emergir como um “novo Mediterrâneo”, embora apresente também uma visão mais sombria do degelo do Ártico, com o aumento de insegurança (Idem).

Através dos pensamentos geopolíticos de Mahan, Mackinder e Spykman sobre as condições geográficas e geoeconómicas físicas do século XXI, o estrategista naval James Holmes, entende que o Ártico está prestes a emergir como um Mar Mediterrâneo de crescente importância e numa visão mais abrangente conclui: “O Ártico é o Mediterrâneo do século XXI” (idem, citado em Holmes 2012).

1.3. O “outro” lado do Mediterrâneo Polar

Steinberg, acresce que além de assumir o (significado) da categoria mediterrânea, existe um conjunto de forças no Mediterrâneo Polar, herdado da Guerra Fria: a divisão entre “Rússia” e “cinco aliados da NATO”, e esse mesmo conjunto de forças contrárias são atualmente sentidas no Ártico, desde que a Rússia anexou a Crimeia em 2014.

O "outro" é invariavelmente a Rússia, um país que se assemelha ao do “Oriente” árabe no Mediterrâneo (Idem).

Essa construção de um “outro” externo, mas próximo, é multifacetado porque, segundo os estudiosos do pós-colonialismo, sempre que há numa divisão integrada, tem também a possibilidade de fomentar a economia (política e social). Portanto, a perspectiva do Mediterrâneo, traz ideais de esperança e medo nas relações com o “outro”, e isso é tão verdadeiro na fronteira do norte da Europa quanto no sul (idem).

Numa outra perspectiva, o Ártico como Mediterrâneo, encontra o Ocidente com os “outros” numa arena cosmopolita marítima, potencial para trocas comerciais e culturais; também divide o Norte entre aqueles que têm recursos e os que não têm; do mesmo modo, cria ligações que podem ultrapassar essas divisões (a possibilidade de que os russos “aprendam a conviver com os outros”).

A interação entre os países circundantes é portanto vista como potencialmente produtiva, mas com forças de tensão resultantes da divisão da geográfica desse mesmo oceano, e que ao mesmo tempo também serve para que as mesmas relações projetem o seu poder. A Rússia é entendida como potencial nas negociações, mas somente se os russos conseguirem assegurar compromissos tal como os aliados da NATO (Idem).

Ainda Report of the Standing Committee on National Defense de 2010, Giaccaria e Minca (2011), chamam às geografias mediterrâneas como “a fonte e o espelho de muitas geografias pós-coloniais europeias”. Embora estejam a referir-se às relações da Europa com os “outros” mais distantes, mas com paralelos semelhantes com as terras (e águas) adjacentes na periferia norte da Europa.

Em suma, o Mediterrâneo Polar constrói relações e ideais de proximidade e distância, diferença e unidade, poder e cooperação. Mas, por sua vez preparam um cenário

para futuros conflitos, tanto entre estados do Mediterrâneo Polar quanto, dentro de cada estado, entre habitantes de cada região mediterrânea polar e aqueles sem raízes regionais significativas (Idem).

O Mediterrâneo é um Espaço e História de uma geografia, um clima ou um mar, onde uma confluência de civilizações muito antigas nos legaram formas particulares de vida e patrimónios culturais. É um modo de ver, de pensar e de agir e que tem influenciado todo o planeta, onde os factores geoclimáticos atraíram grupos humanos, e os rios foram “estradas”.

Assim, o **Mediterrâneo do Sul**, e o **Mediterrâneo do Norte** têm grandes semelhanças, por serem mistura de culturas, vidas e interesses nos dois espaços onde os mesmos factores se articulam em arenas marítimas.

In 1922 the famous Arctic explorer Viljalmur Stefansson noted the following:

A glance at the map of the northern hemisphere shows that the Arctic Ocean is in effect a huge Mediterranean. It lies between its surrounding continents somewhat as the Mediterranean lies between Europe and Africa. It has, in the past, been looked upon as an impassable Mediterranean. Soon, it will not only become passable but will become a favorite route ... much shorter than any other air route that lies over the oceans that separate the present-day centers of population. Quoted by R.J. Sutherland, “The Strategic Significance of the Canadian Arctic” (Idem, citado por Sutherland:2010).

2. O Topo do mundo

O Ártico, encontrou o seu caminho no centro das questões que desafiam e definem o mundo do século XXI: a segurança energética e a procura dos recursos naturais, a mudança climática e a sua velocidade, o retorno da grande competição de poder e a reconstrução dos padrões do comércio global com consequências incertas. Tudo isto, passa-se no topo do mundo onde a vasta e complexa área do globo está cheia de oportunidades e desafios. Estas forças moldam a história do Ártico, introduz atores da política nos negócios, na ciência e na sociedade que lutam para moldar o seu futuro (Emmerson:2010).

2.1. O Ártico durante a Guerra Fria

O Ártico circumpolar foi uma área de confronto estratégico durante a Guerra Fria; era uma região fortemente militarizada e politicamente sensível. Para a União Soviética, o porto na península de Kola¹⁹ era muito importante porque era o único ponto livre de gelo durante quase todo o ano. Através deste, os submarinos soviéticos tinham acesso ao Oceano Atlântico “escondidos” sob a calota de gelo do Ártico. Esta capacidade foi ainda mais fortalecida no início dos anos 1960 com a construção de bases militares para submarinos com mísseis nucleares (Østerud:156).

A península de Kola, situa-se no extremo norte da Rússia Europeia, junto à fronteira com a Finlândia (**Figura 8**). As águas do Ártico e o espaço aéreo eram igualmente centrais para os EUA e seus aliados. O objetivo vital estratégico era proteger as rotas marítimas entre a Europa e a América.

Fig: 8 : A península de Kola



Fonte: [online] Wikipedia (consultado em Fevereiro 2018).

¹⁹ A Península de Kola, no noroeste da Rússia, é uma das regiões económicas mais importantes do norte circumpolar. A região contém valiosos recursos naturais, incluindo uma grande variedade de recursos minerais e pesqueiros, e está próxima dos grandes campos de gás do Mar de Barents. Uma grande população, complexos industriais e infra-estrutura militar também são característicos da região. A Península de Kola desenvolveu-se rapidamente durante o período soviético (1917-1992) sob os princípios da política de desenvolvimento socialista. Essa política favorecia a extração extensiva de recursos e a industrialização e resultava no aumento do assentamento do norte, em grande parte involuntário. A política de desenvolvimento soviética levou à abertura de novas minas e à construção de fundições e instalações de refinação, enquanto a política militar soviética exigia o estabelecimento de grandes operações militares de base. O desenvolvimento e o processamento de recursos levaram a graves danos ambientais na região (Luzin, et.al).

Em suma, durante esse período da Guerra Fria a região ártica foi palco geopolítico, estratégico, fortemente protegido por sistemas tecnológicos de vigilância.

2.2. O Ártico no fim da Guerra Fria

Na sequência da Guerra Fria, o Ártico tornou-se fortemente ligado às instituições cooperativas interestaduais. A tensão estratégica diminuiu em benefício dos interesses comuns e dos intercâmbios comerciais, mesmo que algumas disputas não tenham ainda sido resolvidas. A cooperação limita-se principalmente a áreas de questões pouco políticas, como a proteção ambiental e os direitos dos povos indígenas.

A Guerra Fria, terminou no século passado. Mas, isso não significa que a grande rivalidade de poder (na melhor das hipóteses) e conflitos (na pior das hipóteses) seja possível. Embora possa haver um risco reduzido de confrontação militar direta entre grandes poderes no futuro imediato, isso não significa que as grandes potências não tentem melhorar a sua influência à custa de outros poderes. Mas, os grandes poderes podem simplesmente usar outras ferramentas na política como forma de melhorar a sua influência. Por exemplo, a presença de todos os grandes poderes navais na região no Corno de África, aparentemente como ajuda internacional para preencher o vazio da estrutura da segurança regional contra a pirataria, e o aumento do poder e a influência da região como resultado (Willett:292).

3. Novo século: ápice, apogeu, auge

“If there is a Third World War, its strategic center will be the north pole.”

US General Harp Arnold (1946) Arctic International Relations in a Widened

Security - Tidsskrift.dk (Jacobsen et al.2017).

O Ártico do século XIX e início do XX não é o mesmo de um século depois. Aquele colosso de gelo diminuiu em tamanho e mistério, para dar lugar a outra fronteira. O Polo Norte [era] um mundo esquecido; hoje, início do século XXI apresenta-se como um grande centro geopolítico, de forte identidade regional (Mychjlyszyn:2008), estreitamente integrada no mundo atual da globalização, e no Sistema Internacional (S.I.), onde os estados circumpolares, ou seja o xadrez político das soberanias nacionais se movimentam devido às mudanças climáticas, à procura de recursos, e à abertura de rotas marítimas, e aos avanços tecnológicos.

Estas transformações geopolíticas no Ártico são entendidas como forças que geram ou contribuem para moldar o espaço geográfico e merecem reflexão na política internacional do Ártico, onde os desafios, as disputas geopolíticas em torno da região constituindo um dos grandes desafios do século XXI.

Para o Professor Østerud (University of Oslo), essas mesmas linhas de transporte serão substancialmente mais curtas e potencialmente mais baratas por via marítima (Tabela 1) ; assim, as perspectivas comerciais aumentam o potencial de extração de energia, cujas grandes reservas de petróleo, gás e minerais existem tanto em *onshore* como em *offshore* isto é, existem na área circumpolar onde se desenvolvem com o contributo das novas tecnologias, tornando-as de uma forma gradual mais acessíveis e comercialmente mais lucrativas (Ebinger: 85).

É neste ambiente de degelo que o Ártico se vai tornando mais acessível, capaz de reduzir as distâncias, e uma maior acessibilidade aos recursos e aos grandes interesses económicos e estratégicos que serão certamente a resposta aos desafios desta nova *Era Ártica*

No que diz respeito ao meio ambiente, a redução do gelo marinho tem um impacto imediato sobre as populações indígenas, fauna, flora e na vida selvagem. Além disso, pode haver consequências ambientais potencialmente profundas do contínuo aquecimento do oceano e no derreter do gelo do Ártico. Deste modo põe em perigo a estabilidade da camada de gelo e acelera o descongelamento do *permafrost ártico*, “um poderoso motor de mudança climática” .

Assim, o *status* geopolítico do High North ganha importância, mas fica a dúvida sobre como os atores circumpolares irão perseguir os seus interesses no Ártico.

Enquanto o Ártico na geopolítica clássica era uma área remota que separava a Europa da Ásia no norte, agora é um campo contestado por instituições cooperativas e com iniciativas conjuntas interligadas.

3.1. Os desafios em Ártico

Embora o Ártico seja um local de cooperação internacional, é também um local de tensões geoestratégicas entre os vários estados da região, principalmente entre o bloco dos EUA e do Canadá e a Rússia.

As disputas territoriais também estão a aumentar, vejamos um caso recente em que, a Dinamarca (Groelândia), reivindicou o Pólo Norte em virtude da localização da Groenlândia ao longo da cordilheira de Lomonosov²⁰; o Canadá e os EUA, embora vizinhos muito próximos geograficamente e de terem semelhantes diretrizes políticas no Ártico têm significativas discordâncias sobre a disputa da fronteira no Mar de Beaufort e na designação das águas internacionais²¹ ou internas²² da Passagem Noroeste.

A Noruega e a Rússia²³ e países fora da região reivindicam pelo controle e ou, pela exploração do potencial económico do Ártico, nomeadamente a abertura de novas rotas

²⁰ Geólogos dinamarqueses dizem que o Pólo Norte pertence à Gronelândia, e por isso é da Dinamarca. Os dados sísmicos que recolhidos podem apoiar a alegação deste país que reivindica o território rico em reservas de petróleo e gás que se localizam abaixo do gelo no fundo do oceano Ártico. A afirmação de que o pólo norte pertence a Groenlândia e por consequência ao Reino da Dinamarca se deve a chamada Cordilheira de Lomonosov, onde se localiza o pólo norte e é, segundo os dinamarqueses, uma extensão da massa terrestre da Groenlândia. Esta alegação é contestada pelos geólogos russos, que em 2007 afirmaram que a cordilheira é uma extensão da Sibéria. Os Russos usam este argumento para reivindicar a região para si. Nenhum outro país pode reivindicar aquele território por meios diplomáticos. Nos termos da Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos de utilização dos Mares, dados geológicos são um pré-requisito para ganhar uma reivindicação reconhecida internacionalmente. Tendo a ciência dos dois países chegado a conclusões diferentes terão provavelmente que fazer um acordo ou poderá ocorrer um atrito entre as partes. É uma prova de que a ciência nos traz mais dúvidas do que respostas, principalmente quando usada para fins políticos, (consultado 15 de Agosto 2018), [online] mundoemcolapso.blogspot.com/2012/08/quem-e-o-dono-do-polo-norte-dinamarca-e.html.

²¹ Águas internacionais é um conceito de direito do mar definido como todas as partes do mar não incluídas no mar territorial e na zona económica exclusiva de um Estado costeiro, nem nas águas arquipelágicas de um Estado arquipélago.

²² Águas Interiores, consideram-se águas interiores os mares completamente fechados, os lagos e os rios, bem como as águas no interior da linha de base do mar territorial.

²³ Russia and Norway today ended a bitter 40-year dispute over their maritime borders and signed a treaty that will allow for new oil and gas exploration in the Arctic region. The agreement lays to rest a long-running Soviet-era row over the Barents Sea. Both countries claimed a 175,000 sq km (67,567 sq mile) zone, about half the size of Germany, situated north of Russia's Kola Peninsula and the Norwegian coast. The treaty

marítimas (importante para o comércio), o vasto depósito de recursos naturais, como o petróleo, o gás natural e minérios (níquel e ferro), e pelas rotas de pesca.

Até o presente momento a região não tem tido grandes conflitos, mas a militarização da região tem sido questionada junto da Organização das Nações Unidas assim como, a chamada Zona Económica Exclusiva (Ceres:2016).

Embora, os desentendimentos sobre a jurisdição marítima existam, os estados definem as áreas segundo a Convenção das Nações Unidas de 1982 sobre o Direito do Mar (UNCLOS), ou seja os direitos exclusivos sobre os recursos da plataforma continental a mais de 200 milhas náuticas das suas linhas costeiras.

Tudo isto leva a que esta região se torne um centro de disputa das grandes potências intra e extra-região, quer seja pela necessidade de exploração ou, pela a exigência à proteção.

Também é verdade, que todos os fatores, *únicos*, aí existentes devam ser preservados num ambiente de proteção e de equilíbrio ecológico sustentável, para haver um maior desenvolvimento económico e social, evitando possíveis e graves consequências a nível de todo o Planeta.

Contudo, as alterações climáticas alteram o meio ambiente e todos os seus elementos tais como os ecossistemas, as formas tradicionais de vida dos povos indígenas e as atividades económicas.

O contínuo degelo que se verifica em Ártico trouxe a necessidade aos Estados circundantes de encontrar soluções para uma série de desafios económicos, políticos e de segurança para fazer face aos grandes e novos mercados, como a China e a Índia.

divides the disputed area equally between the two countries. The dispute flared up in the 1970s and was initially about fish. But the area is now thought to be not only rich in fishing but also in oil and gas, with proven petroleum reserves on both the Russia and Norwegian sides. Advertisement Russia's president, Dmitry Medvedev, and Norway's prime minister, Jens Stoltenberg, signed the treaty today in the Russian city of Murmansk, north of the Arctic circle and not far from the Norwegian border. With the five Arctic powers - Russia, the US, Canada, Denmark and Norway - scrambling to file territorial claims over the Arctic, Medvedev hailed the agreement as a "constructive" model of how rival Arctic nations should settle their differences. He also warned Nato not to "exacerbate" its presence in the region. (Consultado em Outubro 2018), [online]: <https://www.theguardian.com/world/2010/sep/15/russia-norway-arctic-border-dispute>

Sumarizando, o Alto Norte apresenta desafios especialmente, em três áreas: alterações climáticas, recursos naturais (principalmente relacionados com a energia) e, a grande transformação da Rússia em curso, como alias é referenciado no capítulo anterior.

O futuro do Ártico diz respeito aos interesses dos Estados Árticos, ao bem-estar dos Estados não-árticos e da humanidade como um todo. A governação do Ártico requer a participação e contribuição de todas as partes interessadas, com base nos princípios de "respeito à cooperação e à sustentabilidade". A China, como país responsável, está pronta a cooperar com todas as partes relevantes para aproveitar a oportunidade histórica no desenvolvimento do Ártico.

Os desafios trazidos pelas mudanças na região, compreendem, protegem, desenvolvem e participam na governação do Ártico, e promovem a cooperação no âmbito de construir uma comunidade com um futuro partilhado pela humanidade. e contribuir para a paz, estabilidade e desenvolvimento sustentável no Ártico.

Parte III - O Clima Ártico

1. Alterações Climáticas e o Aquecimento global

Não há dúvida que o clima global está a mudar. O Ártico está a aquecer a uma taxa quase duas vezes superior a média global, causando impactos como o degelo e a subida do nível do mar, a diminuição do albedo²⁴ e o aumento de temperatura no mar entre outros fatores (MMC). Alguns cientistas alertam para uma possível hipótese: **"Ártico quente, continentes frios"**(NOAA:2010).

²⁴ Albedo, ou coeficiente de reflexão, derivado do termo latino *albedo* (*brancura* ou luz solar refletida, a partir de *albus*, *branco*), é a refletividade difusa ou poder de reflexão de uma superfície. Ela é a razão entre a radiação refletida pela superfície e a radiação incidente sobre ela. Sua natureza adimensional permite que ela seja expressa como uma percentagem, e ela é medida numa escala de zero, para nenhuma reflexão por uma superfície perfeitamente negra, até 1, para uma reflexão perfeita por uma superfície branca, (Consultado em Janeiro 2019), [online]: <https://www.skepticalscience.com/earth-albedo-effect.htm>.

Do ponto de vista estritamente económico, as alterações climáticas representam uma grande oportunidade para o Ártico. O derreter e o recuo do gelo marinho melhora a acessibilidade aos portos do Ártico, reduzindo os custos da exploração de petróleo e minerais, permitindo também a abertura de novas rotas de transporte ligando o Atlântico e o Pacífico.

Sob ponto de vista social, as mudanças climáticas juntamente com a globalização, afetam profundamente as sociedades circumpolares nos seus meios de sua subsistência, nas suas tradições de vida, na cultura e nas economias locais; embora os povos indígenas beneficiem destas transformações e da abertura das novas rotas marítimas.

No que diz respeito ao impacto político, o degelo, veio criar novas oportunidades, chamando a atenção a nível internacional para a maior possibilidade de acesso aos recursos naturais.

Este desafio exige que os decisores políticos se debruçem e cooperem num clima frutífero entre Estados árticos, não-árticos para atrair os investimentos necessários ao seu desenvolvimento e segurança.

Outro desafio, é sem dúvida a relação entre ciência e política. A mudança no Ártico exige tecnologias modernas e infra-estruturas melhoradas para acompanhar o desenvolvimento e reduzir os riscos no meio ambiente.

Segundo o professor Leal, confirma que o aumento das mudanças climáticas no Oceano Ártico, o degelo de uma enorme dimensão no Ártico, e seus glaciares a derreter podem provocar alterações profundas nas correntes oceânicas e nos mares subsidiários e na diminuição da calota polar.

Numa análise geopolítica observamos que a Rússia, Canadá e a Groelândia, poderão ser os estados que mais beneficiarão dessas mudanças

Outro desafio geopolítico, refere-se aos estreitos das Passagens do Noroeste e Nordeste, enquanto meios de circulação, concedendo um estatuto privilegiado ao Canadá e à Rússia uma vez que detêm as maiores e mais modernas frotas de “quebra-gelos”, por isso têm condições privilegiadas de fazer valer os seus interesses face à comunidade internacional. Por sua vez, o degelo vai permitir uma maior facilidade do acesso aos recursos naturais. com efeito podemos apreciar que os grandes depósitos de gás natural existem na costa da russa e os enormes jazigos de petróleo existem nos offshores dos EUA

e o Canadá. Por último, os EUA e a Rússia são os Estados com maior capacidade militar. Todos estes fatores previligiam e rebustecem o Poder desses estados (Leal: 296).

Deste modo as consequências do aquecimento global no Fator Físico consistem no aumento do período e das zonas dos mares subsidiários em que a navegação à superfície será possível, maior facilidade ao acesso aos recursos naturais e, por último a possibilidade de virem a acontecer alterações profundas das correntes oceânicas e dos ventos, ou mesmo dos padrões das correntes agora dominantes nos mares mais setentrionais do globo terrestre (Idem:297).

Assim, podemos afirmar que o Poder dos atores da região é diferente, o que dá maior capacidade a que os Estados com maior Poder possam ditar as regras na região, conforme os seus interesses.

2. “O que acontece no Ártico, não fica no Ártico?”

A mudança climática é um "multiplicador de risco na segurança global" com impacto global, e ao mesmo tempo as mudanças climáticas tornarão mais vulneráveis as infraestruturas existentes no Ártico, e o recuo do gelo levará a um aumento de atividades humanas, ou seja pode resultar no movimento em massa das pessoas e os sistemas de suporte existentes são insuficientes para lidar com isso. Os efeitos do aquecimento global estão agora mais visíveis no Ártico: o degelo permite acesso mais fácil à região, coincidindo com a descoberta de depósitos de energia, e desenvolvimento de tecnologia (Marshall:256).

Os cientistas não sabem qual vai ser o impacto real do degelo do Ártico. Mas uma coisa é certa, estas alterações traduzem, que a camada de gelo estará em grande parte sem gelo, enfraquecendo profundamente a função do Ártico como um sistema de resfriamento global.

3. Consequências globais

O assunto dominante do século XXI será certamente as alterações climáticas com consequências de seca ou, de excesso de água afetando os seres humanos e se propagarão para outras regiões do mundo:

- As mudanças nos glaciares polares - o derreter dos glaciares árticos contribuem para a subida das águas nos oceanos, significa isto um aumento do nível do mar; também a água doce fruto da precipitação irá afetar substancialmente a salinidade no Oceano Ártico.
- As alterações climáticas no Alto Norte provocadas pelo aquecimento global, estão a mudar a flora e a fauna da região, o meio ambiente e as sociedades em geral. Assim, esta variação tem impactos a nível económico, na saúde, na vida e na cultura da população indígena.
- As mudanças no gelo marinho - haverá perda substancial de gelo marinho no oceano Ártico, abrindo novas rotas marítimas com grandes implicações comerciais e estratégicas. Com mais água em circulação haverá uma moderação de temperaturas e um aumento de precipitação e estas mudanças a longo prazo, são talvez irreversíveis, na oceanografia física e na ecologia.
- As alterações nos permafrost - os estudos indicam que grandes áreas do terreno de permafrost começarão a descongelar, levando a mudanças na drenagem, aumento dos movimentos de grandes massas geladas, erosão térmica e paisagens alteradas em grande parte do Ártico e subárticos. Nas áreas desenvolvidas do Ártico, estas mudanças podem levar a danos muito significativos na adaptação humana.
- As alterações hidrológicas - a hidrologia do Ártico é particularmente sensível ao aquecimento porque pequenos aumentos de temperatura resulta um aumento substancial do derreter do gelo e da neve com importantes impactos no ciclo da água, ou seja no escoamento das águas. Deste modo, o escoamento do Ártico afetará certamente a produção de gelo marinho, a formação de águas profundas no Atlântico Norte e o clima regional.

- As mudanças no habitat - À medida que o aquecimento ocorre haverá mudanças nas espécies e perda de algumas espécies polares. Impactos nas comunidades humanas - as mudanças climáticas, em combinação com outras tensões, afetarão as comunidades humanas no Ártico, em particular as comunidades de povos indígenas e os seus tradicionais estilos de vida; a diversidade de espécies alimentares afetará práticas de caça e coleta e poderá ameaçar as tradições e modos de vida de longa data, embora as comunidades que praticam esses estilos de vida possam ser suficientemente resistentes para lidar com essas mudanças. No entanto, haverá benefícios económicos, incluindo novas oportunidades de comércio e transporte em todo o oceano Ártico, custos económicos mais baixos para a indústria de petróleo e gás, menores custos de aquecimento e acesso mais fácil para o turismo baseado na circulação de maior número de navios (Czarny:43).

3.1. O efeito borboleta

O sistema climático mundial é complexo, cheio de variações e anormalias. Quer isto dizer que qualquer pequena turbulência num determinado lugar pode afectar outro à escala mundial, o chamado “efeito borboleta”. Essa mesma teoria é defendida pelo matemático e meteorologista, Edward Lorenz *em que o bater de asas de uma simples borboleta pode influenciar o curso natural das coisas e provocar um tufão do outro lado do mundo* (Moreira:17).

O Oceano Ártico está derretendo, e está derretendo rapidamente reduzindo a área coberta pelo gelo marinho.

Figura 9: As Passagens do Ártico



Fonte: (Consultado a 19 de Agosto de 2018), [online] https://static.guim.co.uk/sys-images/Guardian/Pix/maps_and_graphs/2011/10/04/SEA-ROUTES.gif

Em suma, as alterações climáticas no presente século vieram criar desafios sociais, políticos e económicos; podem ainda modificar significativamente a configuração geográfica do planeta, com relevo para as regiões polares, onde o degelo crescente poderá criar novas vias de navegação com carácter estratégico e abrir possibilidades à exploração de recursos, até agora inacessíveis. Considera-se que a progressiva redução da superfície das calotes geladas do Ártico tornará possível controná-las em 2050, navegando entre o Atlântico e o Pacífico, tanto por Leste (passagem do Nordeste) como por Oeste (passagem do Noroeste (**Figura 9**)).

O controlo destas novas rotas de navegação e a estimativa dos estudos geológicos norte-americanos, que calculam em 25% das reservas mundiais as reservas de petróleo e gás por descobrir no Ártico (acessíveis e de exploração rentável dentro de quarenta anos) constituem razão suficiente para os “países do Ártico” (Rússia, Dinamarca, Noruega, Canadá e Estados Unidos) disputarem posições estratégicas ao longo das novas vias marítimas de comunicação, assim como autoridade bastante que lhes permita explorar futuras jazidas (**Anexo D**).

Parte IV – Compreender a Geopolítica Clássica: Geografia, Estratégia e História

Alguns teóricos da geopolítica, ao estudar a forma como a geografia influencia a política e, julgam que as forças naturais e o ambiente geográfico constituem uma realidade objetiva, independente dos desejos do Homem. Essa realidade, está em grande parte fora do controle humano e, como tal, influência e por vezes determina o curso da história. Os seres humanos não têm escolha a não ser adaptar-se às características geográficas do ambiente em que vivem.

Na área das relações internacionais, e de acordo com a tradição de pensamento geopolítico, a geografia determina a distribuição de poder e produtividade, dando mais vantagens a umas geografias do que a outras. Muitas vezes, a influência da geografia resume-se a um fator que determina todo o curso da história, como o clima, que é talvez a variável geográfica mais usada por antigos filósofos e historiadores (Aristóteles, Plínio ou Montesquieu), bem como por geógrafos mais recentes, que explicam as diferenças na distribuição de riqueza, produtividade e avanço tecnológico no mundo. Mas, outras variáveis, como a configuração dos mares, a extensão e a direção dos rios navegáveis, a disposição dos continentes, têm sido empregadas para explicar o modelo da história e a mudança do local de poder (Grygie:5).

A geografia no geral é uma ciência que descreve e analisa a superfície terrestre, a localização e distribuição no espaço dos seus diferentes elementos, modificados ou não pelo homem, e estuda as ações, reações e relações com o povo, o seu clima e os seres vivos entre si, de uma determinada região da Terra.

Na Era da tecnologia e da comunicação instantânea, o papel da geografia na política das relações internacionais é um pouco desvalorizado, mas nas montanhas do Afeganistão e nas tempestades de areia escaldantes do Iraque forneceram fortes sinais de que as diferenças geográficas continuam a ter um impacto profundo no sucesso das campanhas militares. Aqui, o cientista político Jakub J. Grygiel traz à luz a importância de incorporar a geografia à grande estratégia. Ele argumenta que os estados podem aumentar e manter sua posição de poder seguindo uma geoestratégia que se concentra no controle de recursos e linhas de comunicação (Sloan:1998)..

Grygiel examina o caso de Veneza, do Império Otomano e da China no século XV, todas as grandes potências que enfrentaram uma mudança dramática na geopolítica quando foram descobertas novas rotas e novos continentes. A localização dos recursos, as redes de comércio e a estabilidade dos limites do Estado desempenharam um papel importante no sucesso ou fracasso desses três poderes. Grygiel afirma que, embora muitos outros aspectos da política externa tenham mudado ao longo da história, a resposta estratégica a características geográficas continua sendo um dos fatores mais salientes no estabelecimento e manutenção do poder na arena internacional (Grygiel:86-87).

A política externa de um estado, ou onde um estado projeta o seu poder, a sua força, a estratégia e a geografia sobrepõem-se, quer dizer que a estratégia está intimamente ligado à atividade guerreira e militar,

A Geografia militar, não é uma ciência distante da geografia, mas podemos considerar como um ramo da geografia que goza dos mesmos princípios, participa na mesma complexidade afim de entender a esfera geopolítica dentro de um contexto militar e, conseqüentemente define estratégias e toma decisões. As operações militares são dentro de um espaço e natureza geográfica, dentro dos limites do tempo e do espaço - essa é uma perspectiva inerentemente geográfica. Por sua própria natureza, as operações militares são geográficas: elas ocorrem em lugares e os lugares contêm paisagens naturais e humanas únicas.

A geografia não apenas molda a estratégia, mas a nível operacional situa-se justamente como uma ponte entre a estratégia as ações táticas. A guerra, é antes de tudo

tentar aproveitar ao máximo as oportunidades do adversário e das restrições impostas pela natureza²⁵(B.L.M:2016).

Além disso, as operações militares agora ocorrem em vários contextos operacionais, como manutenção da paz, estabilidade, socorro em catástrofes, ação cívica e, é claro, operações de combate.

Geoffrey Sloan²⁶, baseou-se nas teorias de Alfred Thayer Mahan, que ofereceu importantes contributos na política estratégica dos Estados Unidos desde 1890.

Por outro lado, Alfred Thayer Mahan, oficial da Marinha dos EUA, estrategista e professor, ao lançar, em 1890, “The Influence of Sea Power upon History” (1660-1783), procurou discutir o conflito entre a França e a Grã-Bretanha que teve o seu epicentro no século XVIII, atribuindo a vitória britânica ao domínio do ar.

Mahan examinou a relação entre a ação da marinha com relação ao controle político do mar e o efeito que uma poderosa marinha na política externa. Além disso, argumenta que a maneira mais fácil de alcançar uma região rica em recursos é pelo mar, e sustenta que uns Estados estão melhor dotados que outros para exercer a sua influência no mar. A sua primeira explicação é sempre a geografia, tanto a localização de cada Estado como a sua orologia, incluindo a extensão das suas costas, são factores muito relevantes. Mahan, indica que a posição geopolítica mais preveligiada corresponde às grandes ilhas ou arquipélagos constituídos por um (único) Estado²⁷. O mesmo teórico também refere que a maior posição geográfica é atribuída aos Estados que embora sejam continentais, têm extensas saídas para o mar, principalmente se convergem com outros mares que permita um mar mais aberto²⁸.

Como estrategista pretendeu demonstrar a importância que o mar tinha para o desenvolvimento das nações, e despertar à classe política dos EUA a centralidade das políticas navais para o seu desenvolvimento. Essas linhas de acção propostas pelo teórico vieram a influenciar as decisões políticas nos EUA e alcançarem o estatuto de primeira potência mundial, que actualmente dispõem.

²⁵ Um sucesso tático, por si só, não resulta em um sucesso estratégico. No Vietnam os EUA venceram muitas batalhas, aplicaram seu poder de fogo esmagador e desdobraram seu aparato militar superior, e mesmo assim perderam a guerra. Todas as ações tem que convergir para um único caminho, como os afluentes de um rio que o tornam cada vez maior, não contribuindo aqueles que não desaguam ali.

²⁶ O professor Geoffrey Sloan, do Departamento de Política e Relações Internacionais da Universidade de Reading, Reino Unido, é um dos principais teóricos geopolíticos britânicos.

²⁷ Exemplifica o Império Britânico nos séculos XVIII e XIX.

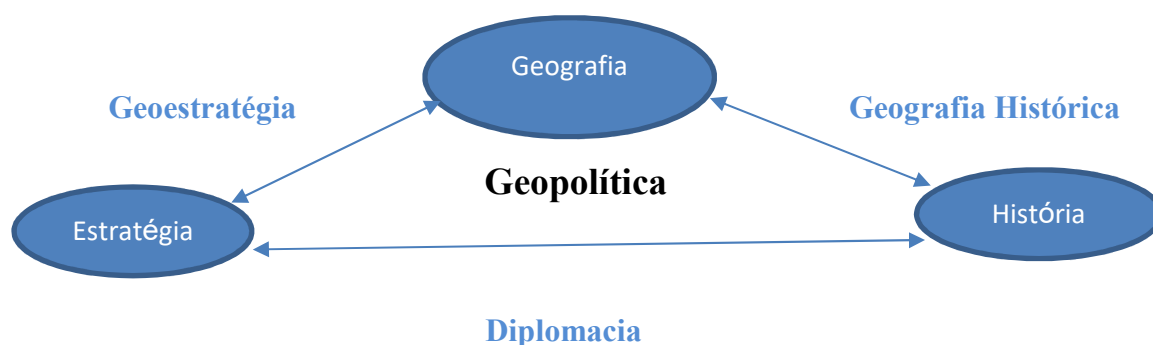
²⁸ Exemplifica a Espanha, França e os Estados Unidos da América.

Mahan defendia que, se o comércio era um objetivo central os EUA, este não poderia ser atingido sem poder militar que definia como “ *a soma das forças e fatores, instrumentos e circunstâncias geográficas cooperam para conseguir o domínio do mar, garantir o seu uso e impedi-lo ao adversário*” (Nogueira: 362).

É impossível negar que as duas guerras mundiais comprovaram as ideias básicas de Mahan relativamente à importância do poder marítimo para determinar a vitória na guerra. Mahan tornando-se um paradigma até o fim da 2ª guerra mundial.

Trinta anos mais tarde, o Professor Sloan na sua obra “Geopolitics, Geography and Strategic History”(citado por Routledge, 2017), apresenta uma perspectiva a três dimensões sobre geopolítica, onde este autor considera que a ciência que se baseia em três diferentes disciplinas académicas: geografia, estudos estratégicos e história.

Figura 10 : Três disciplinas da Estrutura da Geopolítica



Fonte: Autora, baseado na obra *Geopolitics, Geography and Strategic History*

Outros teóricos geopolíticos, como John Hillen, ex-secretário de Estado assistente dos EUA (2005-2007), argumentam que a geopolítica tem a geografia política na sua raiz e, a interação entre os adversários concentra-se em estratagemas para alcançar a vitória, e a predominância política não é apenas ter poder material, mas também como a estrutura geográfica é exercida dentro desse poder, e no seu entender, a geografia e a geoestratégia estiveram presentes nos Estados Unidos durante a 2ª Guerra Mundial (Sloan:1998).

A teoria estratégica remonta a ideias propostas há quase 3.000 anos, que foram escritas pela primeira vez durante o período dos Estados Guerreiros (por volta de 500

a.C), sendo a obra²⁹ mais famosa *A Arte da Guerra de Sun Tzu*. Este escritor, recomenda que antes de ir para a guerra tem de ser estudado e explorado os pontos fortes e fracos do seu opositor, e que a surpresa, o engano e a propaganda são os processos mais essenciais.

Estratégia foi um termo usado desde os tempos históricos, e era limitado à esfera militar, ou seja a uma ação dos "stratego³⁰s", distinto das "táticas" (de curto prazo ou "operações" concretas e específicas), e o termo *estratégia* representava, um meio de vencer o inimigo, um instrumento de vitória na guerra em que o *stratego* liderava o exército.

Entendida na antiguidade como a "arte do general", restrita ao campo de batalha, a o significado da palavra estratégia perdurou ao longo dos tempos.

Mas, no início do século XIX o militar prussiano Clausewitz notabilizou-se como guerreiro³¹ e teórico da guerra, tendo legado um dos mais complexos conceitos de guerra, onde os meios usados passava pela integração entre política e guerra, dando assim um diferente conceito de guerra a partir da formação do exército nacional francês, «*guerra é simplesmente a continuação da política por outros meios*».

Com o decorrer dos tempos, mais precisamente no século XX a guerra embora não deixasse de ter expressão militar, começou a envolver toda a nação passando de limitada a nacional, mobilizando toda a nação. Mais tarde, assumiu uma dimensão global com a II Guerra Mundial, e posteriormente tomou a dimensão planetária quando o homem atingiu o espaço e começou a explorá-lo.

Após a II Guerra Mundial, o campo de ação da estratégia estendeu-se também aos períodos de paz, ou seja, as nações passaram a adotar estratégias nas relações internacionais e a nível governamental.

A estratégia deixou de ter expressão apenas nos teatros de operações, passou a ter características conforme cada época. Assim, chega-se ao conceito de estratégia, como sendo, a arte de preparar e aplicar o poder para alcançar os objetivos determinados pela

²⁹ O tratado é composto por treze capítulos, cada qual abordando um aspecto da estratégia de guerra, de modo a compor um panorama de todos os eventos e estratégias que devem ser abordados em um combate racional.

³⁰ estratega, general

³¹ Integrado no exército prussiano no momento em que este lutava contra a expansão de Napoleão. A violência total e as proporções estratégicas que as guerras napoleónicas exigiam produziram uma verdadeira obsessão em Clausewitz.

política. Por outras palavras, o conceito de estratégia fica sujeita à política, em que a política define “o que fazer”, e a estratégia define “o como fazer”.

Com o passar dos anos, o vocábulo adquiriu amplo e diversificado uso começando também a ser usado na administração, e popularizou-se com significado muitas vezes diferente do original, de luta entre vontades opostas.

O estudo da geografia nos dias de hoje não é tão usado como há cinquenta anos, os altos e baixos que se tem verificado estão mais ligados às mudanças académicas do que na forma como os estados interagem. Geopolítica, e consequentemente a necessidade de procurar uma geoestratégia que a reflita, continua a ser importante tanto na Era da comunicação como da globalização. Controlar os recursos (tais como o petróleo) e o acesso a rotas comerciais continuam a ser objetivo estratégico fundamental aos estados.

Há certamente, muitos argumentos contra a importância da geografia, porque nas últimas décadas houve uma mudança radical nas relações internacionais devido às novas tecnologias (armas nucleares e especialmente a tecnologia dos mísseis) ou, às novas estruturas económicas (baseado nos serviços e conhecimentos, em vez de matérias-primas). Essas mudanças fazem com que a distribuição geográfica de recursos e rotas as torne menos importantes e que os estados devam, portanto, ter menos interesse na geopolítica e procurar políticas que a reflitam. O argumento que tem maior impacto é sem dúvida a “globalização económica”.

Mas, a globalização económica não deve de diminuir a importância da geografia por três razões:

1º Pelo aumento da interdependência de um estado com as regiões distantes.

2º a globalização não significa que o comércio ocorra no ciberespaço. Por outras palavras. a globalização ocorre através de canais - rotas terrestres, rotas marítimas, corredores aéreos - que são definidos pela geografia.

3º último, o argumento de que a globalização liberta os estados das preocupações estratégicas tradicionais.

A distribuição dos recursos e a configuração das rotas comerciais geopolíticas continuará, portanto, a influenciar as relações internacionais. Podemos então referenciar que a situação geopolítica do mundo não foi superada por novas tecnologias ou estruturas

económicas. Consequentemente, continuará a ser necessário incorporar fatores geográficos na política externa dos estados, embora seja verdade que algumas regiões serão mais estratégicas do que outras (Grygiel:167),

A geografia ártica, tem sido ao longo da História a casa dos indígenas: o Ártico Europeu; o Ártico do Norte da América e o Círculo Polar Ártico. Os povos indígenas consideram-se mais como uma comunidade local do que propriamente pertencer ao norte ou, ao Ártico. Habitam essas terras longínquas há milhares de anos e a sua história, cultura e economia é muito diversa, e pertença deles. Mas, estas mesmas populações indígenas sentiram-se desconsideradas quando as suas terras começaram a ser ocupadas e exploradas. Recentemente verifica-se um aumento de cooperação com a população indígena do norte, bem como o reconhecimento de suas culturas e saberes.

O uso, «the High Arctic», «the North», «the Far North» e «the High North» referem-se às partes americanas ou, europeias do Ártico, e estas expressões indicam diferentes características físicas, históricas, nacionais e políticas.

De um modo geral, o Ártico europeu é visto como sendo um lugar mais acessível do que o norte-americano. O Ártico Europeu, tem uma longa história de expedições polares e sua identidade está ligada à história e à cultura da Noruega e da Rússia.

O Ártico da América do Norte, tem também uma longa história de expedições, mas esta área é menos acessível, menos desenvolvida e com menor densidade de população em comparação com o Norte Europeu. Enquanto o Ártico é importante para a identidade do Canadá, as narrativas históricas e políticas do Norte da América focam muito pouco a região.

O «Círculo Polar Ártico» é um conceito político mais recente e normalmente é chamado como «the new Arctic» porque está mais associado às mudanças climáticas e às oportunidades na região.

Em 1996, foi criado o Conselho do Ártico o mais importante e maior símbolo do Norte.

Parte V- Estratégias no Norte ou Alto Norte

1. Estratégia

Apesar do esforço intelectual dos pensadores, a estratégia continua a ser uma das ciências humanas menos desenvolvidas, e o seu significado permite bastante controvérsias e múltiplas interpretações, em resultado de estar associado a inúmeras situações (Ribeiro:21). No entanto, convém notar que a estratégia, como arte, não é limitada por nenhuma doutrina, nem aceita sugestões doutrinárias acerca da selecção de objectivos ou maneiras de preparar e empregar o poder nacional (idem).

As “estratégias” nacionais e institucionais do Ártico assentam no campo de relações internacionais, onde a força militar não está inteiramente fora de questão e onde os recursos militares também podem ser usados mais “pacíficas”, onde o desafio político envolve o cálculo da posição em relação a outras “potências”, embora incluindo poderes institucionais, não estatais e coletivos, bem como poderes nacionais clássicos. As estratégias são projetadas não apenas para informar, mas para mobilizar, orientar e coordenar as comunidades nacionais ou multiestaduais (Bailes et.al:21).

Em síntese podemos verificar que as estratégias refletem a necessidade dos Estados Árticos de cooperarem entre si, como nações e países do Ártico, como atores ou atores do sistema global de modo a administrar os recursos aí existentes. Mas, numa abordagem realista as reivindicações dos estados embora sejam benevolentes ou, de interesse próprio, todas elas fazem parte de uma competição interestadual. Quando toda a análise estiver completa, as verdadeiras questões sobre o que acontecerá no Ártico e quem o administrará permanecem tão abertas quanto antes (Bailes:115).

1.1. Estratégia Norueguesa

Em pleno século XXI, o mundo está virado para o Ártico, tão importante para a Noruega, como para todo o mundo como um *todo*. O governo Norueguês, esforça-se por tornar o norte da Noruega numa das regiões mais tecnológicas e inovadoras do país,

criando políticas de crescimento económico, e empregos orientados para o futuro com a necessária sustentabilidade social e ambiental.

As áreas da educação, desenvolvimento de negócios e infraestrutura são vitais para construir essa sustentabilidade, e é nesta estratégia, que o governo procura dar maior importância aos aspectos internos, apostando nas pessoas que vivem e trabalham lá, porque segundo o Governo o desenvolvimento do norte da Noruega, passa pelos cidadãos, pelas empresas, e pelos políticos da região.

A grande preocupação da Noruega é de ser um ator dinâmico em assuntos internos sem esquecer a política externa, nomeadamente com os países dos três continentes aí presentes e desenvolver uma estreita cooperação internacional com o Conselho Ártico e o Barents para salvaguardar os interesses noruegueses em matéria de segurança, protecção ambiental e recursos.

Perante a realidade, o Governo norueguês decidiu colocar nova ênfase no *High North*, na qual pretende aproveitar as diversas oportunidades. Assim, em Setembro de 2006, foi criado um programa de investigação e desenvolvimento de longo prazo para a região, que se designou por *Barents 2020*³², no qual foi salientado a necessidade de uma ampla abordagem para compreender os fenómenos na sua totalidade e globalidade no *High North*, área geográfica da qual podem advir oportunidades de negócio relacionadas com o petróleo, gestão dos recursos marinhos e ambiente (Leal: 358).

O mesmo autor refere também que no Mar do Norte as actividades petrolíferas assumem uma dimensão geopolítica e de política externa claramente mais visível no Mar Barents³³, onde a fronteira com os russos (os maiores produtores e exportadores de gás natural do mundo)³⁴.

³² Barents 2020 avalia os padrões internacionais para exploração, produção e transporte seguros de petróleo e gás no Mar de Barents, visa fornecer orientações concretas para a indústria dentro de tópicos prioritários.

³³ Mar de Barents, é uma parte do Oceano Glacial Ártico, situa-se ao norte da Noruega e da Rússia, tem uma profundidade média de 230 metros. Os maiores arquipélagos deste mar são os de Nova Zembla e o de Svalbard, que pertence à Noruega. É um centro de extração de petróleo desde a década de 1970, tanto na parte norueguesa como na russa e já sofre com problemas ambientais (<https://univrrsomaino.com/2013/11/18/el-mar-de-barents-en-artico/>).

³⁴ A fronteira entre Noruega e Rússia é um limite territorial de 195,7 km de extensão situado entre o município de Sør-Varanger, na Noruega, e o Distrito de Pechengsky, na Rússia, incluindo uma fronteira marinha de 23,2 km no fiorde de Varanger. A região fronteiriça consiste ainda em um limite situado no mar de Barents e no Oceano Ártico, como parte da Zona Económica Exclusiva (ZEE). Situada acima do Círculo Polar Ártico, no norte da Lapônia, é a fronteira terrestre europeia mais setentrional.

É por essa razão que o Governo norueguês se tem aproximando da Rússia, pois tem a noção clara dos benefícios que ambos poderão obter, ao incrementarem a estabilidade na região³⁵.

Figura 11 – Disputa: Noruega-Rússia



Fonte: Imagens de Dispute Norwegian, Russian , UNEPi

Não devemos esquecer que durante cerca de quatro décadas as relações entre a Noruega e a URSS foram de tensão pela presença militar soviética na região durante a

³⁵ Durante a era soviética, a fronteira era guardada pelas tropas de fronteira soviéticas. A fronteira era uma das duas fronteiras terrestres entre a OTAN e a União Soviética, sendo a outra a fronteira União Soviética-Turquia. Isso garantiu que as relações entre Rússia e Noruega fossem relevantes para outros aliados da NATO. Durante a Guerra Fria, a União Soviética foi considerada o principal inimigo da Noruega e a Noruega manteve uma grande presença militar na fronteira.

Guerra Fria, criando desconfianças e ceticismos entre as populações dos dois lados da fronteira.

O governo norueguês, desenvolveu uma estratégia em que a principal característica da geopolítica da região ártica no início do século XXI é a estabilidade e a cooperação pacífica. Também não está nos planos do Governo uma "corrida" aos recursos energéticos, nem criar conflitos ou, “the return to a cold war”, mesmo que a Rússia aumente as suas atividades militares. Portanto, faz muito sentido dar importância ao desenvolvimento do conhecimento, para promover o uso sustentável dos recursos naturais, e aumentar a cooperação transfronteiriça (com a Rússia) no Norte.

O governo também visa desenvolver indústrias marinhas e atividades empresariais, particularmente atividades de negócios baseadas no petróleo, definindo o “ High North as (new) petroleum province”, onde o uso sustentável do petróleo offshore, fontes renováveis e os recursos marinhos devem ser desenvolvidos em cooperação com a Rússia [Ministério dos Negócios Estrangeiros norueguês de 2009, 18], (Bailes, et.al :34).

O Governo norueguês ao concentrar-se na Rússia (Noroeste), está claramente a dar importância à cooperação regional, ao desenvolvimento de negócios, à política externa e à segurança. Além disso, as questões relacionadas com os povos indígenas do norte, os "Saami", especialmente na cultura e nos meios de subsistência estão entre as principais prioridades.

O ponto-chave, da Estratégia do Alto Norte reflete um elevado nível de continuidade na política norueguesa de longo prazo, dando grande significado à região do Mar de Barents, em que o elemento mais estratégico é a cooperação bilateral (ibid: 33).

Em 2009, foi elaborado um documento que estabelece prioridades estratégicas para as próximas décadas:

1. Sustentabilidade: social, económica e ambiental e no sector empresarial;
2. Competitividade verde no Ártico;
3. Reforma regional;
4. Cooperação no Conselho do Ártico, cooperação de Barents, e no Mar Báltico;
5. Cooperação com a Rússia;
6. A adesão à NATO e à Comunidade de Segurança Transatlântica;

7. Explorar as oportunidades oferecidas pela cooperação nórdica para o crescimento e desenvolvimento no Ártico;
8. Cooperação com a UE;
9. Cooperação nas questões indígenas;
10. Cumprimento internacional da Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar.

A 1ª prioridade passa por um desenvolvimento sustentável a nível social, económico e ambiental, que traduz adopção de políticas para a região, seja local, regional, nacional ou internacional. Também a cooperação internacional é vital para manter a visão de um quadro global de paz e a segurança.

A 2ª prioridade, a “competitividade verde no Ártico”, para dar resposta ao desenvolvimento sustentável que depende de mudanças futuras. O crescimento e o desenvolvimento devem ocorrer de maneira a reduzir os gases de efeito estufa e a pressão sobre o meio ambiente, existindo já um potencial considerável de energia renovável na produção industrial.

A 3ª prioridade estratégica a “reforma regional” que tem como objetivo garantir que os conselhos distritais promovam o desenvolvimento regional em todo o país, com políticas tanto regional como nacionais numa coordenação mais estreita com o governo central.

A 4ª prioridade estratégica passa pela “cooperação no Conselho do Ártico, cooperação de Barents³⁶, cooperação no mar Báltico à dimensão setentrional”. Para isso é importante a participação das autoridades nacionais, regionais e locais, instituições e ONGs, num ambiente de cooperação, porque promove o entendimento na região e abre canais para diálogo.

A 5ª prioridade estratégica, “cooperar com a Rússia”, para construir a confiança e promover a estabilidade no Ártico, tal como tem sido ao longo de muitas décadas.

A 6ª prioridade estratégica “A adesão à NATO e à Comunidade de Segurança Transatlântica” é a pedra angular da política de segurança da Noruega.

³⁶ A cooperação de Barents promove boas relações de vizinhança e desenvolvimento sustentável na região de Barents, e fornece uma arena para abordar desafios comuns através da colaboração transfronteiriça em toda a região.

Nos últimos dez anos, a atividade militar russa aumentou no norte e este aumento de atividade não é considerado alvo para a Noruega, mas é, no entanto, um fator importante a ponderar na política de segurança e defesa da Noruega, e o Governo norueguês pondera a possibilidade de participar com as Forças Armadas (aliadas) no norte.

A 7ª prioridade estratégica, “explorar as oportunidades oferecidas pela cooperação nórdica para o crescimento e desenvolvimento no Ártico”. Essa cooperação inclui o conhecimento e desenvolvimento empresarial, infra-estruturas, alterações climáticas, ambiente, política de segurança e cooperação com a UE.

A 8ª prioridade estratégica adotada em 2016, passa por uma cooperação com a UE, apoiando também o pedido da UE para ter o *status* de observador no Conselho do Ártico. Mas, a Noruega tem duas mensagens neste contexto: 1) o Direito do Mar deve ser respeitado no Ártico como noutros locais e 2) alcançar um bom equilíbrio entre conservação e uso sustentável.

A 9ª prioridade estratégica é a de “cooperação nas questões indígenas” respeitando a cultura e os direitos dos povos indígenas em todos os países do Ártico.

A 10ª prioridade estratégica foca o “cumprimento internacional da Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar³⁷” como base para a gestão das áreas marítimas do Ártico.

Em suma, a Estratégia do Alto Norte da Noruega não destaca apenas a relação entre a Noruega e a Rússia e de melhorar ainda mais essas relações, mas pode ser visto como um meio importante para alcançar os seus objetivos. Este instrumento específico pode ser visto

³⁷ Todos os cinco estados costeiros que fazem fronteira com o Oceano Ártico central: Noruega, Canadá, Dinamarca/Groenlândia, Rússia e EUA - respeitam a Lei do Mar. Para a Noruega é altamente prioritário manter um diálogo estreito com os outros Estados costeiros sobre questões relacionadas com o Direito do Mar e sobre a gestão sustentável do Oceano Ártico Central (Norway 2017). Globalmente, há uma necessidade crescente de alimentos, por isso o governo norueguês debruça-se nas áreas marinhas cada vez maiores e mais livres de gelo. Os oceanos são o recurso fundamental para enfrentar vários desafios internacionais: transporte, energia e produção de alimentos para a crescente população global. Por isso o Departamento de Tecnologia da Marinha (IMT), líder mundial em sistemas de engenharia no ambiente marinho com inovadores métodos e técnicas que sustentáveis para as maiores indústrias de exportação da Noruega, como a extração de petróleo e gás no mar, tecnologia de navios com a correspondente indústria de equipamentos, tecnologia de pesca e tecnologia de aquicultura, bem como novos desenvolvimentos incluindo recursos renováveis offshore, energia (vento, ondas e corrente), infraestrutura costeira, como pontes flutuantes, e robótica marinha para mapeamento e monitoramento do ambiente oceânico, incluindo regiões polares.

como uma resposta ampla e objetiva à nova e significativa geopolítica e às mudanças ambientais na região do Ártico (Ibid:35).

1.2. Estratégias da Dinamarca / Gronelândia / Faroés

A Estratégia do Reino da Dinamarca para o Ártico 2011-2020, foi adoptada “numa parceria igualitária entre as três partes do reino dinamarquês”: Dinamarca, Gronelândia e as Ilhas Faroé, que trabalharam num ambiente *pacífico*, de *ártico seguro*, com crescimento e desenvolvimento auto-sustentáveis, respeitando o frágil clima do Ártico, em estreita cooperação com os parceiros internacionais (Denmark, 2011).

Este projecto, assemelha-se ao anterior de 2008, “O Ártico em Tempo de Transição: Projecto de Estratégia para as Actividades na Região do Ártico” que estabelece um duplo objectivo:

- Apoiar e reforçar o desenvolvimento da Gronelândia;
- Manter a posição do Reino como um dos principais atores do Ártico.

Embora o projeto de Estratégia de 2008 tratasse de questões de política externa, também pela primeira vez houve o envolvimento gronelandês-dinamarquês com o Ártico pelo qual a Dinamarca e a Groenlândia assumem o compromisso de compartilhar os seus interesses e deveres. Mas, a ideia mais abrangente passou pela preocupação de equilibrar a autonomia emergente da Groenlândia e tornar o seu *status* mais forte perante as tensões externas.

A UE concedeu à Gronelândia o mesmo estatuto de outros Países e Territórios Ultramarinos (PTU) dos Estados-Membros. A partir desse momento, as relações entre a União e a Gronelândia foram tensas, particularmente devido a divergências relacionado com o comércio de produtos selvagens do Ártico, e à exploração de hidrocarbonetos. Contudo, a UE reconheceu a Gronelândia como actor relevante no Ártico no âmbito de uma política de dimensão setentrional. (ibid:36-37).

Em agosto de 2011, o Ministério das Relações Exteriores lançou a Estratégia do Reino da Dinamarca para o Ártico (2011-2020) com os seguintes objetivos:

1º concentrar a atenção nas prioridades estratégicas do Reino para o desenvolvimento futuro no Ártico até 2020”;

2º reagir e responder às principais mudanças ambientais e geopolíticas em curso, e ao crescente interesse global em relação ao Ártico, redefinindo uma (nova) posição do Reino da Dinamarca para fortalecer seu *status* no Ártico e promover a importância da UNCLOS e da NATO, e acentuar a cooperação entre o “Ártico 5”;

3º dar a devida importância às pescas, apoiando “Novas” atividades económicas e indústrias no Ártico, incluindo a hidro-eletricidade, mineração, turismo e exploração de hidrocarbonetos e outros minerais. Aqui, a estratégia pode ser vista como um meio de atrair indústrias que poderão estar interessadas em investir nessas atividades, particularmente na Gronelândia,

4º reforçar a cooperação no Conselho do Ártico como um objectivo da Estratégia;

5º “requerer uma estratégia abrangente e eficaz de interesses” uma vez que o Ártico nos últimos anos tornou-se uma localização central no mapa do mundo.

Para concluir: o principal objetivo da Estratégia de 2011 é, sem dúvida, fortalecer a nova posição da Groenlândia como uma entidade auto-governada enquanto (re) define o papel do próprio Reino da Dinamarca no Ártico como um “ator global”; segundo, com base nisso, responder às questões ambientais, geoeconómicas e geopolíticas em curso e de mudança (s) e no aumento global de interesse na região do Ártico (ibid:42).

1.3. Estratégias da Federação Russa

Mikhail Gorbachev, o então presidente soviético, no seu discurso de 1987, (em Murmansk) impulsionou uma mudança de natureza “fechada” para uma de natureza “aberta”, promovendo uma cooperação intergovernamental em toda a região, e isso levou a uma mudança geopolítica muito significativa no norte em 1991. Esse desenvolvimento durante a *Era Soviética*, foi como uma resposta à modernização de investimentos, estrategicamente importante do ponto de vista militar.

Com o virar do século XXI, e para entender a política ártica da Rússia foram apresentados vários documento de grande importância estratégica:

- O da “Rota do Mar do Norte e a segurança da frota setentrional da Rússia para a sustentabilidade económica”. Essa estratégia do Estado passava por garantir o livre acesso do Atlântico às frotas comerciais russas; o acesso aos recursos naturais das Zonas Económicas Exclusivas (ZEE) (por exemplo, no Mar de Barents (Doutrina Marítima Russa de 2001)³⁸.
- “O Conceito de Política Externa da Federação Russa, que reintroduziu a Rússia como uma superpotência energética” (aprovado em Julho de 2008). No mesmo ano o presidente Medvedev³⁹ determina que os recursos submersos do Ártico do país deveriam ser aproveitados, nomeando a PC do Oceano Ártico como património nacional russo (Julho de 2008).
- Em Fevereiro de 2009, o “Conceito de Desenvolvimento Sustentável dos Povos Indígenas de Número Pequeno do Norte, Sibéria e Extremo Oriente” (ibid:46).
- “Estratégia Energética da Rússia para o período até 2030”(Ministério da Energia da Federação Russa de 2010). Trata-se de uma estratégia abrangente e ambiciosa com prioridades muito específicas, incluindo aspectos da política energética externa e os aspectos regionais do desenvolvimento complexo de combustíveis e energia.

As prioridades estratégicas da Política de Estado da Federação Russa para o Ártico até 2020 são de incentivar um conjunto de linhas políticas para criar condições para o crescimento e interesses da Rússia, tais como:

1º realizar uma atividade de interação da Rússia com os Estados sub-árticos, com vista a delimitar zonas marítimas consoante as normas do direito internacional;

2º criar um regime uniforme de prevenção de acidentes causados pelo homem;

³⁸ As alterações para a Doutrina Marítima da Rússia aprovadas pelo Presidente Putin resultam da “expansão para o leste” da OTAN, disse o vice-presidente Dmitry Rogozin. Acrescenta ainda que a nova doutrina se concentra na presença naval da Rússia na Crimeia e no Ártico.

As principais razões para a adoção de alteração à doutrina marítima da Rússia de 2001 são “as mudanças das relações internacionais” e a consolidação da Rússia como potência marítima, (Rogozin disse numa reunião a bordo da fragata Admiral Gorshkov em Baltyisk, como citado pelo site do Kremlin).

³⁹ Foi presidente da Rússia entre 2008 e 2012.

3º reforçar as relações bilaterais com as organizações regionais, tais como o Conselho do Ártico e o Conselho Euro-Ártico do Mar de Barents;

4º ajudar na organização, gestão e uso efetivo de rotas aéreas e da Rota do Mar do Norte para a navegação internacional;

5º contribuir ativamente para fóruns internacionais do Ártico através das parcerias Rússia-União Europeia;

6º delimitar os espaços marítimos no Oceano Ártico e manter uma presença mutuamente vantajosa da Rússia no arquipélago de Spitsbergen (ANEXO E);

7º melhorar a gestão do desenvolvimento social e económico do Ártico;

8º melhorar a qualidade de vida dos povos indígenas e as suas atividades sociais e económicas;

9º desenvolver a base de recursos do Ártico através da melhoria das capacidades tecnológicas;

10º modernizar e desenvolver as infra-estruturas do sistema de transporte do Ártico e da pesca no Ártico russo (ibid: 42).

Além destes documentos acima mencionados, o Primeiro Ministro Putin no fórum internacional incluiu outra lista de prioridades russas (Putin 2010), denominado “O Ártico: Território de Diálogo”.

As três prioridades definidas são:

1. a criação de condições de vida confortáveis e de alta qualidade para a população local, e infra-estruturas socio-económicas das nações indígenas”;
2. aumentar o crescimento económico e criar incentivos para investimentos nacionais e estrangeiros em larga escala, e troca de ideias e inovações;
3. Investimento substancial na infra-estrutura científica e de conservação da natureza, incluindo a limpeza de todo o lixo acumulado há décadas na tundra e nos mares árticos⁴⁰.

⁴⁰ “...a serious spring-cleaning of our Arctic territories in the most direct sense of the word. I mean cleaning up the garbage that have been accumulating for decades around the cities, villages, mineral deposits, military bases, seaports, airfields, on the tundra, on the islands and in the Arctic Ocean” (Putin 2010).

Para concluir, embora a Política de Estado da Rússia no Ártico possa ser interpretada como uma resposta à nova situação geopolítica na mudança do Norte, ela é mais um instrumento pragmático para a política interna da Federação, para alcançar o objetivo principal do Presidente Putin⁴¹.

Além disso, a Política pode também ser vista como parte de um processo através do qual a Rússia está se a reafirmar como uma grande potência (regional) e um agente global de energia na política mundial (ibid: 51).

1.3.1. Aspirações da Rússia

Antes de analisar a geo-política-estratégia da Rússia no Ártico, é importante realçar que alguns críticos têm uma percepção que a política no Ártico é moldada pelas principais figuras do círculo interno do presidente russo Vladimir Putin, baseado na interação de seus interesses pessoais e empresariais no Ártico.

Na primeira metade dos anos 2000, a política ártica foi seguida com os princípios da política externa de Putin, afim de restaurar a imagem perante o mundo de ser uma grande potência com grande poderio militar e como superpotência energética. Moscovo entende que a comunidade euro-atlântica ameaça os interesses da Rússia. Além disso, a geografia ártica seria uma região onde a Rússia poderia afirmar o seu poder pela forte presença histórica, por possuir a maior extensão de costa em relação aos seus vizinhos árticos e pelos valiosos recursos naturais aí existentes.

O regime de política de poder atingiu o auge com expedição polar ártica no ano 2007, quando Artur Chilingarov içou a bandeira russa no fundo do mar do Polo Norte⁴² e declarou "o Ártico é nosso!"

⁴¹ estabilização da Federação e sua economia

⁴² Portanto, a bandeira de titânio russa colocada no fundo do oceano Ártico, provocou duas reações: a 1ª foi que serviu como um estímulo para os demais Estados costeiros investissem mais em pesquisas com vistas à preparação de seus pleitos junto à CLPC e consequentemente dentro dos marcos do direito e da cooperação internacional; a 2ª foi um renovado despertar por um interesse no Ártico, tanto por atores não árticos – por exemplo, da União Europeia e da China – como por organizações não-governamentais, especialmente

Desde então a Rússia adotou uma política de modernização e fortalecimento das suas capacidades militares no Ártico, com uma crescente mobilização de forças militares na região para garantir os interesses da política de segurança da Rússia.

Com o desenvolvimento da extração de recursos do Ártico e o transporte ao longo do NSR, exigiu que a Rússia aumentasse o controlo dos territórios e regiões no Ártico com presença naval com navios e submarinos, e de uma forma estratégica-militar têm construído bases militares com uma tecnologia extremamente moderna.

As tensões entre a Rússia e o Ocidente são cada vez mais visíveis já que tradicionalmente desempenham um papel central na estratégia de dissuasão nuclear da Rússia contra a OTAN e os EUA, e em grande parte por acontecimento fora da região, refletindo postas ameaças à segurança na região.

Com a maior costa situada no Círculo Polar Ártico, a Rússia tem um enorme interesse estratégico na região. Sob ponto de vista socio-económico, a Rússia possui a maior população do ártico, e a infra-estrutura mais desenvolvida dos cinco estados costeiros do Ártico. Além do potencial valor comercial da Northern Sea Route, também os vastos recursos naturais são atualmente os impulsionadores da economia funcionando como uma ferramenta nas decisões políticas (Perry et al :62).

Consequentemente, a Rússia é um ator de grande importância com interesses em disputas como: a delimitação do território, propriedade e gestão de recursos e na grande presença militar na região.

1.3.2. Recursos na Rússia Ártica

A Rússia, como grande produtor e fornecedor de petróleo e gás natural, dominante na região da Eurásia, fez o país emergir como um ator cada vez mais importante nos mercados globais de energia. Assim, perante esse cenário, muitos países da União Europeia e países vizinhos (Ucrânia e Geórgia) têm grande preocupação com a dependência do

organizações ambientalistas, preocupadas com os impactos da abertura dessa nova fronteira de exploração de recursos energéticos (Silva:2014).

fornecimento de gás natural por parte da Rússia, sendo usada por Putin como uma arma política.

A pesca no Ártico, já representa aproximadamente 10% da produção global total para consumo humano (Hoel: 2009). Mais de 90% do níquel e do cobalto da Rússia, 60% de seu cobre, e mais de 96% de seus depósitos metálicos de platina são encontrados acima do Círculo Polar Ártico. Além desses depósitos minerais não-combustíveis, o Ártico contém cerca de 13% das reservas mundiais de petróleo e 30% das reservas de gás do mundo, com aproximadamente 70% dos campos conhecidos no território russo, a grande maioria dos quais (80%) estão localizados ao norte da Sibéria (Moiseenko:2009) A concentração desses recursos na Rússia, particularmente o gás natural, dá a Moscou uma capacidade crescente de exercer controle estratégico sobre o mercado mundial de energia.

1.3.3. Para que a Rússia constrói bases militares no Ártico?

A Rússia tem feito reivindicações no Ártico, e tenta a todo o custo afirmar-se e expandir a sua soberania noutras áreas do globo.

Nos últimos anos, a Rússia começou a construir novas bases militares e a reformar as bases abandonadas no Ártico para proteger a emergente Rota Marítima do Norte, e garantir os seus interesses económicos. Esta Rota, é muito importante para a Rússia pela utilização comercial direta, e do fácil acesso entre a Ásia e a Europa.

Figura 12: O Hemisfério Norte numa perspectiva do Pólo Norte - As distâncias



Fonte: The Northern Hemisphere from the Perspective of the North Pole Graphic courtesy of North American Aerospace Defense Command [NORAD]; used in an Alaskan Command and Alaska NORAD Region command briefing. Alaska is close to the center of the hemisphere and Joint Base Elmendorf-Richardson [JBER] is uniquely positioned to project power. The distances, (consultado a 8 de Setembro 2018), [online]: www.bing.com/images/search?q=figure+1,+the+northern+hemisphere+from+the+perspective+of+north+pole&id=C23

Além disso, a Rússia ao aumentar a sua plataforma continental tem toda a possibilidade de controlar vastas áreas e recursos em seu proveito. Assim, a reforma e a expansão de novas bases pode originar conflito no caso das outras nações não aceitarem as suas reivindicações.

Uma outra razão, é a posição da ONU, ou seja, pode não estar de acordo às suas pretensões e originar conflito, tal como aconteceu nos últimos anos, quando a Rússia avançou agressivamente sobre o “país vizinho” - a Ucrânia, anexando a Crimeia. Recentemente, a Rússia interveio na Síria em nome do governo de Bashar al-Assad para apoiar o regime a fim de garantir a sua sobrevivência, e permitir que a Rússia tenha acesso a novas localidades na Síria para sediar a potência aérea e marítima russa, o Mar Mediterrâneo e Oriente Médio. Isso levanta a questão: será que a Rússia se moveria de maneira igualmente agressiva para estabelecer a hegemonia militar e controlar grande parte do Ártico? (Forsyth:117).

Atenuar o risco de conflito

A região do Ártico é muito importante para os Estados Unidos tanto economicamente como militarmente, por isso é necessário que a região permaneça pacífica para benefício de todas as nações.

Então, o que os militares norte-americanos podem fazer para garantir isso?

Segundo o Coronel americano Forsyth, é necessário:

1. Garantir a manutenção de uma força militar no Alasca.
2. Para garantir os interesses no Ártico as forças militares dos EUA devem de aumentar as suas actividades militares. Esses tais exercícios, devem incluir forças conjuntas, ou seja devem de incorporar operações com parceiros do Ártico, porque é como uma mensagem para os potenciais adversários. Além disso, esses exercícios demonstram um efeito dissuasor.
3. Os EUA, por muito tempo estiveram concentrados noutras regiões como o Médio Oriente e a Ásia Central deixando as forças no Alasca para trás. Portanto, Washington precisa de reconstruir e demonstrar as suas capacidades militares no

Ártico que passa por reformular e implantar novos equipamentos para dar às forças americanas no Alasca capacidade robusta como meio dissuador.

4. Os equipamentos dos EUA no Ártico exigem tecnologia e modernização nos, uma vez que os materiais existentes tornaram-se obsoletos ou, difíceis de manter devido à idade. Assim, a segurança na região ártica só poderá ser mantida se houver investimento adequado que facilite as operações militares no terreno para suportar as duras condições cliáticas do Ártico.
5. Finalmente, a conjugação de forças militares eficazes, modernização no equipamento, e uma maior abertura com a Rússia reduz certamente a tensão existente entre os dois países e garante a paz no Ártico.

Sumarizando, o Alasca geograficamente tem um enorme significado estratégico, e os Estados Unidos têm interesses vitais na região do Ártico, que infelizmente são negligenciados porque a turbulência noutras áreas do mundo costuma atrair mais atenção. A longo prazo, esses interesses passarão a ser vistos como essenciais e vitais para os interesses económicos do país, bem como para a segurança. Consequentemente, é necessário garantir que os interesses no Ártico sejam suficientemente assegurados para garantir que as resoluções para reivindicações territoriais e para os recursos permaneçam pacíficas.

Assim, os EUA precisa de afirmar a sua liderança no Ártico, reconstruindo todas as infraestruturas necessárias, há muito ignoradas, mostrar o seu poderio dissuasor para que qualquer nação que queira explorar os enormes recursos do Ártico, e expandir seu território fora das normas internacionais reconhecidas se sinta confortável. (Idem)

Enquanto isso, a Rússia constrói um exército no Ártico. É neste contexto que se identificam, na Ilha Novosibirsk, seis novas bases militares (a serem construídas), várias instalações e pistas de aterragem desativadas da Guerra Fria (a serem renovadas). Também se observa que, a região de Murmansk tem como cenário de fundo cerca de mil soldados de combate, duas brigadas de infantaria mecanizadas e equipadas com snowmobiles e

hovercraft⁴³. Não é por acaso que Murmansk⁴⁴ é agora chamado de “gateway de energia do norte da Rússia” (Marshall:265).

Em 2004, a Rússia demonstrou a sua capacidade de combate ao frio com um exercício que envolveu 155.000 homens e milhares de tanques, jatos e navios. O Ministério da Defesa russo disse que estes exercícios foram superiores aos exercícios realizados durante a Guerra Fria. Durante os jogos de guerra, as tropas russas foram incumbidas de afastar qualquer invasão de *foreign power*, chamada "Missouri", referia-se de uma forma clara aos Estados Unidos. O cenário, deu-se quando tropas "Missouri" desembarcaram em Chukotka, Kamchatka, Kurils e Sakhalin para dar apoio a um não identificado poder Asiático que outrora tinha entrado em conflito com a Rússia (idem). Esse anónimo *power* era o Japão, e o cenário de conflito foi provocado por uma disputa territorial, ou seja pelas South Kuril Islands.

Apesar da economia da Rússia ter um crescimento modesto, resultando cortes orçamentais em muitos departamentos governamentais, verifica-se pelo contrário que, o orçamento de defesa tem aumentado e isso é parcialmente para pagar o aumento do músculo militar em Ártico até 2020. (Idem).

Melissa Bert, capitã da Guarda Costeira dos EUA, disse no Centro de Estudos Estratégicos e Internacionais em Washington, DC: "Eles têm cidades no Ártico, e nós só temos aldeias".

Tudo isso é, uma continuação, das políticas russas da Guerra Fria. Há pelo menos uma década, que o Ártico é uma prioridade para os russos, o mesmo não se pode dizer dos americanos. Isto reflete e demonstra a importância dada à região pelos dois países, em que

⁴³ A hovercraft, also known as an air-cushion vehicle or ACV, is an amphibious craft capable of travelling over land, water, mud, ice, and other surfaces. Hovercraft use blowers to produce a large volume of air below the hull that is slightly above atmospheric pressure. The pressure difference between the higher-pressure air below the hull and lower pressure ambient air above it produces lift, which causes the hull to float above the running surface. For stability reasons, the air is typically blown through slots or holes around the outside of a disk- or oval-shaped platform, giving most hovercraft a characteristic rounded-rectangle shape. (Consultado em Setembro 2018), [online]:<https://www.nxtgenreports.com/market-research-reports/global-amphibious-hovercraft-market-growth-2018>.

⁴⁴ Murmansk is the most accessible gateway to the Russian Arctic and Russian Lapland. With its 300,000 inhabitants, it is the largest city in the world located north of the Arctic Circle. It is situated at the bottom of a navigable fjord in the Barents Sea, and is one of the most important fishing, commercial, and military ports of Russia. (Consultado em Setembro 2018), [online]: www.goingrussia.com/portfolio-item/murmansk

a Rússia dá prioridade e os Estados Unidos estão desatentos desde o colapso da União Soviética.

De acordo com a US Coast Guard Review de 2013, a Rússia é claramente a principal potência do Ártico com a maior frota de quebra-gelos do mundo, trinta e dois no total. Seis delas são movidas a energia nuclear, únicas versões do mundo, e a Rússia prevê lançar o mais poderoso quebra-vento do mundo até 2018, capaz perfurar gelo a mais de três metros de profundidade e rebocar nos campos de gelo, navios petroleiros de setenta mil toneladas.

Pelo contrário, os EUA têm uma frota de um quebra-gelo, o USCGC Polar Star, dos anos 60, e não está nos seus planos de construir outro; o Canadá possui seis quebra-gelos e está a construir outro; a Finlândia tem oito; Suécia, sete; e Dinamarca, quatro, e a China, Alemanha e Noruega têm um cada.

Washington, DC, tem outro problema, o de não ter ratificado o tratado da UNCLOS, efetivamente cedendo território submarino no Ártico porque não tem interesse em reivindicar uma ZEE (Idem: 267).

Os russos não têm apenas quebra-gelos com energia nuclear, mas estão até mesmo a pensar construir um *nuclear power plant* capaz de esmagar gelo até uma profundidade de três metros.

No entanto, há exemplos de como a tecnologia ajudou a sair da prisão da geografia, a tecnologia foi feita por nós e, em nosso mundo recém-globalizado, que pode ser usada para nos dar uma oportunidade no Ártico. Podemos superar o lado voraz de nossa natureza e obter o Grande Jogo para o benefício de todos (Idem).

1.4. Estratégias dos Estados Unidos para o Pólo Norte

O documento dos Estados Unidos da América "National Security Presidential, com a diretiva / NSPD - 66 "relativa à " Política da Região Ártica " foi divulgado em 9 de Janeiro de 2009 pelo governo do presidente Bush (a Casa Branca, Gabinete do Secretário de Imprensa em 12 de janeiro de 2009), que estabelece os seguintes pontos:

Com base no documento, os objetivos políticos, as áreas prioritárias da política ártica dos Estados Unidos estabelece:

1. Atender às necessidades de segurança nacional e segurança interna relevantes para a região do Ártico;
2. Proteger o meio ambiente do Ártico e conservar seus recursos biológicos;
3. Garantir que a gestão de recursos naturais e o desenvolvimento económico na região sejam ambientalmente sustentáveis;
4. Fortalecer as instituições de cooperação entre as oito nações do Ártico (Estados Unidos, Canadá, Dinamarca, Finlândia, Islândia, Noruega, Federação Russa e Suécia);
5. Envolver as comunidades indígenas do Ártico nas decisões que os afetam;
6. Dar prioridade ao desenvolvimento científico e à pesquisa sobre questões ambientais locais, regionais e globais (Forsyth :113)

Apesar desta sua adoção pela equipe de Bush, o “A Política Região Ártico” continuou a ser sustentada por vários documentos durante o governo Obama, como uma nova área de crescente importância na política externa dos EUA. Além disso, o documento pode ser interpretado como uma resposta às mais recentes mudanças geopolíticas significativas na região do Ártico e um reconhecimento de que isso torna necessário “desenvolver abordagens coerentes para problemas que ocupam um amplo espectro de questões” (ibid:52 citado por Macnab 2009:27).

De uma forma geral o Congresso ou a Administração Norte Americana, dá pouca relevância ao Ártico, tanto no que se refere à política interna como à externa.

As questões do Alasca geralmente são pouco divulgadas, e só são quando noticiadas referem-se a decisões políticas sobre a exploração de petróleo e gás (para as necessidades de toda a nação), ou por qualquer risco (s) ambientais relacionados com a região.

No início do século XXI, houve algumas pressões e movimentos dentro dos EUA como em 2009 “Commonwealth North”, cujo objetivo foi de fazer ver aos habitantes da região ártica que a sua identidade é de “uma nação ártica” (ibid:52-53).

A secretária de Estado, Hillary Clinton foi a primeira secretária de Estado dos EUA a participar de uma reunião do Conselho do Ártico, porque o Ártico está a ter mais importância para Washington, já que o aumento da temperatura cria novos riscos ambientais e novas oportunidades económicas numa região rica em recursos inexplorados.

Assim, a Política da Região Ártica dos EUA apoia fortemente a segurança nacional e olha para as fronteiras, particularmente as marítimas, aumentando a presença militar para projetar o poder marítimo em toda a região.

Esta 1ª abordagem orientada para a segurança não é de surpreender na década seguinte ao “9/11”;

2º A ratificação da Convenção do Direito do Mar pelos EUA é apoiada como estratégia e continuou a ser uma meta do governo Obama. Por trás disso está o fato de que, embora os EUA ainda não tenham ratificado a UNCLOS, gostariam de estabelecer os limites da sua plataforma continental, bem como pressionar a Rússia a ratificar o acordo de fronteira EUA-Rússia de 1990;

3º O Governo atribui uma alta prioridade à gestão ambientalmente sustentável dos recursos naturais e ao desenvolvimento económico da região, além de favorecer a governança internacional em grande parte através do Conselho do Ártico e de um fortalecimento da cooperação institucional entre os oito países do Ártico (ibid:54-55);

4º Seguir uma política de cooperação dos assuntos árticos através das Nações Unidas e suas agências, bem como nos tratados internacionais, “Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre a Mudança Climática (UNFCCC)”. Essa referência à ONU é uma das estratégias nacionais atuais e pode, entre outras coisas, refletir a relativa abertura de Washington (em comparação com o Canadá e a Rússia) ao crescente envolvimento do Ártico por “novas” potências globais como a China;

5º O Presidente Obama emitiu um Memorando Presidencial no Verão de 2010 afirmando que os EUA são “uma Nação do Ártico, com interesses irresistíveis naquela região” (The White House 2009) (ibid, mencionado por Farrow 2010).

1.5. Estratégias do Canadá

A Estratégia do Norte do Canadá "Nosso Norte, Nossa Herança, Nosso Futuro" foi lançada em julho de 2009 em Gatineau, Quebec (Governo do Canadá 2009) pelo Governo do Canadá, que estabelece uma abrangente Estratégia do Norte com desafios e

oportunidades colocados pelo Ártico, e estabelece medidas concretas em quatro áreas prioritárias:

1. Exercer a nossa soberania no Ártico
2. Protegendo o nosso património ambiental
3. Promoção do desenvolvimento social e económico
4. Melhorar e delegar a governança do norte

Com efeito, o Canadá exerce a sua soberania ártica⁴⁵, pelo direito internacional e baseado na presença milhares de anos do Povo Inuit e outros, e por isso o governo tem tomado e participado em iniciativas para modernizar as estruturas do Canadá, apoiando os povos indígenas numa visão de autodeterminação;

Numa abordagem mais abrangente, uma das prioridades do Governo é de proteger o património ambiental, para garantir que a conservação acompanhe o desenvolvimento baseado no conhecimento da ciência. Por isso, o governo reforçou a legislação de prevenção da poluição nas águas do Ártico e medidas para limpar as minas abandonadas em todo o norte.

Em suma, uma das expectativas do Governo é promover o desenvolvimento social e económico, investindo e apoiando a exploração de minas de diamantes, as reservas de petróleo e gás e até mesmo na indústria turística que atrai visitantes de todo o mundo. Ao mesmo tempo, o governo quer garantir que o desenvolvimento aconteça de forma sustentável e que os nortistas beneficiem diretamente do crescimento económico.

O Canadá continua a trabalhar com todos os parceiros para criar modelos de governança práticos, inovadores e eficientes no Norte (Strategic Plan, 2009).

⁴⁵ O Canadá tem 40% da massa terrestre nos territórios, 162.000 quilómetros do litoral do Ártico e 25% do Ártico global.

1.6. Estratégias da Islândia

Nos documentos árticos podemos verificar que a Islândia dá pouca ênfase na soberania, talvez porque a Islândia não tem reivindicações territoriais e contenta-se em explorar os hidrocarbonetos.

As linhas de orientação da política do país são de procurar moldar as políticas consoante os interesses da Islândia e por isso definem estratégias como:

1. promover o seu *status* como nação ártica;
2. participar nos acontecimentos ou situações relevantes;
3. prosperar na cena internacional de forma pacífica;
4. garantir estabilidade e segurança através da cooperação internacional e científica;
5. concentrar medidas de emergências específicas nomeadamente riscos ou desastres de poluição perto da sua costa;
6. impulsionar o Conselho Ártico a adotar acordos de cooperação juridicamente vinculativos sobre desastres ecológicos;
7. desenvolver de uma forma sustentável os recursos, incluindo a energia renovável e a indústria pesqueira;
8. cooperar multilateralmente em pesquisa, promover a Islândia “Como um local para reuniões, conferências e discussões sobre a Região ártica”.

Relembramos que a UE tem grande interesse que a Islândia adira à União porque a nível estratégico, o território da Islândia daria à UE uma política de base de apoio, e por outro lado seria uma base para o envolvimento na exploração do Ártico.

Para concluir, a Islândia tem como estratégia envolver-se nos assuntos do Ártico embora seja uma identidade pequena, enfrenta desafios perante as mudanças climáticas e, o degelo da zona mais boreal do planeta que proporciona uma maior navegabilidade nas rotas marítimas. (ibid: 74-76).

1.7. Estratégias da Finlândia

Historicamente a Finlândia perdeu a área de Pechenga (o Município Petsamo) a favor da União Soviética desde a 2ª Guerra Mundial, perdendo assim o acesso ao Oceano Ártico.

A Estratégia do Governo da Finlândia é abrangente e ambiciosa, dando prioridade:

1º à política ártica afirmando-se como um estado do Ártico, com grande interesse nos campos económicos, políticos e de segurança;

2º a Estratégia é claramente orientada para os negócios, com forte ênfase nas atividades económicas, particularmente no que diz respeito à utilização de recursos naturais, como as reservas de petróleo e gás da região do Ártico;

3º reflete o desejo de promover e fortalecer a posição da Finlândia no transporte marítimo de inverno, na construção naval, na exploração florestal, na indústria minéria;

4º também se tem debruçado nas mudanças climáticas, poluição e biodiversidade;

5º o Governo tem também a preocupação que a região do Ártico seja estável e pacífica;

6º a Estratégia inclui objetivos relativos aos povos indígenas, particularmente os da Região de Barents (o povo Saami), e a sua participação no que diz respeito à cooperação internacional;

7º dá grande importância à União Europeia, como um actor global do Ártico;

Para concluir, a estratégia finlandesa abrange a maioria das características de uma estratégia moderna que adota uma abordagem holística. Também pode ser visto como reflexo e resposta às recentes mudanças significativas e multifuncionais (globais) na região do Ártico. Não estabelece prioridades claras nem áreas prioritárias, embora as preferências nacionais sejam de actividades económicas, incluindo transportes, infra-estruturas, e apoio à União Europeia e aos tratados internacionais nas questões do Ártico (ibid: 63-69).

1.8. Estratégias da Suécia

Historicamente a Suécia tem laços naturais e fortes com a região do Ártico tanto a nível geográfico⁴⁶ como, demográfico, os Sami⁴⁷ vivem na Suécia há séculos.

Antes de nos debruçarmos sobre as estratégias da Suécia importa referir que este país é co-fundadora do Conselho do Ártico e desde o início esteve envolvido na cooperação internacional do Ártico.

Uma estratégia sueca para políticas na região do Ártico, foi adoptado pelo governo sueco em Maio de 2011 (Ministério dos Negócios Estrangeiros da Suécia) “Estratégia da Suécia para a região do Ártico” e centra-se particularmente em três áreas prioritárias definidas:

1º O clima, é uma das prioridades que o Governo aposta para melhorar o meio ambiente e a exploração dos recursos naturais da região, numa gestão responsável e sustentável;

2º O desenvolvimento económico, traduz modernidade, cria riqueza e por isso, o Governo sueco reforça esforços para haver mais desenvolvimento económico ou seja, uma melhoria do bem-estar da população, passando pela educação, saúde, segurança, justiça, entre outros fatores, podendo ser considerado como multifuncional da Estratégia; dá também grande atenção ao comércio livre (em toda a região do Ártico), às políticas industriais (na região de Barents) com o objetivo de fomentar o setor industrial e aumentar o crescimento económico. Um ponto ligeiramente surpreendente é que a Estratégia acentua o petróleo, ou seja, os recursos de petróleo e gás da região do Mar de Barents, mais do que a mineração que tem sido, e ainda é, a indústria dominante no norte da Suécia.

⁴⁶ O território estende-se bem além do Círculo Ártico.

⁴⁷ O povo lapão ou sámí (em lapão: *Sámi*, *Sápmi* ou *Sápmelaš*; em finlandês: *Saame*; em sueco e norueguês: *Same*; em russo: *Саамы*) constitui o grupo étnico nativo da Lapónia (*Sápmi*; literalmente *Terra dos Sámi*), um território abrangendo partes das regiões setentrionais da Noruega, Suécia, Finlândia e da península de Kola, na Rússia. Habitam zonas serranas (*fjäll*), zonas florestais, zonas costeiras, zonas geladas e fiordes noruegueses. Os lapões são um dos maiores grupos indígenas da Europa, totalizando cerca de 70 000 pessoas, das quais 17 000 vivem na Suécia, 35 000 na Noruega, 5 700 na Finlândia e 2000 na Rússia (Wiki).

3º e último, consiste em desenvolver uma cooperação multilateral eficaz, pois o governo considera vital manter relações com outros países não árticos, por essa razão é membro efectivo de uma longa lista de fóruns e organizações.

Em suma, a estratégia da Suécia para o Ártico abrange a maioria das características de uma estratégia moderna, particularmente em termos de definição de objetivos concretos para cada prioridade. Pode ser visto como uma reflexão e resposta à recente mudança significativa (e global) e multi-funcional (s) no Ártico, bem como ao crescente interesse e pressão por parte de outros estados não-árticos.(ibid:82-83).

1.9. Estratégias da União Europeia

Os interesses da União Europeia e os objectivos políticos no Ártico foram apresentados pela Comissão Europeia em 2008 ao Parlamento Europeu e ao Conselho propostas essas que são, em primeiro lugar, proteger e preservar o ambiente do Ártico e população; segundo, promover o uso sustentável dos recursos; terceiro e último, contribuir para o reforço da governação multilateral do Ártico.

Em Julho de 2012, a Comissão e a Alta Representante da UE para a PESC apresentaram conjuntamente um relatório que reforça a sua posição de que, sendo três Estados-Membros da UE – Dinamarca, Finlândia e Suécia – Estados do Ártico, e estando a Noruega e a Islândia integradas no EEE e no espaço Schengen. A UE tem um interesse legítimo, por força dos seus direitos e obrigações ao abrigo do direito internacional, do seu empenho nas políticas ambientais, climáticas e outras, e do financiamento das mesmas, das atividades de investigação e dos interesses económicos, incluindo nos domínios da navegação e da exploração dos recursos naturais; recorda, além disso, que a UE tem vastas zonas terrestres árticas na Finlândia e na Suécia, que são habitadas pelo único povo indígena da Europa - o povo Sami (ibid: 84).

A UE até agora não foi um líder de política nem foi aceite como parte do sistema de governação na região ártica. O seu modelo de estratégia pode ser visto primeiramente como reacção à pressão do Parlamento Europeu; em segundo lugar, pelas recentes

mudanças ambientais e geopolíticas no Ártico; terceiro, pela percepção de uma competição política emergente envolve alguns dos parceiros externos mais importantes da União.

As mais recentes políticas da UE reflectem uma maior compreensão das realidades, incluindo as opiniões de outros intervenientes, mas também expressam com crescente confiança na percepção da responsabilidade e interesse europeus em áreas como clima, energia e navegação. Globalmente e independentemente do seu tratamento no Conselho do Ártico, a UE está firmemente a fazer valer as suas pretensões de ser um actor importante no Ártico, no sentido mais amplo. (idem: 96).

O conjunto de estratégias do Ártico estudadas aqui revelaram paralelos e contrastes interessantes que reflectem não apenas suas diferentes origens nacionais (e institucionais), mas também reflectem a natureza transitória da governança internacional do século XXI, na qual nenhuma teoria única de RI pode ser usada para explicar seu conteúdo.

Também poderia ser explicado em termos neorrealistas, na medida em que as nações favorecem aqueles organismos que eles pensam que endossam suas reivindicações (UNCLOS), ou aqueles que são muito fracos para prejudicá-los e operam em áreas não vitais (Conselho do Ártico).

Finalmente, as estratégias reflectem a necessidade compartilhada dos estados do Ártico se identificarem, primeiro como nações e países do Ártico, e em segundo lugar como atores ou verdadeiros atores na região do Ártico presentes no mundo global.

Quando toda a análise estiver concluída, as questões reais sobre o que acontecerá no Ártico e quem ou, o que o conduzirá, permanecer tão aberto como sempre (ibid: 97).

1.10. Corrida para o norte: Estratégia Ártica da China

After the Northwest Passage is opened it will become a new “axial sea route between Atlantic and Pacific,” and the sea route between Europe, Asia, and North America will be shortened by 5,200 to 7,000 nautical miles. Whoever controls the Arctic sea route will control the world economy and a new internationally strategic corridor.

Li Zhenfu, citado por Wright:2.

As alterações climáticas e o degelo são cada vez mais acentuados, e por essa razão os atores costeiros e periféricos movimentam-se de acordo com as circunstâncias para aproveitar as oportunidades económicas e estratégicas emergentes no Alto Norte.

A estratégia de recursos globais da China levou a RPC para os cantos mais distantes da Terra, desde os campos de petróleo venezuelanos à Sibéria. A China tem uma “excessiva” dependência de energia e no transporte do petróleo de certos países. Metade, flui através de linhas marítimas de comunicação controladas pelo (SLOCs⁴⁸), sendo o ponto de partida o Médio Oriente, politicamente instável. Além dessa dependência, Pequim enfrenta também, a segurança do transporte porque se tratarem de vias marítimas muito vulneráveis⁴⁹.

Mas agora, em consequência das mudanças climáticas e do derreter da calota polar, a China olha cada vez mais para o Círculo Ártico, para as possíveis oportunidades de extração de recursos e do transporte, via marítima (**Anexo F**).

A República Popular da China, tem grandes ambições no que diz respeito aos seus interesses no Ártico, mas estas ambições, têm a desvantagem de não possuir nem território ártico nem capacidade de votar no Conselho do Ártico (**Anexo G**). Conhecendo estas desvantagens, a RPC tenta contornar a situação e recorre a outras políticas, promovendo desenvolvimentos quer por via económica, política ou, diplomática para garantir uma palavra nos assuntos do Ártico⁵⁰ (Rainwater:69-71).

⁴⁸ Sea lines of communication (abbreviated as SLOC) is a term describing the primary maritime routes between ports, used for trade, logistics and naval forces. It is generally used in reference to naval operations to ensure that SLOCs are open, or in times of war, to close them.

In the American Revolutionary War and the Napoleonic Wars, the SLOCs were, for the most part, in the control of the British Navy. When the British lost control of them during the Revolution, the result was the fall of Yorktown and its biggest army and, ultimately, the war. In the Napoleonic era, maintaining belligerence throughout, the British embargoed and blockaded any country associated with Napoleon, which created large economic hardships and dislocations that ultimately led to the people of France becoming disenchanted with Napoleon.

In World War I and World War II, the *Kriegsmarine* attempted to close the SLOCs from North America to the British Isles with the use of submarines. In World War I, the British operated a naval blockade of Germany cutting off external trade by sea. In World War II, the Allies engaged in the Battle of the Atlantic, a defensive campaign with escort vessels and convoys to keep the SLOCs open. Also, the US Navy successfully closed the SLOCs to Japan, strangling the resource-poor island nation.

Had the Cold War turned hot, Europe would have required resupply and reinforcement from North America. Soviet Navy strategy was to close the SLOCs to maximize their numerical superiority in Europe (Wiki).

⁴⁹ A China está plenamente ciente dessa realidade e está se preparando para capitalizar a abertura do Alto Norte ao transporte comercial.

⁵⁰ The Arctic Council is an intergovernmental body addressing issues concerning the indigenous people of the Arctic and the governments of the circumpolar states. Its voting members constitute the “Arctic Eight.” In addition, the council has six permanent observer states, all of them European.

O Ártico está descongelando mais rapidamente do que o previsto e em Agosto de 2012, a National Snow and Ice Data Center observou que a extensão do gelo do mar Ártico atingiu o nível mais baixo registado até então, e por isso os líderes chineses estão cientes desta mudança no Norte, e para não perder a “corrida” contribuem com avultados financiamentos em projetos.

Como Pequim está consciente de ser um estado não-ártico utiliza portanto, a estratégia através da diplomacia científica, e de uma diplomacia de cooperação com o *Ártico dos Oito*, participando com as instituições do Ártico para fortalecer e melhorar as relações entre os dois países e reforçar inovação científica e tecnológica, permitindo à RPC uma palavra (limitada) nos assuntos do Ártico. Através destas medidas, a China consegue o apoio de alguns dos estados do Ártico como a Dinamarca e da Islândia, e conseguiu o apoio da Suécia para a sua adesão ao Conselho Ártico. Mesmo, os Inuit e outros povos indígenas representados no Conselho do Ártico disseram que não se opõem à expansão do Conselho, contanto que suas próprias vozes permaneçam vivas.

Para resolver essas questões, a China abre o seu primeiro instituto internacional de cooperação e pesquisa científica sobre o Ártico, em Xangai⁵¹ (ibid:64). Além disso, desde 1996, que a China participa como membro do Comité Internacional da Ciência do Ártico, promovendo investigações multidisciplinares sobre os impactos na região. Cientistas chineses também participam com muita frequência em fóruns internacionais, como a “Arctic Science Summit Week” e o “International Polar Year Programme”.

A China está também a tentar aumentar ainda mais sua influência através da participação na governança do Ártico (ibid:71, citado por Jakobson).

A Rússia, tem uma enorme e vasta costa do Ártico, controla por isso uma grande parte dos recursos do Ártico na sua zona económica exclusiva (ZEE), e grande parte da Rota Mar do Norte. Com este pano de fundo, a *Corporação Nacional de Petróleo da China* e o *Russo Sovcomflot Group* assinaram um acordo sobre o envio de hidrocarbonetos ao longo da Rota do Mar do Norte.

Também, a Confederação russa convidou a China a participar em explorações conjuntas de hidrocarbonetos no mar Ártico.

⁵¹ For a more exhaustive analysis of Chinese scientific actions in the Arctic, see Linda Jakobson’s pioneering piece “China Prepares for an Ice-Free Arctic,” SIPRI Insights on Peace and Security 2 (March 2010), p. 4.

Em 2012, ambos os países, desenvolveram acordos económicos que resultou na assinatura de vinte e sete contratos comerciais no valor de quinze bilhões de dólares, e criaram também um fundo de investimento de quatro bilhões de dólares.

A Rússia, é indiscutivelmente o mais importante actor do Ártico, e na Adesão da China ao Conselho do Ártico, permaneceu ambíguo tendo declarado em Julho de 2011, que **não** "Em princípio" **se opõe** ao pedido da China (ibid:70-73).

No entanto, a China enfrenta um obstáculo adicional pela concorrência com outros Estados não-árticos que também disputam a admissão ao Conselho do Ártico como observadores permanentes (Índia, Brasil, Japão, Coreia do Sul, União Europeia e, outros vários países Estados europeus).

O aumento de interesse no Ártico por parte desses estados demonstram que a corrida para o Alto Norte tornou-se verdadeiramente global, aumentando a complexidade da geopolítica da região.

Notavelmente, a Índia, e a China, já cooperam num programa de pesquisa sobre o Ártico, incluindo uma estação de pesquisa permanente no Arquipélago de Svalbard e noutras pesquisas (ibid:79).

O Ártico está a evoluir de uma região **estática** regional para uma questão global **dinâmica**.

Conclusão

O Ártico, prevaleceu por muito tempo estático para dar lugar a uma fronteira dinâmica.

Em diferentes momentos históricos, a geografia, o clima e as diferentes ideologias políticas impediram que no passado os estados circundantes interagissem.

Historicamente, o Ártico foi palco em tecnologia militar durante a Segunda Guerra Mundial tornando esta região, uma zona geoestratégica, espaço das superpotências, onde a tecnologia mais avançada serviu de base para defesa de qualquer ameaça proveniente de um dos adversários. Por outras palavras, o Ártico foi muito valorizado pela sua grande importância estratégica.

Durante a Guerra Fria, esta região foi marcada por um período de aproximadamente de 40 anos, onde prevalecia uma intensa desconfiança entre os Estados Unidos da América e seus aliados no Ocidente, e a União Soviética e seus aliados no Oriente.

Após o fim da Guerra Fria, a geopolítica contemporânea sofre impacto pela desvalorização a nível na defesa norte-americana; as relações entre os estados circundantes oscilam devido às disputas territoriais; também a adopção de políticas face às alterações climáticas e às disputas interestatais intensificam-se, gerando novas ou, poderão possibilitar a um aumento de outras potenciais disputas; o derreter do gelo marítimo tem posto em causa um potencial aumento do uso da Passagem do Noroeste para o transporte de mercadorias entre a Europa e a Ásia.

Todas estas questões geopolíticas geradoras conflitos podem também refletir iniciativas quando um estado procura resultados unilateralmente. É num ambiente de desconfiança que os Estados árticos tentam afirmar o seu poder dando especial ênfase às possessões terrestres, marítimas.

A estabilidade é complexa, mas o importante ponto de partida é que o Ártico é uma região pacífica e que a maioria das fronteiras marítimas bilaterais estão definidas, eliminando potenciais atritos. A estabilidade não depende apenas da dinâmica interna da região, mas é condicionada pela forma como a comunidade internacional participa na formação do futuro do Ártico.

Ao mesmo tempo, verifica-se um entendimento mútuo e de cooperação entre os estados circumpolares podendo deste modo ajudar a construir confiança. Um aspecto importante da cooperação são as ligações interculturais entre os povos e nações, em particular nos grupos indígenas.

Importa agora, reflectir sobre a pergunta de partida e recuperar as hipóteses inicialmente levantadas para clarificar a nossa pesquisa e comparar a nossa análise demonstrando e contestando a sua verificação ou não.

Neste sentido, no que se refere à 1ª Hipótese ficou provado que se sentem na região ártica grandes mudanças climáticas e um expressivo recuo de gelo. Estas transformações que agora ocorrem no Ártico verifica-se um estreito envolvimento de vínculos entre as forças globais e os processos regionais, que se traduzem na convivência entre as dinâmicas geopolíticas de poder e as relações acomodadas pela Ecopolítica.

Também é verdade, que a distribuição dos centros de reservas naturais e vias de comunicação privilegia mais uns estados do que outros, assim como as capacidades económicas e tecnológicas de investimento para a exploração dos recursos são bem diferentes, citando o exemplo da Federação Russa e a Islândia em que as potencialidades económicas e oportunidades de investimento são bem diferentes.

O Ártico é um oceano. E como um oceano, a Convenção do Direito do Mar aplica-se tanto ao Ártico quanto a todos os outros oceanos. Assim, as disposições de base, as disposições que tratam dos estreitos, as disposições relativas às Zonas Económicas Exclusivas, a forma de gerir a margem continental alargada e todas as demais aplicam-se integralmente ao Ártico. A gestão das tensões e interesses constitui um desafio geopolítico para a região, em que a moldura jurídica existente é precária, só atende aos interesses dos Estados da região alijando a comunidade internacional.

Assim, o assunto dominante do século XXI, será certamente as alterações climáticas e o degelo da região mais boreal do nosso planeta, com possibilidade de conflitos motivados por reivindicações de espaços, por interesses económicos, pela degeneração do meio ambiente, factor de instabilidade e ameaça à escala global, entre muitos outros motivos.

Em relação à 2ª Hipótese, constatamos que tem-se verificado uma “corrida ao Ártico”. Usamos esta afirmação como ponto de partida para uma análise da valorização estratégica no fator militar, de defesa e tecnologia.

Atualmente, o significado geopolítico do Ártico em termos de segurança e defesa é muito menor hoje do que durante o período da Guerra Fria. Embora os recentes desenvolvimentos na região tenham atraído atenção no que diz respeito à segurança e defesa, isto não só resultou como também se concretizaram avultados investimentos. Comparado com muitas outras regiões do mundo, o Ártico continuará a ter por muito tempo uma baixa presença militar. Devemos também mencionar que não se verifica uma corrida ao armamento, o que se verifica é indiscutivelmente a modernização e a expansão limitada de instalações e forças militares no Ártico. O aumento das atividades e investimentos por parte da Rússia em modernizar as suas forças no Ártico europeu levou a que a Noruega aumentasse também os seus investimentos e atividades militares no Norte.

Assim, como argumentámos acima, as mudanças que estamos a observar no Ártico só desencadearam, até certo ponto, num aumento de novas tecnologias para modernizar o fator militar, criar novas bases militares e aumentar o número de forças militares por parte da Rússia e da Noruega.

Em Janeiro de 2009, o presidente George W. Bush assinou uma diretiva presidencial sobre a política da região do Ártico dos EUA (EUA, 2009). Em Maio de 2013, o governo Obama reiterou essencialmente a posição dos EUA na sua estratégia nacional para a região do Ártico (EUA 2013).

Os EUA, possuem uma importante presença militar no Ártico, e uma presença de submarinos estratégicos (de tecnologia antiquada) sem paralelo aos da Noruega e da Rússia. Sabemos também, que a Força Aérea da superpotência, tem meios muito relevantes ao serviço do Comando do Alasca, só por si superiores aos da maioria dos países do mundo, como os caças-bombardeiros e aviões de transporte estratégico; além disso dispõe de radares de longo alcance; a Marinha de Guerra dos EUA é claramente a mais poderosa do globo terrestre, com capacidade para garantir a prevalência da liberdade de navegação e para se posicionar próximo de qualquer teatro de operações, alterando significativamente a relação de forças. Assim, as Forças Armadas dos EUA tem uma capacidade ímpar de transporte estratégico permitindo projetar poder na região ártica rapidamente, embora tenham menos capacidade que a Rússia para projetar poder na região por longos períodos.

Com efeito, os EUA prepara-se para se debruçar mais na região, porque o século XXI vem trazer mais condições de navegabilidade na Passagem do Noroeste indispensável à economia americana.

A Federação Russa, é um estado que pretende a todo o custo projetar o seu Poder, e por isso valoriza o fator militar como estratégia para proteger a sua soberania e interesses nacionais. Dispõe de uma enorme frota de submarinos estratégicos com capacidade de transportar aviões e helicópteros; acresce que os navios quebra-gelo da Rússia são os mais potentes e eficazes do mundo, com capacidade de manter as rotas marítimas do Ártico em condições de navegabilidade; além disso dispõe de navios de transporte para operar nas rotas marítimas. Possui também bases navais, estaleiros e locais de armazenamento de combustíveis na Península de Kola, que continua a ser o centro da Marinha de Guerra da Rússia.

O Canadá, por sua vez tem feito grandes investimentos na modernização do instrumento militar, e na frota de transporte para utilização da Passagem do Noroeste.

A Dinamarca, em nosso entender, está muito dependente dos EUA não estando preparada para utilizar instrumento militar próprio em prol da satisfação dos seus interesses do Ártico.

A Noruega tem-se preocupado em investir em novas fragatas que são importantes para a soberania da Noruega, embora estes navios de guerra não estejam muito presentes no Mar de Barents.

Finalmente a Islândia, não dispõe de capacidade militar, apoiando-se nos EUA e na NATO para garantir a defesa da própria soberania.

Neste sentido, no que se refere à 2ª hipótese ficou provado que, os interesses geopolíticos dos Estados Árticos significam uma valorização no Fator Militar, de Defesa e Tecnologia.

Numa 3ª Hipótese devemos considerar que o Ártico está situado no Pólo Norte, apresenta temperaturas muito baixas, especialmente no inverno que é extremamente rigoroso e pelas características climáticas que predominam na região, a vegetação existente é a tundra.

O Oceano Ártico, está localizado no Hemisfério Norte na sua maioria na região polar ártica, contém uma bacia profunda dividida por uma alta cordilheira submarina. O Oceano Ártico é de facto uma parte sensível, fluida e dinâmica do nosso mundo, onde a água mais quente e temperada da Corrente do Golfo no Atlântico Norte encontra as águas geladas do Oceano Ártico. Deste modo, verifica-se um impacto enorme pela mistura de água, gelo e calor nas correntes oceânicas mundiais e, a nível do clima mundial. Outro fator, na dinâmica dos oceanos é a presença dos quatro principais rios de água doce que desembocam no Oceano Ártico - o Mackenzie no Canadá e o Lena, o Ob e o Yenisey na Rússia. Esta enorme quantidade de água doce no Oceano Ártico tem um enorme impact, tanto em termos das características físicas do oceano, como também em termos dos potenciais poluentes transportados para o mar polar.

A localização é outro dos subfatores que o espaço Artico começa a perder rótulo de região periférica, pois vem assumindo um estatuto crescentemente mais central no que respeita à economia mundial e ao sistema de transportes global. Relembramos que as reservas naturais de hidrocarbonetos estimadas para a região podem de vir a garantir segurança de abastecimento aos principais consumidores do planeta, enquanto os vastos recursos minerais existentes nesta região até então estática e distante poderão constituir fonte de rendimento para os Estados Árticos que o encerra, mas também influenciarão fortemente os mercados internacionais; estas realidades são muito vantajosas em termos geopolíticos e só será plenamente materializada quando o degelo permitir que os mares e vias navegáveis o permitam de modo a que os navios de grande porte possam navegar, bem como a utilidade e estatuto conferidos a certos estreitos existentes nas passagens do Nordeste e Noroeste. De facto, as alterações climáticas estão a provocar a diminuição da calota polar da quantidade espessura do “gelo de vários anos”, sendo que impedem diferentes padrões nas correntes marítimas, nos ventos prevaesentes, nas condições de navegação e, no acesso aos recursos naturais.

Assim, os subfatores em questão decompõem-se em duas vertentes: a 1ª vertente pondera os mares e as vias navegáveis, enquanto meios de circulação, o que nos obriga a revelar as condições privilegiadas de que dispõe a Rússia e Canadá para fazer valer a sua vontade sobre os demais atores, pois detêm as melhores frotas de navios quebra-gelo e podem condicionar o trânsito de navios de outros atores nas faixas árticas; a 2ª vertentes aprecia os mares e vias navegáveis enquanto fontes de recursos, pelo que nos isentamos de

desenvolver novamente a sua importância no espaço Ártico, com exercício e referência à quantidade de gás natural, que a confirmar-se poderá fortalecer o poder da Rússia, enquanto a confirmação das reservas de petróleo, reboarão principalmente poder do Canadá e dos EUA (Leal: 447).

Pensamos esta em condições de confirmar a 3ª hipótese da nossa investigação porquanto a informação disponível permite-nos confirmar que o aquecimento global tem impacto nos Fatores Físicos, Recursos e na Circulação no espaço ártico.

Finalmente, a 4ª Hipótese trata da abertura de perguntas sobre o desempenho do Conselho do Ártico na preparação de futuros incertos.

À medida que as placas tectónicas geopolíticas continuam a mudar no sistema internacional pós-Guerra Fria, o próprio facto das incertezas associadas à era das mudanças climáticas e escassez de recursos podem complicar o discurso geopolítico do Ártico e questionar ao mesmo tempo a cooperação centrada no Ártico Circumpolar dentro e fora das geografias.

Por todas estas razões, a Noruega e a Dinamarca têm todo o interesse que o Conselho do Ártico, a UE e a NATO se envolvam nas questões do High North porque, estas organizações são capazes de fortalecer a sua própria posição em relação aos outros atores sobretudo, à Federação Russa e aos EUA e desempenhando um papel central em todas as questões relacionadas com esta região.

Além disso, o alargamento da U.E. também vem influenciar uma maior cooperação dos países nórdicos tanto no campo da política como no da economia, agrupando outros países fora da região que certamente ajudarão a responder aos problemas e desafios. Embora, o principal papel na região seja desempenhado pelas as tradicionais potências mundiais, mas os órgãos de poder local e regional gradualmente vão tendo alguma influência e importância nos aspectos referentes à proteção do meio ambiente e, na defesa dos direitos dos povos indígenas (Czarn: 158).

Para descrever a cooperação na Região Ártica devemos entender que o Conselho Ártico tem um papel importante nas Relações Internacionais, e que o aumento de cooperação deverá passar por uma estratégia de conhecimento dos recursos, das ameaças ambientais, e das alterações climáticas.

Essas alterações climáticas juntamente com a globalização causam uma significativa transformação no *Norte*, e na 2ª Hipótese levantámos o véu mostrando que esta geografia além de ser uma região de oportunidades é também palco de conflitualidades.

O aumento de interesse por parte de atores internacionais, tem um grande significado geopolítico pelas perspectivas que geram a nível económico podendo ser interpretado pela possibilidade de abertura de novas rotas comerciais, de haver uma maior facilidade na exploração dos recursos energéticos, minerais e no desenvolvimento na área do turismo.

Outra consequência significativa, é o aumento de interesse muito em especial por parte da China e da Índia que se querem integrar neste contexto.

Do mesmo modo, a União Europeia esforça-se para marcar presença tentando incluir o Ártico no seu espaço europeu, forçando a ideia que a Dinamarca, a Finlândia e a Suécia são membros da estrutura política do Conselho do Ártico.

A geopolítica do Ártico, tem uma estreita relação com o resto do mundo onde as oportunidades económicas são evidentes, mas ao estar integrado no Sistema Global o ecossistema torna-se cada vez mais vulnerável, com riscos e custos ambientais e sociais muito significativos para o desenvolvimento económico.

O Ártico é considerado um elemento chave no sistema climático global, e qualquer desequilíbrio pode trazer graves consequências a nível Planetário. Quer isto dizer, que pode pôr em causa os ecossistemas, a economia, condições de vida das populações indígenas entre outras causas. (Czarny:196)

Também devemos referir, que a corrida aos recursos energéticos por parte de alguns países principalmente a Federação Russa, a Noruega e outros, entendem que os recursos energéticos são uma oportunidade para as suas economias, esquecendo que esses mesmos elementos que a natureza oferece tem limites, e por isso devem de ser utilizados de forma correcta e explorados de forma a que não constituam um fator de aumento do efeito de estufa.

A atenção global na região do Alto Norte reflete interesse económico, rivalidade política, e assume uma presença militar (herança da Guerra Fria). Todos esses aspectos, tomados em conjunto ou separadamente, podem, mais uma vez ser fonte de ameaças à

estabilidade e ao desenvolvimento da região no novo contexto geopolítico. Portanto, é necessário manter o *status quo político* e resolver disputas antigas e novas por meio da cooperação política em conformidade com o direito internacional.

Na generalidade, podemos afirmar que questões locais e regionais podem desencadear disputas no Ártico, mas dificilmente um conflito grave, a menos que elas estejam ligadas a grandes mudanças ou a padrões de conflito mais amplos.

Apesar de ser uma região distante, estática, de difícil acessibilidade, no limite do permafrost e do gelo, tem funcionado como uma economia isolada, portanto, protegida de influências e decisões externas. E, essa mesma economia pode ser caracterizada, como um setor extrativo muito forte para garantir a subsistência da população local.

Por outras palavras, é uma região de mudanças que experimentam as consequências dos processos globais e as implicações da competição no acesso não apenas aos recursos potenciais atuais, mas futuros que à escala global terá implicações ambientais e humanas. O principal desafio é a sustentabilidade da região conciliando as atividades económicas e a integridade ambiental no desenvolvimento socio-económico.

A área em causa é caracterizada por ser uma região rica em recursos marítimos, incluindo reservas de petróleo bruto e gás natural. Além de haver perspectivas de serem encontrados também diamantes, platina, chumbo, manganês, níquel, ferro, urânio, cobre, pedras preciosas e muitos outros recursos, incluindo peixes.

Essas riquezas gradualmente tornam-se parte integrante da economia mundial e do mercado global, embora em muitos casos o acesso a elas seja muito limitado devido, ao gelo que dificulta a exploração, e pela falta de infra-estruturas apropriadas. No entanto, espera-se num curto espaço de tempo mudanças muito significativas no Alto Norte.

O Aquecimento global abre novas rotas marítimas ligando a Europa à Ásia que é uma das maiores razões que muitos países mostram tão grande interesse na região (Czarny:111).

Perante as transformações profundas e sobrepostas de natureza geopolítica, económica e estratégica baseadas em questões de cooperação internacional, o Conselho do Ártico questionado na 4ª Hipótese apresenta um caminho difícil de desbravar face à nova imagem ártica.

Assim, o grande desafio e oportunidade para o Conselho do Ártico é proporcionar uma política baseada na diplomacia que facilite a comunicação, a compreensão, o diálogo e a cooperação não apenas entre os seus oito países-membros, organizações de povos indígenas e outros membros permanentes, incluindo organizações internacionais, mas também atores da Ásia, para manter a ordem na região.

Na Era da mudança climática e escassez, a governança do Ártico, não pode mais ser estatocêntrica, nem restrita aos oito países do Ártico.

Com todas estas hipóteses levantadas faremos uma sumarização curta sob o ponto de vista das Ciências Sociais como uma região excepcional devido ao seu sistema político, económico e social único, ficando em aberto estas hipóteses que podem ser desenvolvidas e aprofundadas por outros investigadores.

O papel estratégico-militar que até então era visto como palco militar, está a ser substituído por um papel estratégico na economia global, baseado nos seus recursos naturais. As economias do *Norte* estão cada vez mais integradas na economia mundial globalizada e, a importância desta região pode ainda se evidenciar mais pela necessidade de minerais estratégicos, petróleo, gás natural, e de um aumento de investimento tecnológico para facilitar o acesso às matérias-primas.

Dentro de um conceito mais amplo de segurança, o meio ambiente e a economia exigem respostas institucionais novas ou, reforçadas definindo políticas e jurisdição sobre os recursos naturais e sobre o transporte.

Realça-se mais uma vez que a globalização traz cada vez mais novos atores ao Ártico, e uma maior cooperação internacional, e essas novas relações entre o Ártico e o mundo exterior encontra novas abordagens politicamente importantes e cientificamente interessantes.

A entrada da China no Ártico mostra que na realidade os assuntos do Ártico podem não ser considerado estritamente regional, uma vez que as alterações climáticas tornam a vasta riqueza de recursos e rotas de transporte acessíveis ao mundo. Para reduzir a probabilidade de conflito, o Ártico dos oito deve incorporar os interesses da RPC na política do Ártico, de duas maneiras:

1º os estados circumpolares devem ser cautelosos para não reagir de forma exagerada a uma presença no Ártico. Isso não quer dizer que eles devam evitar medidas cautelares;

2º o Ártico dos Oito deve procurar incluir, em vez de excluir, a China nas instituições e acordos do Ártico, sem ceder os seus próprios direitos, admitindo a RPC como país observador permanente do Ártico.

Mais importante, não diminuir a influência do *Ártico dos Oito* ao admitir a China no Conselho do Ártico como observador, limitando o privilégio de voto.

Pensamos estar em condições de referir que os Estados árticos e outros atores exteriores à região têm apostado amiudamente em erigir relações de cooperação e acomodação para salvaguardar os seus interesses. Se a ação conjunta torna mais viável a obtenção de objetivos comuns, as relações de acomodação ou reciprocidade tendem a ser mais frequentes, pois não havendo convergência de ganhos dos diversos atores, estes optam por estabelecer linhas de ação política que facilitem a satisfação dos respectivos interesses. (Leal:415).

Numa análise geopolítica ártica não se pretende fazer justiça às muitas complexidades que caracterizam esta região, podemos em linhas gerais concluir que as principais disputas regionais dos cinco países⁵² que fazem fronteira com o Oceano Ártico, estiveram envolvidos em disputas de fronteira nas últimas décadas; a mudança climática e o derretimento da calota polar proporciona que as rotas marítimas abertas facilitam uma maior navegabilidade e mais oportunidades para novas explorações de petróleo e gás na região, e a UNCLOS⁵³ como sendo uma estrutura jurídica internacional estabelece as

⁵² Rússia, EUA, Canadá, Dinamarca (Groenlândia) e Noruega (Svalbard). Além desses países circumpolares, Finlândia, Islândia e Suécia também são considerados países do Ártico, porque seu território fica parcialmente ao norte do Círculo Polar Ártico. Além desses países circumpolares, Finlândia, Islândia e Suécia também são considerados países do Ártico, porque seu território fica parcialmente ao norte do Círculo Polar Ártico.

⁵³ UNCLOS significa Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar. O tratado foi assinado em 1982 e implementado em 1994 (Emerson 2010) e foi ratificado por 160 países até março de 2010 (UN 2010). A UNCLOS é importante para o Ártico devido às grandes áreas de água da região. A UNCLOS concede a cada estado costeiro o direito a um mar territorial que lhes proporciona uma soberania mais ou menos desqualificada sobre o mar, o fundo do mar e o subsolo. O regime de soberania é praticamente o mesmo que para o território terrestre e as águas internas. A largura de um mar territorial é no máximo 12nm, medida a partir de linhas de base que normalmente coincidem com o litoral de baixa altitude. Para o Ártico, com suas possivelmente substanciais reservas de hidrocarbonetos off-shore, a zona econômica exclusiva (ZEE) é um conceito importante. A UNCLOS estipula que um estado costeiro tem direito a uma ZEE que normalmente não pode ultrapassar 200 nm a partir das mesmas linhas de base. A sua ZEE fornece um estado com “direitos

fronteiras marítimas, mas não oferece soluções amplamente aceite para as disputas de fronteira do Ártico; e as políticas da Rússia para o Ártico aplicam tanto o direito internacional como os meios militares.

Numa síntese conclusiva das estratégias, podemos verificar que a realidade na região ártica, os atores do Ártico desejam manter sua posição dominante na região geopolítica tão importante no século XXI, e para isso criam estratégias e linhas de ação de uma forma pacífica e de cooperação com objectivo de garantir a soberania, segurança, desenvolvimento económico, gestão de recursos e liberdade de navegação.

Outros países não árticos procuram assumir um papel mais ativo na região, por verificarem que esta região é propícia à exploração de importantes recursos naturais, da abertura de novas rotas comerciais, navegáveis e mais seguras. A China, é um dos atores não-árticos que mais aposta na investigação científica, usando alta tecnologia para se afirmar como ator ártico e o direito de usar as rotas marítimas do Ártico, usando por isso uma diplomacia económica e científica para assegurar o interesse económico, e a sua influência geopolítica de longo prazo e no Ártico.

soberanos com o propósito de explorar e explorar, conservar e gerir os recursos naturais, seja vivo ou não vivo, das águas superjacentes ao fundo do mar e do leito do mar e seu subsolo ... ”(UN 1982, p. 43). O estado costeiro tem uma soberania limitada sobre uma ZEE, pois outros países têm aqui o direito de navegação, sobrevoos e pesca (Efferink 2015).

Bibliografia

Ahlenius, Hugo and, Nordpil (*linguistic groups*) *Demography of indigenous peoples of the Arctic*, Artic Center, University of Lapland. (consultado em Março de 2018),

[Online]:<https://www.arcticcentre.org/EN/communications/arcticregion/Arctic-Indigenous-Peoples/Demography>.

Baptista, Ana Rita Pereira (2015) *O Ártico – Geopolítica e Desafios Transnacionais*, Aspirante a Oficial-Aluno Piloto-Aviador 137721-D Dissertação para obtenção de Grau de Mestre em Aeronáutica Militar, na Especialidade de Piloto-Aviador, (consultado em Junho 2018),[Online]:https://comum.rcaap.pt/..26/.../Dissertação_ASPAL_PILAV_137721_BAPTISTA.pdf.

Baylis, John Smith and Owens Patricia, (2011) *Globalization and Global Politics*, Anthony McGrow, Oxford University.

Bailes, Alyson JK, Lassi Heininen (MMXII) *Strategy Papers on The Arctic Or High North: A Comparative Study And Analysis*, Alþjóðamálastofnun og Rannsóknarsetur um smáríki háskólaútgáfan (consultado em Junho 2018],

[Online]:https://rafhladan.is/bitstream/handle/10802/5104/arctic_strategies_innsidur.pdf?sequence=1

Blog Logistic Militar (2016), *NÍVEIS DE GUERRA*, (Consultado em Agosto fde 2018),

[Online]:<https://logisticamilitarblog.wordpress.com/2016/09/05/niveis-de-guerra/>

Bula Papal de 1493, alasca, Ártico, (consultado a 10 de Agosto de 2018),

[Online]:<https://geographicmind.com/en/alaska-la-nevera-seward/>

Breum, Martin (2012) The Arctic Council: Its place in the future of Arctic governance, When the Arctic Council speaks How to move the Council's communication into the future, Denmark, the conference was a collaboration between the Munk-Gordon Arctic Security Program and the University of Lapland. (consultado a 12 de Setembro de 2018), [Online]:H:/2012_ArcticCouncilGovernance_WEB.pdf.

Conley, Heather A., 2013, "Arctic Economics in the 21st Century – The Benefits and Costs of Cold, Rowman & Littlefield.

Correia, Pedro de Pezarat, Gen.(R), (2012), “ Geopolítica e Geoestratégica, in: Geopolítica Clássica, Revista Nação e Defesa, nº 131-5ª Série, (consultado a 4 de Maio de 2018),

[Online]:https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/7670/1/NeD131_PedroPezaratCorreia.pdf.

Correia, Pedro de Pezarat General (R), (2012) *Geopolítica e Geoestratégia* , Revista Nação e Defesa, N.º 131, 5.ª Série p. 233, (consultado a Setembro de 2018),

[Online]:https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/7670/1/NeD131_PedroPezaratCorreia.pdf.

Costa, Marco Antonio F. , Costa Maria de Fátima Barrozo da, Andrade, Viviane Abreu de *Caminhos (e descaminhos) dos objetivos em dissertações e teses: um olhar voltado para a coerência metodológica* , Citado por (MINAYO, 2010), P: 19), (consultado em Maio de 2018), [Online]:<http://web.unifoa.edu.br/praxis/numeros/11/11-24.pdf>.

Churro, João Manuel Barroso de Matos (2013), *A Geopolítica Enquanto Instrumento De Afirmação Mundial Da Rússia*, Dissertação para obtenção de grau de Mestre em Estratégia Mestrando: Orientador, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa.

Czarn, Ryszard M. Y, (2015), *The High North*, Between Geography and Politics, Springer International Publishing Switzerland.

Dário Aurelio Abilleira Alvarez (2014) *Poder Aéreo*, Giulio Douhet, Contador Público,Uruguay, pode também ser visto em: (consultado 18 abril 2018), [Online]:(<https://estrategiauruguay.wordpress.com/2014/06/20/poder-aereo-giulio-douhet/>

Delimitation - Norway and Russian, The Foreign Ministers of Norway and Russian, Thirty years of negotiations over the delimitation (Consultado Junho 2018), [Online]:

https://www.google.pt/search?q=UNEP,+border+dispute,+Norwege,+russian,&rlz=1C1GCEA_enPT776PT776&tbm=isch&source=iu&ictx=1&fir=FYkcHnn36k6bLM%253A%252C3tWVdWMStsafdM%252C_&usg=__mWr27qFC96OR3gqx0O84xNKtLxM%3D&sa=X&ved=0ahUKEWjbyvHYl6PcAhXE_KQKHW5uDe4Q9QEINTAB#imgrc=__

Department of State - United States of America in: office of Historian in: Book Cover of the 12th Edition of Thayer Mahan’s *The Influence of Sea Power upon History, 1660–1783*,

(consultado 5 de Março 2018), [Online]:<https://history.state.gov/milestones/1866-1898/mahan>.

Diário de Notícias [online], (2017), *Clima*, Sociedade , in: Denúncia. Degradação Ártico é oportunidade negócio para pesca, turismo e transporte, Lusa, (consultado em Março 2018), [Online]:<https://www.dn.pt/sociedade/interior/clima-degradacao-artico-e-oportunidade-negocio-para-pesca-turismo-e-transporte-8541580.html>).

Dias, Coronel Carlos Manuel Mendes (2011), *A Geopolítica Clássica e o Espaço Exterior*, Enquadramento, in: Revista Militar N.º 2512 (consultado em Dezembro 2017), [Online]:<https://www.revistamilitar.pt/artigopdf/657>.

Dodds, Klaus, (2005) *Global geopolitics, A Critical Introduction* - Fronteira Noruega-Rússia, (consultado em Março de 2018), [Online]:https://pt.wikipedia.org/wiki/Fronteira_Noruega-R%C3%BAssia

Fernandes, José Pedro Teixeira, “Da Geopolítica Clássica à Geopolítica Pós-Moderna: Entre a Ruptura e a Continuidade” artigo originalmente publicado em Política Internacional 26, Outono-Inverno (2002): 161-186 (consultado em Agosto de 2018).[Online]: realpolitikmag.org/wp/index.php/2015/06/06/da-geopolitica-classica-a-geopolitica-pos-moderna-entre-a-ruptura-e-a-continuidade/

Globalization of danger, Representing Geopolitics: what is geopolitics, (1998) citado por Heffernan, (consultado a 10 de Março de 2018), [Online]:https://www.amazon.com/dp/0273686097/ref=rdr_ext_tmb

Douhet, Giulio, (1869-1930) *Os Teóricos do Poder Aéreo*: Giulio Douhet/ (consultado a 7 de dezembro de 2017), [Online]:<https://www.aereo.jor.br/2010/12/07/os-teoricos-do-poder-aereo-giulio-douhet-1869-1930>.

Ebinger, Charles K. and Evie Zambetakis (2009), «The Geopolitics of Arctic Melt», *International Affairs*.

Echevarria, Antulio J (Tenente-Coronel), Exército dos EUA, (2004) *Recolocar no “caminho certo” o conceito de centro de gravidade*, (consultado a 2 de Agosto de 2018), [Online]:<http://www.au.af.mil/au/afri/aspj/apjinternational/apj-p/2004/1tri04/echevarria.html>.

Efferink, Leonhardt van, (2015), Geopolítica Ártica - reivindicações territoriais da Rússia, UNCLOS, o Lomonosov Ridge, (consultado em Maio de 2018).
[Online]:http://www.exploringgeopolitics.org/publication_efferink_van_leonhardt_arctic_geopolitics_russian_territorial_claims_unclos_lomonosov_ridge_exclusive_economic_zones_baselines_flag_planting_north_pole_navy/

Efferink, Leonhardt Van, 2015The Definition of Geopolitics – The Classical, French and Critical Traditions, (consultado em 10 de Março de 2018),
[Online]:http://www.exploringgeopolitics.org/publication_efferink_van_leonhardt_the_definition_of_geopolitics_classical_french_critical/

Emmerson, Charles, *The Future History of the Arctic* (2010), (Consultado em Setembro de 2018),[Online]:https://www.amazon.ca/Future-History-Arctic-Charles-Emmerson/dp/1586486365/ref=pd_sim_14_4?_encoding=UTF8&pd_rd_i=1586486365&pd_rd_r=55b26827-c3f1-11e8-a3f5-a953cb310f5f&pd_rd_w=vA0Sf&pd_rd_wg=EcJAD&pf_rd_i=desktop-dp-sims&pf_rd_m=A3DWYIK6Y9EEQB&pf_rd_p=f2db799a-cb6a

Farré, Albert Buixadé et al. (2013) This article was downloaded by: [Bibliothek des Wissenschaftsparks] On: 30 October 2014, at: 01:35 Publisher: Taylor & Francis Informa Ltd, Registered in England and Wales Polar *Geography*, Farré, Albert, (Consultado em Maio de 2018),

[Online]:<https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/1088937X.2014.965769>.

Forsyth Michael J., (Col. U.S. Army), Military Review (Januar-February 2018), The Professional Journal of U.S Army-Army University Press, *Why Alaska and the Arctic are Critical to the National Security of the United States*, (consultado a 11 de Setembro de 2018), [online]: <https://www.armyupress.army.mil/Journals/Military-Review/English-Edition-Archives/January-February-2018/Why-Alaska-and-the-Arctic-are-Critical>.

Forsyth Michael J., Why Alaska and the Arctic are Critical to the National Security of the United States Col. Michael J. Forsyth, U.S. Army, (consultado em Outubro de 2018),

[Online]: <https://www.armyupress.army.mil/Portals/7/military-review/Archives/English/Forsyth-why-alaska-and-arctic-are-critical.pdf> Why Alaska and the Arctic are Critical to the National Security of the United States Col. Michael J. Forsyth, U.S. Army.

Gramer, Robbie, (2007) "RUSSIAN 'Checkmate' in Arctic, As the warming region opens to new commercial and geopolitical interests, The Cable, May 3, (consultado em Abril de 2018), [Online]: <http://foreignpolicy.com/2017/05/03/u-s-coast-guard-chief-warns-of-russian-checkmate-in-arctic-military-high-north>.

Grant, Shelag, D., (2010), *Polar Imperative: A History OF Artic, Sovereignty in North America*, Douglas & Intyre, D&m Publisher INC., Vancouver/Toronto/Berkeley.

Guedes, Armando Marques, Conselho Saami (SC), (JANUS 2015-2016), *O Conselho do Ártico*, Integração regional e multilateralismo Editora:observare, Universidade Autónoma de Lisboa.

Guia geográfico - Mapa Ártico, (consultado a 6 de Março de 2018), [Online]: <http://www.guiageografico.com/artico/imagens/mapa-artico.jpg>

Grygiel, Jakub J., (2006) (*Great Powers and Geopolitical Change*, The Johns University Press Edition, Baltimore.

Ha, Yeong-Seok (2006), Sistema de Transporte de Recursos Naturais da Coreia em Hiromitsu Kitagawa (ed): Nova Era no Extremo Oriente, Rússia e Ásia, OPRF, Tóquio, 2006, Citado por Østreng, Willy in: "ARCTIS", (Consultado em Maio de 2018), [Online]: <http://www.arctis-search.com/ARCTIS+Database+%28Arctic+Resources+and+Transportation+Information+System%29>

Hoel, Alf Håkon, "The High North Legal-Political Regime": Russian, in Security Prospects in the High North-Geostrategic Thaw or Freeze? Ed. Sven G.

Holtmark and Brooke A. Smith-Windsor Hoel, Alf Håkon, (2009), *The High North Legal-Political Regime,": Russian, in Security Prospects in the High North- Geostrategic Thaw or Freeze?* ed. Sven G. Holtmark and Brooke A. Smith-Windsor (Rome: NATO Defense College, (consultado em Fevereiro 2018),

[Online]: <http://www.eia.doe.gov/oiaf/analysispaper/arctic/index.html#aongr>

Jacobsen, Marc, (2017), Introduction: *Arctic International Relations in a Widened Security Perspective*, PhD Candidate, Centre for Advanced Security Theory, Department of Political Science, University of Copenhagen Victoria Herrmann, PhD Candidate, Scott Polar Research Institute, University of Cambridge, (consultado em Maio 2018), [Online]:

<https://tidsskrift.dk/politik/article/download/97174/145958>.

Kaplan, Robert D. (2012) *The Revenge of Geography: What the Map Tells Us About Coming Conflicts and the Battle against Fate* New York: Random House, *Book Reviews* PDR 39(2) 347, XXII + 403 (consultado em Janeiro 2018),
[Online]:<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1728-4457.2013.00596.x/pdf>.

Kevin Krajick, (2016) US Fish and Wildlife Service, (consultado em Abril 2017),
[Online]:<http://earthsky.org/earth/decoding-climate-change-signals-arctic-treeline-tundra-alaska>.

Leal, Luís Rodrigues, (2014), *Geoplítica do Ártico no século XXI*, Edição de Letras Itinerantes.

Leal, Luís Rodrigues, (2014), *Geopolítica do Ártico no século XXI: Caracterização do Factor Militar*. Edição de Letras Itinerantes, citado por Labévière e Thual, 2008.

Luzin, Gennady P, Michael Pretes e Vladimir V. Vasiliev, (1994) *A Península de Kola: Geografia, História e Recursos*, in: *Arctic Institute of North America*, Vol 47, Nº 1 (Consultado em Junho 2018),
[Online]:<https://arctic.journalhosting.ucalgary.ca/arctic/index.php/arctic/article/view/1267>).

Map- Norway and Russia border, (consultado em Maio 2018),
[Online]:https://www.google.pt/search?rlz=1C1GCEA_enPT776PT776&tbm=isch&q=Noruega-R%C3%BAssia+border,+map&chips=q:noruega+r%C3%BAssia+border+map,online_chips:arctic,online_chips:north+pole,online_chips:delimitation,online_chips:barents+sea&sa=X&ved=0ahUKEwilgbz795TcAhVLWRQKHMYAvEQ4lYIKygC&biw=1344&bih=735&dpr=1.25#imgsrc=87xutyY-XXrnTM:

Mar de Barents, (consultado em Julho de 2018)
[Online]:<https://www.dicionarioinformal.com.br/significado/mar%20de%20barents/5245>
Marine Mammal Commission (MMC), *An Independent Agency of the U.S Government* "Climate Change and the Arctic", (consultado em 24 Março 2018), [Online]:
<https://www.mmc.gov/priority-topics/arctic/climate-change/>

Marshall Tim, “Prisoners of Geography” (2016), *Manufactured* in the United States of America.

Moiseenko, Andrei’, “Energeticheskie Voi’ny Nachnutsia v Arktike? (2009),

Is an Energy War Starting in the Arctic? Komsomol’skaia pravda 79 (May 30, 2009);

Energy Information Administration, “Arctic Oil and Natural Gas Potential,” October 19, 2009 (consultado em Fevereiro 2018), [Online]:

<http://www.eia.doe.gov/oiaf/analysispaper/arctic/index.html#aongr>.

Moreira, Adriano (2002), prefácio, 4ª edição Almedina.

Mundo Vestibular (1) [online], Introdução a Geopolítica, (consultado em Janeiro 2018),

[Online]:<https://www.mundovestibular.com.br/articles/6504/1/Introducao-a-Geopolitica/Paacutegina1.html>.

Mundo Vestibular (2)[online],O termo "Geopolítica" foi criado pelo cientista político sueco Rudolf Kjellén, no início do século XX, inspirado pela obra de Friedrich Ratzel, *Politische Geographie* (Geografia Política), de 1897, (consultado em Maio 2018), [Online]:<https://www.estudopratico.com.br//geopolitica/>.

Mychjlyszyn, Natalie, (2008), (a) Library of Parliament, Bibliothèque of Parliament, *The Arctic: Geopolitical issues*; Info series, Parliamentary Information and Researches Service, publication PRB 08-06E, (consultado em Maio 2018),

[Online]: <https://lop.parl.ca/content/lop/researchpublications/prb0806-e.htm>.

Mychjlyszyn, Natalie, (2008) (b) Library of Parliament, Bibliothèque of Parliament, *The Arctic: Geopolitical issues*, Info series, Parliamentary Information and Researches Service, publication PRB 08-06E, 24 October, (consultado em Maio 2018),

[Online]: <https://lop.parl.ca/content/lop/researchpublications/prb0806-e.htm>.

Nederveen,(2002),referenciado por Dias, Coronel Carlos Manuel Mendes, *A Geopolítica Clássica e o Espaço Exterior*, Enquadramento, in: Revista Militar N.º 2512, (2011), [Online]: <https://www.revistamilitar.pt/artigopdf/657> (consultado em dezembro 2017).

NOAA- Administração Nacional de Atmosfera e Oceano) dos Estados Unidos; (2010), Relatório: *Aquecimento do Ártico pode ser permanente*, 21 Outubro, REUTERS, (consultado em Junho 2018,

[Online]:<https://sustentabilidade.estadao.com.br/noticias/geral,aquecimento-do-artico-pode-ser-permanente-diz-estudo,627970>.

NASA: *Climate Change, NASA's Jet Propulsion Laboratory*, Shutterstock (left), Amy Johansson (middle), Avatar (right), "Climate Change", Photojournalists (online),

Editor: NASA, (consultado em 12 de Março de 2018),

[Online]:<https://climate.nasa.gov/resources/global-warming/>

Nogueira , José Manuel Freire 2007, "GEOPOLÍTICA, um olhar diferente", *em jeito de introdução...*, a primeira revista portuguesa sobre geopolítica, Centro Português de geopolítica, Editor:ISCIAL.

Nogueira, José Manuel Freire (2011). *O Método Geopolítico Alargado: Persistências e Contingências em Portugal e no Mundo*. Lisboa: IESD.

Nuttall, Mark, (1998) *Protecting the Arctic: Indigenous Peoples and cultural Survival*, , Harwood Academic Publishers, Amsterdam.

Østerud, Ø (1996): Statsvitenskap. Innføring i politisk analyse, Universitetsforlaget, Oslo, 1996. Citado por Østreng, Willy in:"ARCTIS", (consultado em Julho 2018)

[Online]: <http://www.arctis-search.com/ARCTIS+Database+%28Arctic+Resources+and+Transportation+Information+System%29>.

Østerud, Øyvind and Hønneland Geir, (2014) *Geopolitics and International Governance in the Arctic Review on Law and Politics*, (consultado em Março 2018),

[Online]: <http://site.uit.no/arcticreview/files/2015/01/Geopolitics-International-Governance.pdf>.

Østreng, Willy, 2010, *Geopolítica e Interesses de Grandes interesses de poder*, Citado por Østreng, Willy in: ARCTIS, (consultado em Março2018),

[Online]:<http://www.arctis-search.com/ARCTIS+Database+28Arctic+Resources+and+Transportation+Information+System%29>.

(Østreng, Willy: 2010), *As Passagens de Transporte do Oceano Ártico*, CHNL (consultado em Março 2018),

[Online]:<http://www.arctis-search.com/ARCTIS+Database+28Arctic+Resources+and+Transportation+Information+System%29>.

Østreng, W. (1977), *O Equilíbrio Estratégico e o Oceano Ártico*, Cooperação e Conflito, 1, 1977. Citado por Østreng, Willy in: "ARCTIS", (consultado em Março 2018)

[Online]:<http://www.arctis-search.com/ARCTIS+Database+%28Arctic+Resources+and+Transportation+Information+System%29>.

Østreng, W. (1982), *Sovjet i Nordlige Farvann. Atomstrategien, Nordflåten og norsk sikkerhet e Gyldendal Norsk Forlag, Oslo, 1982*. Citado por Østreng, Willy in: "ARCTIS", (consultado em Março 2018),

[Online]:<http://www.arctis-search.com/ARCTIS+Database+%28Arctic+Resources+and+Transportation+Information+System%29>.

Pepe, Jacopo Maria, (2016), *Beyond Energy-Trade and Transport in Reconnecting Eurasia – Dissertation Freie Universiät Berlin Germany*, Springer VS.

Perry, Charles M. And Andersen, Bobby (2012), publication of Institute for Foreign Policy Analysis, pode também ser visto em: Russa, (consultado em 31 de Março 2018), [Online]:<http://www.arctic-liaison.com/NSR>,

Kots, Andrei colunista da Sputnik, (Consultado em 30 de Março de 2018), [Online]: <https://br.sputniknews.com/russia/201708199151033-russia-artico-equipamentos-armas-sistemas-bases/>

Rainwater, Shiloh, (2013) *Race to the North: China 's Arctic Strategy and Its Implications*, Naval War College Review Volume 66 Number 2 Spring Article 7, (consultado em Julho de 2018),

[Online]:<http://digital-commons.usnwc.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1371&context=nwc-review>

Ribeiro, António Silva, (2017), *Teoria Geral da Estratégia: Essencial ao Processo Estratégico*, prefácio de Adriano Moreira Editores Almedina.

Rolim, Maria Luiza, (2012) “Degelo do Ártico atinge níveis históricos”: Expresso-Sociedade, (consultado em: Fevereiro 2018),
[Online]:<http://expresso.sapo.pt/sociedade/degelo-do-artico-atinge-niveis-historicos=f749398#gs.p4JCpB8>.

Sæther, R. (2000), o que precisamos? A visão da indústria naval sobre o potencial e os problemas da rota marítima do norte ”em Claes Lykke Ragner (Ed.) (2000a): O século XXI - Ponto de inflexão para a rota marítima do norte ?, Kluwer Academic Publishers, Dordre, Citado por Østreng, Willy, “ARCTIS”, (consultado em Maio 2018), [Online]:
<http://www.arctis-search.com/ARCTIS+Database+%28Arctic+Resources+and+Transportation+Information+System%29>.

Said Edward, (1993), *Cultura e Imperialismo*, Livros Vintage, Londres, 1993, Citado por Østreng, Willy, “ARCTIS”, (consultado Março 2018). [Online]:
<http://www.arctis-search.com/ARCTIS+Database+%28Arctic+Resources+and+Transportation+Information+System%29>.

Sequeira, Jorge Manuel Dias, T:C, (2014), *As Teorias Geopolíticas E Portugal*, Revista Militar nº 2547, *Teorizadores do Poder Terrestre*, citado por (Chauprade e Thual, 1999).

Sempa, Francis, P. (2014), *The Geopolitical Vision of Alfred Mahan*, IN: *The Diplomat*, December, (consultado em Dezembro 2017).

[Online]:<https://thediplomat.com/2014/12/the-geopolitical-vision-of-alfred-thayer-mahan/>

Sempa, Francis, P., (2014) *Mackinder, Geography, and History*, the University Bookman, Spring, (consultado em Dezembro 2017).

[Online]:<http://www.kirkcenter.org/bookman/article/mackinder-geography-and-history>

Sempa, Francis P. (2016), *Is Kissinger’s Triangular Diplomacy the Answer to Sino-Russian Rapprochement? To prevent a Sino-Russia security alliance, the U.S. should remember the advice of Henry Kissinger*, (consultado em Setembro 2018).
[Online]: <https://thediplomat.com/2016/08/is-kissingers-triangular-diplomacy-the-answer-to-sino-russian-rapprochement/>

Sequeira, Ten.C.Jorge M.D., (2014), *As Teorias Geopolíticas e Portugal: Teorizadores do Poder Terrestre*, Revista Militar.

Silva, Alexandre Pereira da, A Rússia avança no Ártico, Boletim Meridiano 47 vol. 15, n. 142, mar.-abr. 2014 [p. 20 a 27], (PDF). (consultado em Outubro 2018). [Online]: https://www.researchgate.net/publication/316874958_A_Russia_avanca_no_Artico.

Silva Pedro Ferreira da, (2010) *Os Teóricos do Poder Aéreo*, (consultado a 12 de Setembro 2018),[online]:<https://www.aereo.jor.br/2010/12/07/os-teoricos-do-poder-aereo-giulio-douhet-1869-1930/>

Sloan, Geoffrey (1988) *Geopolitics in United States Strategic Policy 1890-1987*, (consultado a 20 de Julho de 2018).

[Online]:<https://varldsinqbordeskriget.wordpress.com/2017/06/11/understanding-classical-geopolitics-geography-history-and-strategy/>

Soukup, Katarina, (2006), Canadian journal of communication, report: Travelling Through Layers: Inuit Artists Appropriate New Technologies, Igloolik Isuma Productions, (consultado em Junho 2018).

[Online]:<https://www.cjc-online.ca/index.php/journal/article/view/1769/1889> (consultado em 1 Dezembro 2017).

Spykman, Nicholas, (1938) *Geography and Foreign Policy*, Published [online]: 01 September 2013, (Consultado em Março 2018). [Online]:<https://doi.org/10.2307/1949029>.

Staus, Hannah, and Nuccio Mazzullo, (2014), *Polar Geopolitics? Knowledges, Resources and Legal Regimes*-Narratives, bureaucracies and indigenous legal order, Edited by Richard C. Powell, Klaus DOODS.

Sputnik (2017), *A verdadeira supremacia: quebra-gelos russos no Ártico*, in *Ciência e Tecnologia* (consultado em Junho 2017).

[Online]:https://br.sputniknews.com/ciencia_tecnologia/201707168879451-verdadeira-supremacia-quebra-gelos-russos-no-artico/

Steinberg, P. (2016) 'Europe's `others' in the polar Mediterranean.', *Tijdschrift voor economische en sociale geography* = *Journal of economic and social geography*., 107 (2).

(Durham University), Durham Research Online Deposited in DRO: 27 April 2015, Consultado em Setembro de 2018), [Online]: <http://dro.dur.ac.uk/15258/1/15258.pdf>.

Strategic Plan | Natural Resources Canada (2009), consultado em Julho de 2018), [Online]:<http://www.northernstrategy.gc.ca/gov/index-eng.asp>.

Tamnes, Rolf and Kristine Offerdal, (2017) *Geopolitics and Security in the Arctic: Regional dynamics in a global world*, Edited by Routledge, Taylor and Francis Group, London and New York.

Tomé, Luís Rodrigues Leitão, (2010) Dissertação de Doutoramento em relações Internacionais “ A geopolítica e Complexo de Segurança na Ásia Oriental: Questões teóricas e conceptuais.

Tuathail, (O’Geróid and John Agnew, (2004) *Geopolitics, An Introduction Reader*, in: geopolitics and Discourse, Edited by Jason Dittmer and Janne Sharps.

UNCLOS, (consultado em Maio 2018),
[Online]:https://www.google.pt/search?q=UNCLOS&rlz=1C1GCEA_enPT776PT776&oq=UNCLOS&aqs=chrome..69i57j69i60l3j0l2.7894j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8

Verchinin, Aleksandr, (2017) *Rússia Lança Novo Equipamento Militar Para Defender Árctico*, Ciência E Tecnologia Russia, (consultado em 30 Março 2018).
[Online]:https://br.rbth.com/entre_ideias_e_armas/2017/05/04/russia-lanca-novo-equipamento-militar-para-defender-artico_756399.

Wergeland, T. (1992), A Rota do Mar do Norte - Perspectivas Rosadas para o Transporte Comercial? Desafios Internacionais, vol. 12, não. 1, 1992. Citado por Østreng, Willy in:”ARCTIS” , (consultado em Março 2018).

[Online]:<http://www.arctis-search.com/ARCTIS+Database+%28Arctic+Resources+and+Transportation+Information+System%29>.

Wright, David Curtis, (2011), *The Dragon Eyes the Top of the World*, China Maritime Studies Institute U.S. Naval War College Newport, Rhode Island. (consultado Julho 2018),
[Online]:http://www.andrewerickson.com/wp-content/uploads/2017/09/China-Maritime-Study-8_China-Arctic-Policy-Debate_Wright_201108.pdf.

Yakovlev, A, O. Kossov, A Ushakov (1994), Aspectos Políticos da Expedição Internacional ao longo da Rota Marítima do Norte”, Documento de Discussão do INSROP, IV.2.2., São Petersburgo, dezembro de 1994. Citado por Østreng, Willy in:”ARCTIS”, (consultado 6 Março 2018),

[Online]:<http://www.arctis-search.com/ARCTIS+Database+%28Arctic+Resources+and+Transportation+Information+System%29>.

Wikipedia, [Online]: https://pt.wikipedia.org/wiki/alfred_thayer_mahan Geopolítica: Wikipedia, (consultado em Janeiro de 2018).

[Online]:<https://pt.wikipedia.org/wiki/Geopol%C3%ADtica>.

Geographical Pivot of History, (consultado em Janeiro de 2018).

[Online]:https://en.wikipedia.org/wiki/The_Geographical_Pivot_of_History

Ciência e vida nas Regiões Polares: Wikipedia(a), (consultado em Novembro 2017),

[Online]:<https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%81rtico>.

Ártico: Wikipedia(b), (consultado em Novembro 2017).

[Online]:<https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%81rtico>.

Reivindicações territorial no Ártico: Wikipedia, (consultado em 13 de Março de 2018).

[Online]:https://en.wikipedia.org/wiki/Territorial_claims_in_the_Arctic.

Arctic Shipping routes: Wikipedia, disponível na internet em: *Arctic Shipping routes*, (consultado a 8 de Março de 2018),

[Online]:(https://en.wikipedia.org/wiki/Arctic_shipping_routes

White House, President George W. Bush (2009) Diretiva Presidencial de Segurança Nacional e Diretiva Presidencial de Segurança Interna (consultado Junho 2018), [Online]:<https://fas.org/irp/offdocs/nspd/nspd-66.htm>.

Willett, Lee, *Arctic Security in An Age of Climate Change, After World*, The Arctic: a primary source of state on state confrontation? edited by Kraska, James, U.S. Naval War College and Foreign Policy Research Institute, Cambridge University Press.

Índice de Tabelas

Tabela 1: Distância em km entre os portos usando várias rotas do sul e do norte

Rota	Canal do Panamá	Noroeste Passagem	Nordeste Passagem	Suez e Malaca
Londres - Yokohama	23 300	15 930	13 841	21 200
Marselha - Yokohama	24 030	16 720	17 954	17 800
Marselha - Cingapura	29 484	21 600	23 672	12 420
Marselha - Xangai	26 038	19 160	19 718	16 460
Roterdão - Singapura	28 994	19 900	19 641	15 750
Roterdão - Xangai	25 588	17 570	15 793	19 550
Hamburgo - Seattle	17 110	15 270	13 459	29 780
Roterdão - Vancouver	16 350	14 330	13 445	28 400
Rotterdam - Los Angeles	14 490	15 790	15 252	29 750
Gioia Tauro - Hong Kong	25 934	24 071	21 556	14 093
Barcelona - Hong Kong	25 044	23 179	20 686	14 693
Nova Iorque - Xangai	20 880	17 030	19 893	22 930
Nova Iorque - Hong Kong	21 260	18 140	20 982	21 570
Nova Iorque - Singapura	23 580	20 310	23 121	18 770

Fonte:Arctis, [Consultado em Junho 2018], [online]:

http://www.diis.dk/graphics/Publications/Briefs2009/sac_northern_searoutes.

Anexos

Anexo A: Região Ártica e os países nela contidos



Fonte: Wikipedia⁵⁴, (Consultado em 15 Junho 2018) [online]:
<https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%81rtico>

⁵⁴Astronomicamente denominam-se círculos polares as linhas definidas pelos pontos de interseção entre a superfície da esfera planetária (em questão a terrestre) e uma reta imaginária que passe pelo centro do planeta de forma a posicionar-se sempre perpendicular ao plano eclíptico, provida no mínimo uma rotação completa do planeta (um dia sideral). Por simetria tais linhas justapõem-se a dois dos paralelos geográficos do planeta. Ao paralelo assim selecionado no hemisfério norte dá-se o nome de Círculo Polar Ártico, e ao paralelo assim selecionado no hemisfério sul dá-se o nome de Círculo Polar Antártico (Wiki, consultado em junho de 2018).

Anexo B : Delimitação na Região do Ártico: A linha da árvore

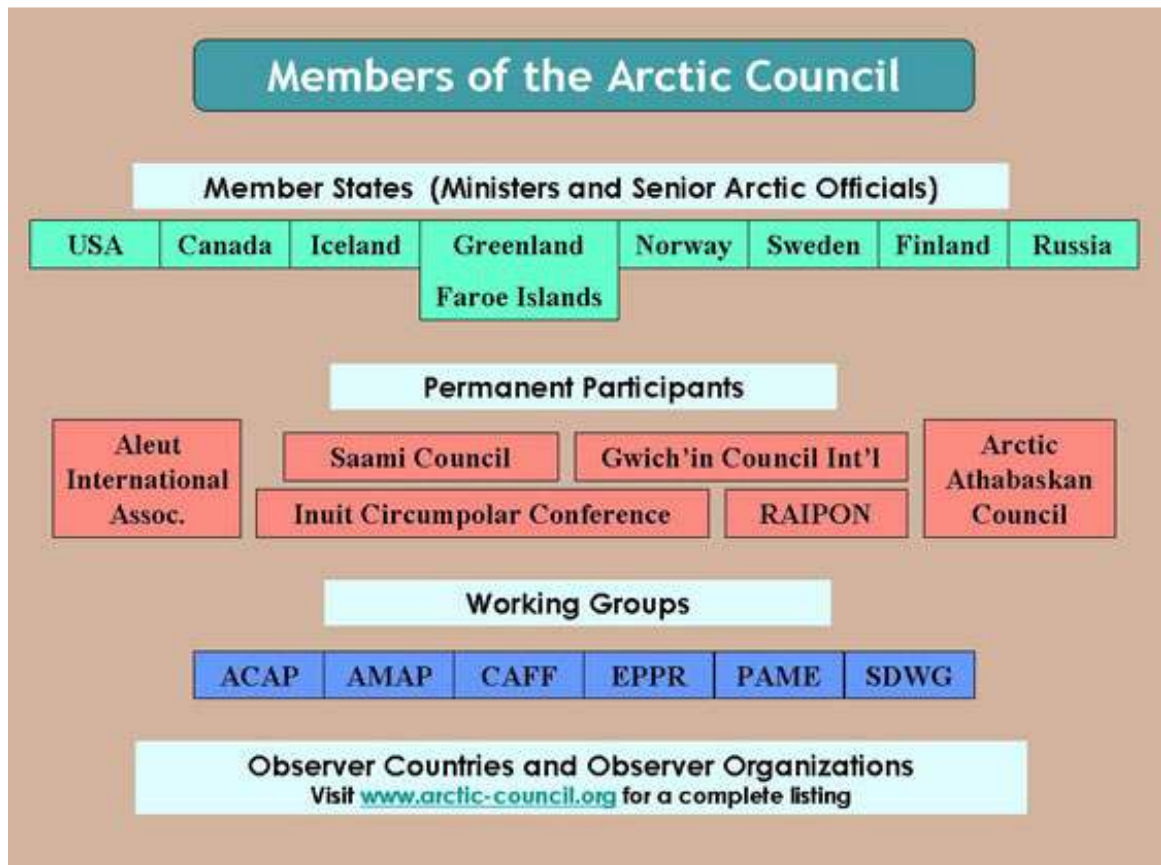


A linha da árvore, é a zona de transição ecológica mais longa na superfície terrestre, circulando pelas terras do norte da América do Norte e da Eurásia por cerca de 8.300, [consultado a 6 de Março de 2018],

Disponível em:

milhas. in:https://www.google.pt/search?q=TREELINE,+ARCTIC+,+NORTH&rlz=1C1GCEA_enPT776PT776&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=0ahUKEwjH8vPh59DbAhUNnRQKH.

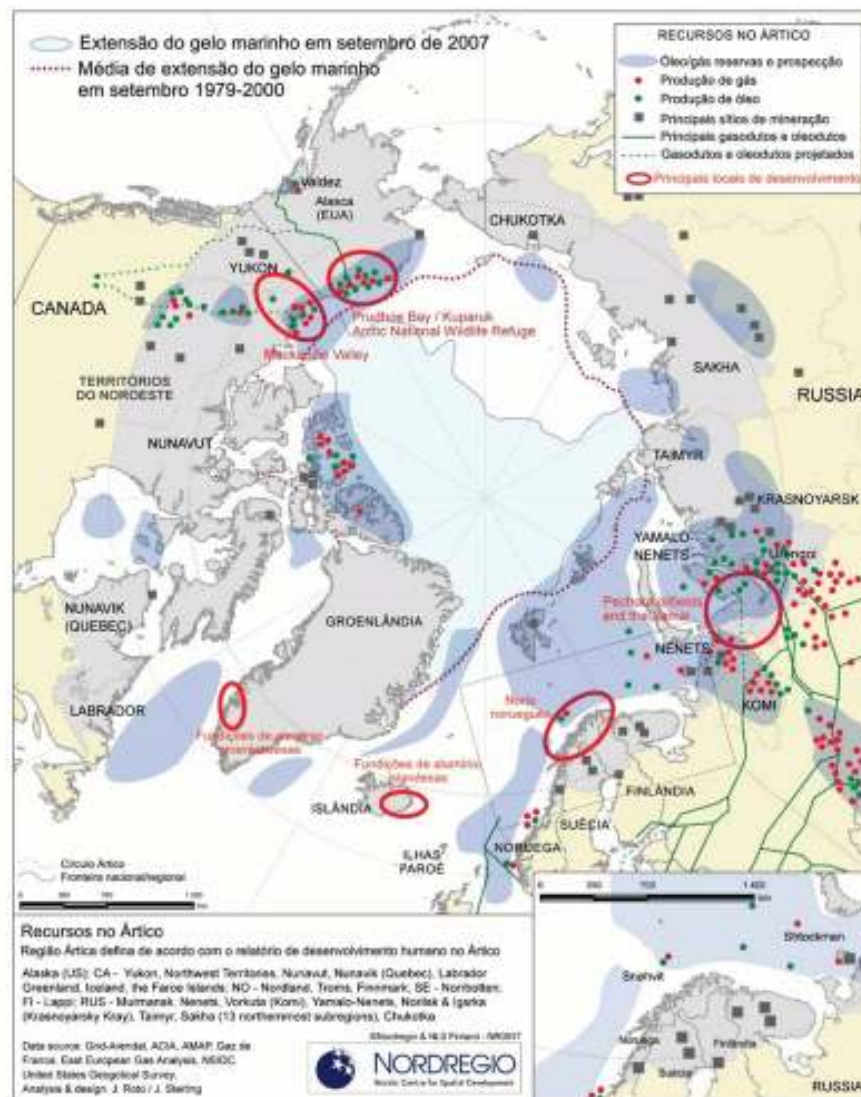
Anexo C: Membros do Conselho do Ártico



Fonte: bing images (consultado em Julho de 2018), [online]:

www.bing.com/images/search?view=detailV2&ccid=NsPAMKK9&id=FD0884752409E4A99E8373A19C174E34A5892C35&thid=OIP.NsPAMKK92k2naa5n8MakngHaFj&mediaurl=https%3A%2F%2Fimage.sli.desharecdn.com%2Fchinaandtheartctic-160511220701%2F95%2Fchina-and-the-arctic-7-638.jpg%3Fcb%3D1463004605&exph=479&expw=638&q=strategic+arctic+from+different

Anexo D - Reservas de óleo e gás, localização de minas e infraestrutura no Ártico



(Consultado em Julho de 2018), [online]:

https://www.google.pt/search?q=Reservas+de+%C3%B3leo+e+g%C3%A1s,+localiza%C3%A7%C3%A3o+de+minas+e+infraestrutura+no+%C3%81rtico&rlz=1C1GCEA_enPT776PT776&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=0ahUKEwiD56GU6JbcAhUCL1AKHc9pB8gQsAQIKQ&biw=1344&bih=735&dpr=1.25#imgsrc=Sv61L0ooBjuywM:

Anexo E: Arquipélago de Spitsbergen



Arquipélago de Spitsbergen, é o maior das ilhas do arquipélago ártico das Salbard, com 23,641 Km² e 2500 habitantes, dos wuais 60% são noruegueses e 35% são Russos, [consultado em Junho de 2018], [online]: https://www.google.pt/search?q=R%C3%BAssia+no+arquip%C3%A9lago+de+Spitsbergen+map&rlz=1C1GCEA_enPT776PT776&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=0ahUKEwjiovjGoKPcAhWG16QKHRbeCRwQsAQIRQ&biw=1344&bih=735#imgsrc=R8aRihgusJ9__M:

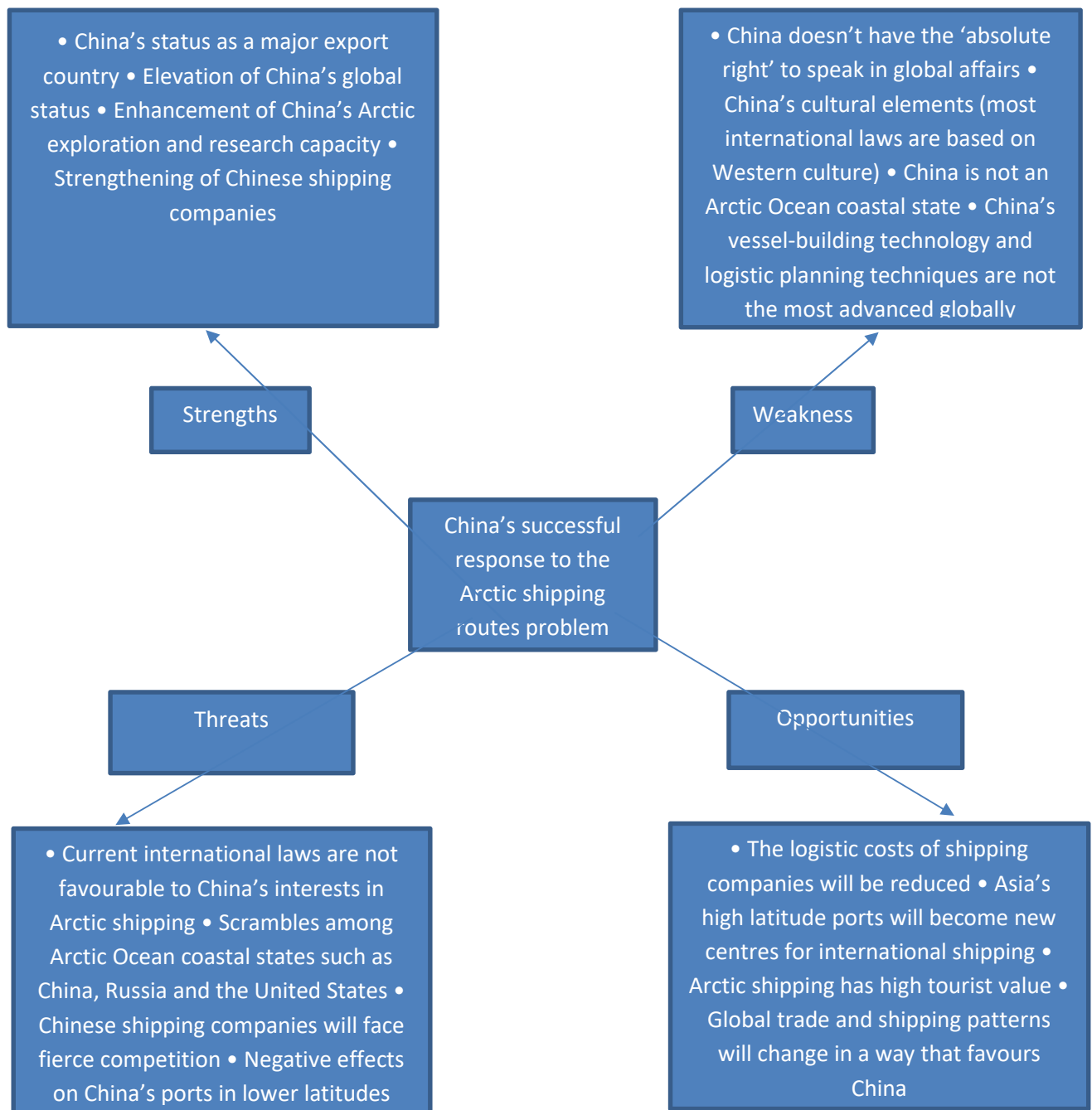
Anexo F: A visão da China em relação à Passagem do Mar do Ártico



A Chinese view of Arctic sea routes the captions label Shanghai, Rotterdam, New York, the 'North East Sea Route' (red) and the 'North West Sea Route' (blue). Source: Chinese Arctic and Antarctic Administration; map drawn by Hao Xiaoguang, (Consultado em Julho de 2018). [online]:

<http://lindajakobson.com/wp-content/uploads/2014/01/China-and-Arctic-2010-SIPRIInsight1002-Jakobson.pdf>

Anexo G: Análise da estratégia da China na rota do Ártico: forças, fragilidades, oportunidades e ameaças.



Fonte: autora, inspirado em: Li, Z., '北极航线的中国战略分析'

[Analysis of China's strategy on the Arctic route], Zhongguo Ruanxue, no.1(2009), pp.1–7, (Consultado em Julho de 2018), [online]: <http://lindajakobson.com/wp-content/uploads/2014/01/China-and-Arctic-2010-SIPRIInsight1002-Jakobson.pdf>